



# ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**ADOÇÕES INTERNACIONAIS – Tornar-se  
Mãe**

RITA RAQUEL PEREIRA RANA

**Orientador de Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## Agradecimentos

O percurso realizado ao longo de todos estes anos, bem como a realização desta dissertação, não teria sido possível sem o apoio, a ajuda e a dedicação de algumas pessoas, às quais faço questão de agradecer.

Em primeiro lugar, como não poderia deixar de ser, à Professora Doutora Maria Emília Marques, minha orientadora neste processo, pela transmissão de conhecimento que me foi útil em todos os aspectos, pela paciência e dedicação para que tudo decorresse da melhor forma, pelo incentivo em todas as etapas envolvidas, e pela ajuda em encontrar o caminho certo sem nunca o revelar por completo. E, com a sua forma particular, pela capacidade de acalmar em momentos de maior frustração ou mesmo “desespero”, nunca me irei esquecer das suas palavras. Por tudo isto, e talvez muito mais, muito obrigada!

Às duas participantes, pela disponibilidade em me ajudar neste estudo.

Aos meus pais, pelo esforço que têm feito ao longo de todos estes anos, pela paciência e pelo incentivo em quererem sempre que faça melhor, por serem o meu maior suporte em tudo, que nesta fase não poderia ser diferente, encorajando-me em todos os momentos mais difíceis e partilhando comigo, claro, todos os momentos de alegria, sempre com a certeza de que eu seria capaz. Não poderia pedir melhor, sem vocês chegar aqui não teria sido possível. Obrigada por tudo!

À minha irmã, que tendo igual certeza de que eu iria sempre conseguir chegar onde queria, apesar da sua forma particular de dizer que acha que vou ser a melhor na minha profissão, sempre esteve ao meu lado e foi um suporte muito importante nesta etapa da minha vida, tal como em todas as outras.

Aos meus avós, e à minha avó, por toda a ajuda e apoio que me prestaram durante o meu percurso, pela certeza de que eu seria a melhor e pelo orgulho que sempre tiveram em mim. Principalmente, ao meu avô Rana, pela disponibilidade incansável sempre que precisei. Ainda, ao meu avô Vítor que, apesar de desejar que estivesse ao meu lado neste momento, tenho a certeza que se estivesse teria o mesmo orgulho em todo o meu percurso, e tem-no certamente onde quer que esteja.

Aos meus tios e primos, pelo igual apoio e confiança. Em particular, à tia Elsa que me ajudou muito, desde o apoio por maior compreensão, talvez por saber o que estava a passar, até às suas

palavras na tentativa de que alguns momentos se tornassem o menos ansiosos possível, e pelos seus conselhos de “tratamento”.

Ao Guilherme, que sempre compreendeu e me apoiou nos bons e maus momentos, que me acompanhou nesta fase da minha vida, por acreditar sempre nas minhas capacidades, na felicidade que sempre demonstrou nas minhas vitórias e pela capacidade que tem em me fazer rir nos momentos mais difíceis.

Agradeço ainda, aos meus amigos, principalmente à Catarina, à Maria e à Inês, que de uma forma ou de outra me apoiaram e nunca me deixaram ficar mal em todo este caminho, tentando sempre que me reerguesse nos momentos de maior dificuldade. Em particular, ao Miguel, pela tentativa incansável em me ajudar nesta fase final, ao qual agradeço bastante a dedicação.

À Ana e ao Paulo pela ajuda crucial, sem eles, provavelmente, não teria conseguido com tanta facilidade chegar ao final desta fase.

A todas as minhas amigas de curso, em particular à: Ana Rendall, Cheila Rebelo, Marta Branco, Marta Silva, Soraia Guanilho, Mafalda Teixeira e Mariana Gordo. Todas, de uma forma ou de outra me ajudaram a chegar até aqui, sem elas não teria sido um caminho tão “fácil”, tornaram tudo muito mais leve de ultrapassar apesar de todos os momentos de desespero. Ainda, à Catarina Ramos, minha companheira de seminário, pelas partilhas em momentos mais difíceis, pelas angústias vividas em conjunto.

Pelos motivos descritos, e por muitos outros, agradeço sinceramente a todos pelo apoio nestes cinco anos, de alegrias e de frustrações, mas que sem vocês nunca teria chegado até aqui! Muito obrigada!

## Resumo

O presente estudo incide na Adoção Internacional, tendo como foco principal os pais adotivos. Pretende-se, através dos pressupostos teóricos da Psicologia Clínica, compreender os mecanismos do funcionamento psíquico ao longo da adoção, ou seja, a individualidade do olhar dos pais, em toda a sua dinâmica e complexidade do *eu*, de acordo com a sua subjetividade e intersubjetividade.

Este estudo foi possível através de duas participantes (mães), que passaram pelo processo de adoção no estrangeiro. Para tal, recorreu-se a um único instrumento de recolha e análise, a Entrevista Narrativa em Associação Livre – FANI, acedendo assim a um inconsciente de conflitos internos provenientes do processo de adoção, bem como a relação *eu-outro*.

Os resultados, evidenciam certos aspetos comuns entre as participantes, sendo o mais visível o facto de se centrarem muito no processo que envolve a adoção, deixando a vivência enquanto mães esquecida. Outra particularidade: não incluem o pai das crianças na sua narrativa. Individualmente, numa existe sentimento de incompletude e o conflito fica escondido através das questões burocráticas, e a outra parece ainda não ter assimilado o processo, existindo constantes lapsos temporais em momentos de maior sofrimento. Contudo, ambas acabam por revelar as suas angústias, de serem mães de crianças com outra cor de pele.

Palavras-chave: Adoção Internacional; Identidade; Alteridade; Materno; Narrativa em Associação Livre

## Abstract

The present study is centered International Adoption, tends as main focus the adoptive parents. It's intended, through the theoretical assumptions of the Clinical Psychology, to understand the mechanisms of the psychological functions along the adoption, that is, the individuality of the parents sight, in all their dynamics and complexity of *self*, according to their subjectivity and intersubjectivity.

This study was possible through two participants (mothers), that passed through the foreign adoption process. For such, we used a single instrument to collect and analyse dat, the Free Association Narrative Interview – FANI, accending to un unconscious of internal conflicts coming from the adoption process, as well as the relation *self-other*.

The results, evidence certain comuns aspects among the participants, being the most visible the fact of they centered a lot in the process that involves the adoption, living the experience while mothers forgotten. Another particularity: they didn't include the children's father into their narrative. Individually, in one of them exists na incompleteness feeling and the conflict is hidden through the bureaucratic subjects, and the other one still seems to haven't assimilated the process, existing temporary lapses in the moments of larger suffering. However, both of them reveal their anguish, of being a mother of a child with different skin color.

Key-words: International Adoption; Identity; Otherness; Maternal; Free Association Narrative

## Índice

1. <b>Introdução</b> .....	1
2. <b>Adoções Internacionais</b> .....	4
3. <b>Tipo de Estudo</b> .....	16
3.1. Método: Entrevista Narrativa em Associação Livre .....	17
3.2. Participantes .....	18
3.3. Procedimentos .....	19
3.3.1. De recolha.....	19
3.3.2. De análise .....	20
4. <b>Análise dos Dados</b> .....	22
4.1. Leonor.....	22
4.1.1. Análise da narrativa.....	22
4.1.2. Análise dos grandes temas .....	30
<b>1</b> – Projeto de vida .....	30
Desejo materno .....	30
Processo de “gravidez” .....	31
Conflito interno .....	32
Relação mãe-filho .....	33
<b>2</b> - Representação do <i>outro</i> .....	34
<b>3</b> - Consciencialização .....	35
4.2. Bárbara.....	36
4.2.1. Análise da narrativa.....	36
4.2.2. Análise dos grandes temas .....	42
<b>1</b> - Conflito interno .....	42
A confusão da pertença .....	42
Lapsos temporais .....	43

Cultura de origem .....	43
Filhos biológicos.....	45
2 – <i>Eu e o outro</i> .....	45
3 - A diferença da cor da pele .....	46
5. <b>Discussão</b> .....	48
6. <b>Conclusão</b> .....	58
7. <b>Referências</b> .....	60
<b>ANEXOS</b> .....	62
Anexo A – Transcrição da entrevista de Leonor .....	63
Anexo B – Transcrição da entrevista de Bárbara.....	79

*“A arte de escutar é como uma luz que dissipa a escuridão da ignorância”*

***Dalai Lama***

## **1. Introdução**

A adoção internacional tem sido objeto de recentes investigações, e este conceito envolve diversos pontos de interesse e de estudo, tanto do ponto de vista dos pais adotivos, como em relação às consequências futuras que poderão surgir nas crianças. Contudo, a literatura centra-se muito, e na grande maioria dos estudos, na criança migrante e na fase da adolescência, e por esse motivo, o presente estudo centra-se nos pais adotivos e na sua história, bem como as vivências que esta envolve, pois é uma perspectiva da história que não está totalmente explorada e que tem bastante relevância para este tema.

Inicialmente, a adoção começou por ser considerado um “segredo vergonhoso” para os pais e para a família adotiva, contudo, com o passar do tempo, passou a ser fonte de celebração, o que alterou por completo as dinâmicas familiares e, conseqüentemente, o comportamento das crianças ao longo do tempo (Miller, 2005). Contudo, muitas das vezes os pais continuam a preferir manter o estatuto de adotado em segredo, o que poderá trazer diversos problemas (Harf, Taieb & Moro, 2006).

Podemos afirmar que a adoção internacional se distingue da adoção nacional a diversos níveis, as crianças adotadas são então “migrantes incomuns”, pois a sua migração é feita sem a companhia de outros (Harf et al., 2015), neste caso sem a companhia dos pais biológicos, todavia acompanhadas pelos adotivos. Este facto reencaminha-nos para um ponto fulcral, o facto de estarem em minoria, devido à sua cultura de origem (Lee, 2003), dentro da família de adoção, o que envolve diversas consequências no seu futuro. Primeiramente, podemos falar das relações precoces, passando pelas questões do racismo que poderão, eventualmente, sofrer e, a mais frequente a construção da identidade na adolescência (Harf et al., 2006). Esta fase das suas vidas é, por si só, uma fase de dúvidas e de procura pela identidade, no entanto, torna-se mais acentuada nestes casos, pois essa identidade está longe do seu seio familiar de crescimento. Algumas das crianças adotadas chegam à fase da adolescência e não têm interesse em conhecer ou em ter conhecimentos sobre a sua família biológica, contudo, a construção da identidade, de certa forma, tem de passar por esse aspeto, enquanto que outras não conseguem construir a sua identidade até chegarem ao conhecimento da sua cultura de origem. Este aspeto, pode afetar em

grande escala a relação de filiação pais-filhos (Harf et al., 2006), tendo de haver um envolvimento ativo de ambas as partes, evitando assim maiores repercussões possíveis no futuro dos adolescentes, com isto, a atitude dos pais adotivos é crucial (Harf et al., 2015). Existem distintos olhares sobre este tema, por um lado existem pais que afirmam que os seus filhos adotivos são iguais aos biológicos, e que por esse motivo não fará sentido terem acesso à cultura de origem pois fazem parte da sua família e têm de estar integrados ao máximo, sentido que fazem parte dela (Harf et al., 2015). Em oposição, existem alguns pais que acreditam que é importante que os filhos conheçam e estejam envolvidos na sua cultura originária, pois faz parte da sua identidade (Harf et al., 2015). Existe ainda um grupo de pais que não segue nem uma perspetiva nem outra, afirmando que o correto será agir de acordo com a vontade dos seus filhos e de acordo com as perguntas que poderão ou não surgir ao longo do seu crescimento, ou seja, se os filhos quiserem conhecer as suas origens, os pais assim o farão, caso contrário também não forçam a que isso aconteça (Harf et al., 2015).

Neste sentido, este estudo propõe-se, à partida, dar a conhecer o que está por detrás das motivações, das representações e dos mecanismos do funcionamento psíquico dos pais que adotam internacionalmente, pois este processo envolve diversas vicissitudes que afetam em certos pontos a vida psíquica destes pais e que ainda estão por compreender. Com isto, constata-se algumas questões que poderão estar em aberto, tendo este estudo sido realizado ao nível de uma população não-patológica, ou seja, realizado em participantes em situações reais, daí o método mais adequado para o acesso à dinâmica e à complexidade do sujeito ser o método da Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI – *Free Association Narrative Interview*). Este método tem como objetivo eliciar a narrativa do sujeito, não de acordo com um consciente lógico, mas sim com o inconsciente (Hollway & Jefferson, 2008), e neste estudo em particular de um inconsciente que remete para os mecanismos utilizados no processo de adoção de duas mães adotivas (participantes), pois as associações livres levam às motivações emocionais por detrás daquilo que são as intenções racionais de cada uma (Hollway & Jefferson, 2008), acedendo isso ao subjetivo através do contexto intersubjetivo da entrevista (Hollway & Jefferson, 2008; 2013).

O presente estudo foi realizado sem que existisse uma hipótese de investigação à priori, tendo sido esta centrada nos dados fornecidos pelas participantes através da sua história, sem que existisse, à partida, uma estrutura fixa, dando assim liberdade para a associação livre. Foi então questionada apenas a sua vivência relativamente à adoção, para de seguida se partir para a análise dos dados, através da linha psicanalítica, bem como uma comparação dos mesmos, possibilitando assim chegar aos pontos comuns e distintos de cada uma. Assim, após esta recolha e tratamento

dos dados foi possível chegar ao objetivo central do estudo, compreender a dinâmica e a complexidade dos mecanismos de funcionamento psíquico das mães ao longo do processo da adoção internacional.

Assim, o estudo em causa envolve as experiências de duas mães que adotaram as suas filhas em Cabo Verde, uma delas em dois processos distintos (Leonor), e a outra que adotou duas gêmeas num processo único (Bárbara). O momento em que foram realizadas as entrevistas separa-nos do início das adoções com uma distância de mais de uma década, em ambos os casos, contudo, torna-se interessante perceber como viveram e continuam a sentir todos os momentos pelos quais passaram e os mecanismos que utilizaram para lidar com algo que ainda sentem como uma dor presente, com muitas vicissitudes e angústias envolvidas. Este estudo revela, então, alguns aspetos comuns entre as duas participantes e outros que as distinguem como seres únicos que são. Em comum têm, de um modo geral e que se ressalta ao longo das entrevistas, o facto de colocarem tudo no processo de adoção em si, ficando o materno e o desejo de ser mãe para trás, bem como a questão de retirarem o *outro* do seu discurso, sendo este *outro* os seus maridos, pais das crianças, parecendo então que o *outro* não é para elas algo securizador e que forneça segurança e apoio. É ainda visível, em ambas, que se encontram num conflito interno relativamente aos processos de adoção, cada uma da sua forma particular e com mecanismos de defesas específicos do seu modo de funcionamento, no entanto, ambas se apercebem e acabam por revelar as suas dificuldades, tanto pessoais como em relação ao futuro das filhas e, principalmente, em relação à cor da pele que as distingue.

Em suma, primeiramente, foi realizada uma revisão da literatura sobre o tema das adoções internacionais, relativamente ao percurso das crianças até à adolescência, e à forma como todo esse processo é assimilado pelos pais adotivos, com o intuito de compreender quais as consequências psíquicas subjacentes. Como segundo passo, foi realizado o levantamento dos dados através da Entrevista Narrativa em Associação Livre – FANI, de seguida procedeu-se a uma leitura compreensiva através do método referido e, conseqüentemente, o encontro do objetivo do presente estudo. Por fim, procede-se à realização da discussão, com a interligação dos grandes temas destacados nas entrevistas e a literatura tratada, bem como uma conclusão final do estudo, dos seus impactos, contribuições e possíveis aberturas para novos estudos.

## 2. Adoções Internacionais

A adoção é, desde há muito tempo, algo comum na sociedade. Contudo, a Adoção Internacional, e a maioria dos estudos sobre o tema centram-se na criança, principalmente na fase da adolescência, na construção da identidade que abarca a construção da alteridade, bem como as relações de filiação, diferenças físicas pais-filhos, e a ligação (ou não) com a cultura de origem, remetendo este ponto para estudos realizados com os pais adotivos e para a forma como estes encaram o assunto.

A adoção internacional refere-se assim a uma adoção legal de uma criança nascida num país estrangeiro (Harf et al., 2013; 2015) e, conseqüentemente, à criação de uma ligação de filiação entre duas pessoas estrangeiras uma à outra (Harf et al., 2006).

As crianças adotadas internacionalmente vêm de outro país e de outra cultura, podendo, com isto, ser consideradas “migrantes incomuns”, pois migram sozinhas (Harf et al., 2015) e são, muitas das vezes, o único membro da família a ter feito a passagem de uma cultura para outra (Harf et al., 2013b), factos estes que poderão trazer diversas conseqüências futuras, principalmente porque têm de lidar com o facto de terem sido abandonadas pelos seus pais biológicos (Harf et al., 2013; Harf et al., 2013b). É, com isto, uma história de vida dramática a destas crianças, pois nasceram de pais pobres ou menos favorecidos num país distante e mudam-se para outro para viver uma vida oposta, e muitas delas viveram em condições de extrema dificuldade com as suas famílias biológicas ou em instituições antes de serem colocadas para adoção (Miller, 2005). Tal como para a criança, existem momentos chocantes para os pais adotivos, como é o caso das imagens da instituição onde foram buscá-la, sendo que o primeiro encontro é associado à intensa confrontação com uma pobreza extrema, sendo um momento de choque também devido à saúde física em que a criança se encontra (Harf et al., 2013) e é, por este motivo, algo que permanece presente nas suas memórias.

Alguns autores, afirmam ainda que a adoção internacional pode ser uma situação qualificada como “experimental”, exatamente porque existem dois pares de pais, um biológico que fornece o património genético, e um legal que assegura a aprendizagem sociocultural e as interações emocionais da criança (Harf et al., 2006). Assim, pode-se constatar que a criança em causa pertence a diversos sítios, sendo estes divididos entre o seu país de nascimento, no qual decorrem as primeiras interações, e o país de acolhimento, onde irá viver a sua vida, e muitas das vezes desde fases muito precoces da mesma (Harf et al., 2015). Ainda, neste seguimento, de acordo com alguns autores, as representações parentais dos pais biológicos na vida da criança

antes da adoção e o impacto da primeira parte da sua vida com a mudança para uma outra cultura, um outro país, uma outra família, são fundamentais na construção da identidade da criança, contudo, os pais adotivos transmitem aos seus filhos, mesmo que inconscientemente, as suas próprias representações do país de nascimento e os seus receios ligados a essas representações (Harf et al., 2013b).

Uma das questões centrais que se coloca, é a diferença física entre os pais e as crianças, principalmente no que concerne à diferença de cor, na maior parte das adoções internacionais (Harf et al., 2015; Benoit, Harf, Skandrani & Moro, 2015), nomeado este fator por Lee (2003), como “paradoxo da adoção transracial” no qual as crianças se encontram. Mais especificamente, este conceito evoca o facto das crianças pertencerem a uma maioria invisível no seu meio familiar, mas ao mesmo tempo pertencerem a uma minoria visível devido à sua aparência física distinta (Lee, 2003). Isto é, por um lado, confrontam-se com uma minoria cultural por serem adotadas por pais com uma cor de pele diferente da sua e, por outro lado, sentem-se eles próprios, ou até mesmo pelos outros, como a maioria por fazerem parte de uma família que faz parte dessa maioria culturalmente (i.e. raça caucasiana e etnicamente europeu) (Lee, 2003).

Contudo, Harf et al. (2006) distinguem ideias divergentes relativamente a este tema, num ponto de vista existem autores que afirmam que promover conexões com a cultura onde nasceram cria risco de diferenças acentuadas entre a criança e os pais adotivos, diferenças essas que devem ser anuladas na construção da família, e assim o sucesso da adoção e do desenvolvimento da criança depende do envolvimento desta na história intergeracional dos pais adotivos. Por outro lado, outros autores, defendem que o envolvimento e a socialização com a cultura de origem ajuda na preparação da criança ao fazer parte de uma minoria étnica e a construir estratégias para lidar com o racismo e com a discriminação (Harf et al., 2015). Todas as crianças, mesmo as biológicas, são apresentadas com estranheza, sendo que também têm que “adotar” a sociedade em que estão, para que um sentimento de pertença mútua e recíproca se estabeleça e se instale de forma duradoura e, a criança que chega através da adoção internacional sente-se como uma estranha duplamente, levando este facto ao conceito descrito por Freud de “estranheza inquietante”, definindo-o por evocar a perplexidade que nos agarra, relativamente a certos objetos, ou a certas situações entre as quais a dimensão de viver, do humano ou de algo semelhante a nós, interrogando-nos profundamente, despertando uma certa angústia ou ansiedade (Freud, 1919 cit. por Golse, 2012). É importante ressaltar que a criança adotada é uma criança mestiça, que constrói a sua identidade a partir de afiliações e de identificações múltiplas, pelos seus pais devido à cor da pele, que abarca um cariz identificatório (Anzieu, 1985), ou à

aparência física que é diferente da sua, mas também nas imagens e representações que lhe são remetidas pela sociedade devido à sua alteridade (Skandrani, Harf, Mestre, & Moro 2012), e por serem mestiços (Harf et al., 2013b), pois esta multiplicidade de sentimentos de pertença podem ser fonte de sofrimento mas também de grande riqueza (Moro, 2002 cit. por Harf et al., 2013b).

Segundo Miller (2005), estas questões das diferenças poderão ter efeitos “naturais” ou de “criação” no comportamento ou na saúde mental das crianças adotadas, sendo que, tanto os fatores genéticos, como a separação dos pais biológicos, exposições ambientais e aspetos do ambiente da casa adotiva, são possíveis contribuidores de um comportamento adverso e de perturbações mentais nas crianças adotadas, no entanto, algumas pesquisas apontam para o facto de que “crises normativas”<sup>1</sup>, em crianças adotadas e nas suas famílias, serem muitas vezes vistas incorrectamente como patológicas. Contudo, apesar de por vezes existir esta visão incorreta, também podem realmente existir certos problemas, nos casos em que existe uma rutura da identidade (na adolescência) e, nestes casos, o corpo poderá ser solicitado, havendo assim passagem ao ato, e isso ocorre quando a problemática identitária está em primeiro plano, podendo mesmo levar ao suicídio (Harf et al., 2006), sendo neste sentido importante que exista uma forte identidade cultural, que é a chave para uma adaptação psicológica, protegendo contra o desenvolvimento de sintomas psicopatológicos, em particular a depressão e o suicídio tentado. Segundo Moro (2012, cit. por Benoit, Barreteau & Moro, 2014), existem três momentos de vulnerabilidade em crianças migrantes (adotadas internacionalmente, neste caso), sendo estes: as interações precoces, a entrada para as grandes aprendizagens e a adolescência. Com isto, a adoção tem um impacto traumático na construção da ligação pais-filhos, pois apresentam com frequência uma forma de ligação insegura e desorganizada quando chegam ao seu país de acolhimento, por isso é necessário que seja dado um tempo à criança para mudar as suas modalidades racionais, para que sejam criadas identificações recíprocas entre os pais e os filhos (Harf et al., 2013b).

Importante ainda referir que os períodos de vulnerabilidade dos pais (*touchpoints*)<sup>2</sup> ocorrem, principalmente, nos primeiros anos de vida da criança, sendo um dos momentos particulares do seu desenvolvimento durante o qual ocorre um movimento particular da criança, que envolve uma possível reorganização das ligações e das relações que são instaladas entre a criança e os seus principais parceiros interativos, sendo estes os pais e os irmãos (Golse, 2012). Assim, de acordo com Bion (1962), o trabalho dos pais abarca uma importância extrema no comportamento dos filhos, reconstruindo um continente psíquico que permita uma fase securizadora, desintoxicando os sentimentos projetados na criança (cit. por Harf et al., 2013b),

---

<sup>1</sup> *International Adoption, Behavior, and Mental Health* (Miller, 2005)

<sup>2</sup> *La double étrangeté de l'enfant venu d'ailleurs, accueilli en adoption internationale* (Brazelton, 1993 cit. por Golse, 2012)

podendo ainda ocorrer fases de regressão, descritos nas crianças adotadas nos primeiros momentos depois de chegarem à sua família, e correspondentes à necessidade de juntar fases interacionais precoces do objeto cuidador, tem como função reparar ou recriar uma história comum que tem o mesmo início (Harf et al., 2013b). Um dos momentos que se torna bastante relevante, neste sentido, é o primeiro contacto com a criança, podendo ser comparado com o momento dos pais biológicos em que nasce o filho, quando encaram o recém-nascido surge um sentimento de surpresa, ou até mesmo de confusão face a algo que é novo e que lhes pertence de alguma forma mas que ainda não é seu, surgindo aqui muitas questões (e.g. “fomos nós que fizemos isto?”) que podem assaltar os pais no momento do nascimento da criança, e que são muito importantes na preparação da futura alteridade construtiva deste novo indivíduo (Golse, 2012).

Podemos começar então a abordar em maior profundidade o tema da filiação e afiliação (pertença a um grupo social), descritas por diversos autores relativamente às crianças adotadas internacionalmente, pois é a partir delas que se desenvolve todo o mundo interno da criança, e que são consideradas uma vulnerabilidade específica na criança migrante (Bouche-Florin, Skandrani, & Moro, 2007). A filiação é um ponto muito importante na vida destas crianças, principalmente no que concerne ao “romance familiar”<sup>3</sup> e aos fantasmas das origens (Lévy-Soussan, 2002; Soulé & Lévy-Soussan, 2002 cit. por Skandrani et al., 2012) e, a primeira interação com a criança tem enormes repercussões na construção da ligação pais-filhos (Harf et al., 2013), conflito este que, segundo Freud (1909 cit. por Harf et al., 2013b), permite passar o conflito edipiano, organizando, finalmente, a ternura original sentida pelos pais idealizados na primeira infância. Assim, a adoção permite refletir sobre a importância da filiação imaginária e jurídica quando a filiação biológica é ausente (Harf et al., 2006). De acordo com a etnopsiquiatria, o desenvolvimento da identidade é resultado do cruzamento dos processos de afiliação e de filiação (Skandrani et al., 2012). É ainda importante referir, neste seguimento, que a identidade cultural/étnica é definida como uma divisão entre ritos, tradições, valores, línguas, comportamentos sociais e instituições de uma determinada cultura, sendo com isto as crianças adotadas internacionalmente um objeto de atenção, da mesma forma que os membros de uma minoria étnica (Benoit et al., 2015). Acrescentando a esta questão, torna-se relevante referir que o limite entre o dentro e o fora é o primeiro ponto visível através do *outro*, e esse ponto ataca a adolescência, mas ao mesmo tempo representa proteção, continente e pára-excitação, tendo como especificidade, nos casos de adoções visíveis, marcar a diferença e de expor à luz dos outros um filiação particular (Anzieu cit. por Harf et al., 2006).

---

<sup>3</sup> “*roman familial*” (Lévy-Soussan, 2002; Soulé & Lévy-Soussan, 2002 cit. por Skandrani, Harf, Mestre & Moro, 2012)

Agregada à questão da filiação está, inevitavelmente, a questão identitária da criança, a identidade que a mesma irá construir ao longo dos seus anos de vida, principalmente na fase da adolescência, como referido. E, as identificações na adolescência são algo complexo devido à duplicação das imagos parentais, pois por um lado existem as identificações dos pais adotivos, mas também as representações dos pais biológicos, questão esta que leva, nesta fase, ao questionamento da identidade e, conseqüentemente, promove o ataque à filiação (Harf et al., 2006). Um fator que poderá afetar esta construção da ligação entre pais e filhos e que levará à identidade, é a experiência traumática do pais no momento da primeira interação e, apesar de ser sabido que as crianças adotadas têm diversos traumas relacionados com as condições de vida difíceis antes da adoção, também é essencial olhar para as experiências traumáticas dos pais, pois é um desafio ter uma criança que já não é um bebé, que já experienciou condições de vida hostis e difíceis antes da adoção (Harf et al., 2013). E, ainda outra questão que pode aumentar o sofrimento dos pais é o facto de viajarem sozinhos, sendo que uma das principais emoções sentidas pelos pais são o medo e a solidão, emoções estas muito semelhantes às sentidas pelas crianças sentido também nas suas experiências medo e abandono, o que leva a uma falta de preparação para o primeiro encontro com a criança (Harf et al., 2013).

As crianças em situação de adoção explicam e contextualizam as suas identificações no sentido de se definirem de acordo com uma identidade única, e afastam-se de uma concepção estática de identidade, a favor de uma construção dinâmica e de renovação constante em relação ao *outro* (Benoit et al., 2015). A noção de ressonância entre a problemática da adolescência e a da adoção é um ponto fundamental, pois as dúvidas próprias da adolescência adquirem uma dimensão fantasmática amplificada com a realidade da adoção e, de facto, todas as adoções colocam a questão do património genético desconhecido, mas essa problemática e a da alteridade são particularmente realçadas nas adoções internacionais, pois, principalmente a alteridade, representa a diferença característica da adoção internacional (Harf et al., 2006). Existem com isto alguns focos relevantes na fase da adolescência, tais como o processo de separação/individuação que representa no adolescente algo muito complexo, porque os pais adotivos e a criança já se depararam com outras separações, com outras perdas, e ainda o facto do abandono inicial dos pais biológicos ser um atentado narcísico (Harf et al., 2006). A adoção, no que esta representa ao nível fantasmático, ocupa um lugar muito particular em relação aos outros elementos biográficos, com isto, a situação adotiva interroga as necessidades quando as ligações sanguíneas estão ausentes (pais biológicos), forçando a elaboração psíquica da mesma essência da ligação familiar (Harf et al., 2013b), podendo levar a que reivindicuem ou rejeitem os elementos culturais do seu país (Benoit et al., 2015). Assim, a constatação da cor da pele, a diferença do seu corpo

relativamente ao dos seus pais é um elemento importante na compreensão da adoção (Harf et al., 2006).

Neste seguimento, podemos começar então por abordar a questão da identidade étnica, de grande relevância neste tema, pois estas crianças são originárias de culturas muito distintas daquela à qual os pais adotivos pertencem. Alguns autores referem que todos os indivíduos identificados, como pertencentes a uma certa comunidade étnica ou cultural, têm a mesma identidade étnica, e esta seria adquirida, ou não, durante a adolescência ou idade jovem-adulta e surgiria com diferentes níveis de intensidade (Skandrani et al., 2012). As preocupações das famílias e das suas crianças levantam novamente a questão das diferenças, da alteridade da criança e das suas afiliações, e estas questões não se referem apenas a um património genético diferente, mas também a uma diferença da aparência física e da cor da pele, que tornam a simbolizar o país e a cultura de nascimento da criança, estando este facto relacionado com a questão da conceptualização da identidade (Skandrani et al., 2012). A alteridade da criança leva à dificuldade dos pais inscrita da própria criança na “filiação imaginária”, e especialmente na altura da adolescência na exacerbação do questionamento da identidade mas, o percurso dos pais adotivos feito até ao momento em que vêem a criança pela primeira vez, é uma realidade específica da adoção internacional e que tem um papel fundamental na construção da parentalidade, pois as representações que se constroem à volta da criança são determinantes no momento da adolescência (Harf et al., 2006).

Este termo da identidade étnica, de acordo com Benoit et al. (2015), poderá então envolver três dimensões, sendo estas: a identificação de uma pessoa a um grupo étnico, o sentimento de pertença a esse grupo e a intensidade dessa identidade étnica. A adoção internacional coloca igualmente a questão do estrangeiro, que nós podemos eludir quando a preocupação é o mundo externo (racismo), mas não quando o estrangeiro é a nossa criança (Harf et al., 2006), e que poderá ser um momento traumático (Baubet & Moro, 2000), levando isto à importante questão do modo como os pais adotivos lidam com o racismo e com a descriminalização (Harf et al., 2013), pois a confrontação com o racismo e com a dificuldade em estabelecer uma identidade cultural e respeito próprio são fatores que explicam potenciais problemas ou de sofrimento na adolescência (Harf et al., 2006). Um facto curioso, é que ao lidar com estas questões da discriminação ou com as viagens ao país de origem dos filhos, alguns dos pais adotivos têm um conflito com a escolha do nome da criança, questionando se darão um nome do país ao qual eles pertencem ou se dão um nome pertencente ao país de origem dos filhos (Harf et al., 2015).

As teorias transnacional e pós-colonial voltam a pôr em causa que todos os migrantes, de qualquer sexo, nacionalidade ou etnia, e qualquer país para o qual migram, passam pelo mesmo processo de aculturação ou pelo mesmo processo de identidade, contudo, tal concepção ignora as relações frequentemente assimétricas entre o país de acolhimento e o de origem, relações frequentemente inscritas num passado colonial, relações entre a sociedade dominante e a minoria migrante no seu país de acolhimento, relações frequentemente caracterizadas por experiências de racismo, de discriminação e de exclusão social (Skandrani et al., 2012; Benoit, Berreteau & Moro, 2014), contudo, alguns autores confirmam a importância subjetiva das experiências de discriminação e o papel ativo dos adotados na construção das suas pertenças culturais (Benoit et al., 2015). Ainda, importante referir que, tal facto, implica que as conciliações identitárias de adolescentes migrantes envolvam contradições, conflitos de lealdade e de diálogos, entre diferentes significados culturais (Benoit et al., 2014).

O campo aberto da reflexão é relativo à diferença, diferença essa que interfere no mais íntimo, a filiação (Harf et al., 2006), e este sentimento de diferença e as experiências de discriminação têm uma grande importância na experiência da vida real subjectiva (Benoit et al., 2015). Com isto, os pais adotivos são confrontados com um paradoxo: a forma como a inscrição na filiação imaginária é possível no reconhecimento mútuo, portanto, a negação da diferença na aparência física (Harf et al., 2006), e ainda o facto de incorporar como sua, completa e irrevogavelmente, uma criança que vem de fora (de outros) (Harf et al., 2013b). Este ponto, ganha ainda maior amplitude, tal como os restantes fatores, quando se entra na fase da adolescência, pois é nesta fase que as modificações corporais conduzem a um conjunto de investimentos narcísicos e objetivos, e a necessidade do adolescente em rejeitar brutalmente as imagens parentais, introduz profundas dificuldades na relação com os outros e consigo mesmo, pois exprime uma interrogação ansiosa relativamente ao seu *eu* (Benoit et al., 2014). No entanto, a questão do estrangeiro, do diferente, deve ser pensado como um elemento necessário para estabilizar a linha de filiação onde a criança não é unicamente um prolongamento narcísico (Harf et al., 2006).

Moro, introduz o conceito de miscigenação (relações inter-raciais) e, segundo a autora, o pensamento sobre este é possível a partir de uma conceptualização da identidade em termos de combinações e de relações (Moro, 1998 cit. por Skandrani et al., 2012). Este conceito supõe um movimento, uma relação na qual as pessoas se transformam umas às outras, facto este que se opõe à tensão identitária, que pelo contrário exclui o *outro* do *eu*, que não corresponde a uma fixação, pois a identidade é uma transformação, e não algo finito, definido ou definitivo, a

miscigenação é então também um processo instável, do qual o conflito é um elemento constitutivo (Skandrani et al., 2012), necessitando, com isto, de (re)criação e redescobrimto (Rolland, 2006 cit. por Skandrani et al., 2012). Contudo, o cruzamento psíquico e cultural que abarca este conceito, é elaborado através de uma diversidade caótica, de representações, de símbolos e de lacunas, sendo necessário os pais terem capacidade de elaborar e recriar o que está “arruinado” nas crianças (Skandrani et al., 2012). Ainda, a alteridade é diferentemente percebida e sentida, existindo sempre dois pólos, podendo ser negada ou valorizada, ser objeto de discriminação ou de admiração, sendo assim conduzida pelos movimentos pessoais e familiares que os pais e os filhos vão experienciando (Skandrani et al., 2012). Com isto, é verificado, mais um vez que a construção da identidade destas crianças, confrontadas com a multiplicidade, não está apenas relacionada com as filiações, mas também com as afiliações, a sua alteridade, as suas experiências de racismo e de discriminação (Skandrani et al., 2012).

Podemos, neste seguimento, aprofundar o ponto da procura das origens que, segundo Winnicott<sup>4</sup>, inevitavelmente começa a surgir com maior interesse, sobre estas e sobre a hereditariedade, na fase da adolescência (Harf et al., 2006), no entanto, é algo que acaba por depender também dos pais adotivos. Benoit et al. (2015), definem três conceitos importantes, em primeiro lugar, a competência bicultural, que é definida como o conhecimento que um adotado tem da história, dos valores, das crenças e dos costumes do seu país de origem, envolvendo-se assim nas atividades das duas culturas; em segundo lugar, surge as competências culturais dos pais, definidas como a participação dos pais na socialização cultural do seu filho(a) e a sua adesão à ideia de que uma identidade cultural é uma identidade étnica forte a favor do seu bem-estar; por último, a cultura de nascimento, que é considerada a cultura que comporta um fundo biológico, independente da socialização da criança (Benoit et al., 2015). Contudo, o adolescente, em oposição ao desejo parental, decide por vezes procurar a família de origem, apesar de ser incapacitado de assumir, esta escolha não será explícita, mas exprime-se como uma escolha “por padrão”, ligada ao fracasso que corresponde ao desejo parental (Benoit et al., 2014), pois a competência bicultural das crianças depende das crenças dos pais relativamente à importância da socialização bicultural (Harf et al., 2015).

Ainda, a reificação de um elemento da história da criança, “sendo adotado”, poderá confrontar os pais adotivos e alimentá-los à tentação de relacionar um comportamento, um sintoma, exclusivamente ao estatuto de adotado, às origens da criança e ao seu património genético, ao *outro*, a outro lugar, ao desconhecido (Harf et al., 2013b), e os elementos culturais

---

<sup>4</sup> *Adolescence et adoptions internationales: une nouvelle problématique?* (Harf, Taieb & Moro, 2006)

transmitidos pelos pais adotivos são artefactos da cultura de nascimento, sem permitir a construção de uma identidade mestiça, lembrando sempre a criança da sua diferença (Benoit et al., 2015) e, de acordo com Lee (2003), deve-se deixar a criança escolher a sua socialização cultural, libertando os pais da sua responsabilidade e deixando-a na criança, medida esta que poderia ajudar no sentimentos de ambivalência dos pais, e a suprimir o interesse pela cultura do país de origem, de modo a preservar a harmonia familiar. Por outro lado, a relação com o país de origem é muito complexa, enquanto que alguns adolescentes preferem ignorar totalmente, outros querem saber tudo sobre o seu país, aprender a língua e os costumes (Harf et al., 2006).

Neste sentido, torna-se relevante referir que existem diferentes opiniões de diversos pais relativamente a este tema, relativamente à ligação dos seus filhos com as origens, mas é demonstrado por todos o desejo comum de querer proteger a criança. Alguns dos pais consideram que estão a proteger os seus filhos ao igualá-los completamente aos filhos biológicos, pois, para eles, para que façam totalmente parte da família, não será adequado fazerem também parte da cultura de origem, enquanto que outros dizem estar a protegê-los ao desenvolver ativamente a sua identidade bicultural, pois faz parte da sua identidade, e ainda outros que protegem ao suportarem e acompanharem a sua criança na direção que esta escolher, tanto se a escolha for uma recusa ou uma procura da cultura do seu país de origem (Harf et al., 2015), indo esta última opinião ao encontro das afirmações de Lee (2003).

Este tipo de migração (adoção internacional) tem como consequência a rutura com os pais de origem, o que implica, de certa forma, a perda do seu quadro cultural (Benoit et al., 2014), a não ser que exista a envolvimento dos pais adotivos para que essa perda não ocorra tão abruptamente, pois as crianças têm uma “estruturação cultural” e esta é desenvolvida nos seus primeiros anos de vida, com o contacto cultural em que nasceu, sendo originária da cultura interiorizada e integrativa na estruturação psíquica do sujeito. A perda desse contacto poderá levar a uma situação de “aculturação”, ou seja, de novos significados culturais, os do seu país de acolhimento, que se deparam com a estruturação cultural da criança, envolvendo processos dinâmicos e dialógicos (Bouche-Florin et al., 2007; Benoit et al., 2014). Com isto, a criança migrante em situação de adoção internacional estrutura-se numa clivagem (Benoit et al., 2014; Baubet & Moro, 2000) ou filiações e afiliações dissociadas, e o desejo por parte das crianças de rutura com os pais migrantes está relacionado com a vergonha e com um trauma relativo aos pais de origem, impedindo a transmissão de conhecimento e da função de simbolização (Benoit et al., 2014), existindo ainda um risco de clivagem como mecanismo de defesa dos pais, pois por um lado a criança é “sua” mas por outro tem as suas origens (Harf et al., 2006). Alguns autores

propõem então que os pais adotivos encorajem a socialização bicultural do seu filho(a), com o intuito de evitar a “alienação e as tensões culturais”<sup>5</sup> da criança, mas sem obrigar à participação das suas atividades caso este se mostre reticente (Benoit et al., 2015).

Entramos agora numa perspetiva mais direccionada para os pais adotivos destas crianças e o que poderá influenciar, e a que níveis, a sua vida e a dos seus filhos. É, então, crucial compreender projeções, identificações, representações parentais da criança para aceder à história transgeracional dos pais, pois a adoção é feita a dois, e na história individual de cada um é acrescentada a história do casal, permitindo assim o conhecimento da história a criação de uma ligação de filiação, e na situação adotiva é acrescentada a história que os levou à adoção, sendo muitas das vezes por motivos de solidão, esterilidade acompanhada de fracassos nos tratamentos medicinais, doença, recusa da gravidez, vontade de ajudar um criança, e muitos outros motivos que poderão surgir e que levam à adoção (Harf et al., 2013b).

A avaliação do impacto das condições de vida antes da adoção comporta diversas dimensões, tais como os fatores genéticos, pré-natais ou pós-natais (momento do parto), que influenciam diretamente o desenvolvimento posterior da criança, e estes fatores podem constituir um potencial risco ao nível da inquietude parental, assim o período da vida antes da adoção torna-se igualmente relevante devido às interações precoces, sendo necessário os pais retornarem a certos pontos da vida da criança, tais como a idade a que foi para a instituição, durante quanto tempo esteve lá, como eram feitas as refeições, se dormia com outras crianças na cama ou sozinha, quem é que se ocupava dela, qual a língua falada com ela, a vivência (ou não) com a família de nascimento nos primeiros meses de vida, as potenciais hospitalizações, as ruturas, os maus-tratos, as carências e o cuidado inadequado são informações preciosas (Harf et al., 2013b).

Existem ainda diversos fatores que fazem parte dos pais adotivos antes de receberem o seu filho(a), um deles definido por Golse (2012) como o “filho imaginário”<sup>6</sup>, que evoca as representações mentais relativas à criança e envolve quatro aspetos principais. O primeiro é a criança fantasmática, que corresponde a um grupo de representações inconscientes, profundamente inscritas no psiquismo de todos; o segundo é nomeado como a criança sonhada, correspondente a um grupo de representações conscientes ou pré-conscientes forjadas pelo casal de pais no qual começam a elaborar um desejo da criança e todas as fantasias relacionadas com ela; num terceiro ponto, fala-se na criança narcísica, que tem a missão de fazer melhor que os pais, de compensar as suas esperanças desapontadas, é uma criança que vem para reparar os seus

---

<sup>5</sup> *Adoption internationale: le point de vue des adoptés sur leurs appartenances culturelles* (Benoit, Harf, Skandrani & Moro, 2015)

<sup>6</sup> “*enfant imaginaire*” (Golse, 2012)

fracassos, que vai estender os pais nos seus próprios limites e finitude; e, por fim, a criança cultural, que corresponde às representações coletivas de uma sociedade ou de um grupo sociocultural particular (Golse, 2012). Assim, entre a criança imaginária e a real existe uma distância, mas não pode ser nem muito grande nem muito pequena, para que o imprevisto possa ser algo integrável.

Outra questão que surge por vezes, e que está representada também na análise de dados deste estudo, é a “gravidez psíquica” das mães candidatas à adoção, que envolve reorganizações das representações que os pais têm durante uma gravidez, e estas reorganizações preparatórias são necessárias para o acolhimento de um novo membro com condições psicoafetivas satisfatórias, com o intuito de estabelecer a distância aceitável entre a criança real e a imaginária, com isto, este processo de “gravidez psíquica” pode ser um espaço de libertação das diferentes representações mentais da criança imaginária, o que poderá ser favorável para os pais adotivos no acolhimento da criança, pois é como viver uma gravidez de forma simbólica (Golse, 2012), ou seja, este trabalho psíquico dos pais é necessário na instauração da filiação imaginária, necessário no momento da adoção e novamente mobilizado na adolescência (Harf et al., 2006). Mas, para muitos candidatos à adoção, este processo é vivido com muita intensidade pelo desejo da criança, passando por processos pesados e dolorosos (Golse, 2012), sendo que o percurso da adoção é algo demorado e difícil, pois a grande maioria dos pais adotivos, como já referido, passam por tratamentos médicos para a infertilidade que envolvem um grande nível stress e, para além disso, esperam longos anos antes de terem a oportunidade de conhecer a criança que vão adotar (Harf et al., 2013).

Após os momentos em que apenas se imagina a criança, surge o “nascimento”, que é, neste caso, substituído pelo momento em que os pais vão buscar a criança. Com isto, surgem três momentos cruciais, o momento em que a criança é oficialmente entregue aos pais, a descoberta do corpo da criança, e a primeira interação pais-filho (Harf et al., 2013), no entanto, estes momentos e experiências são bastante distintos aos olhos e nas vivências de cada pai e dependendo também de cada criança (Harf et al., 2006). Desde as associações, às viagens ao país de origem da criança, às visitas aos orfanatos, do encontro com uma criança num contexto muitas vezes difícil, tudo influencia, também pelo mau estado físico em que esta se encontra, ou pela impossibilidade de poderem ter o seu filho imediatamente devido às suas carências precoces, ou à transmissão de informação por vezes ausente das pessoas que estão a cuidar até ao momento da criança, tudo isto são questões que modificam por completo a viagem da adoção de cada pai, porém, as diferenças na vivência de cada um também é tão diferente, dependendo do

país de origem do seu filho, o modo como funciona e a vivência precoce da criança (Harf et al., 2006).

Harf et al. (2013), concluíram que é visível, no que concerne ao momento em que a criança é oficialmente sua, alguns pais verem-no como algo mágico e de reconhecimento mútuo, mas, em oposição, alguns representam-no como algo que abarca sentimentos de inquietude e de ansiedade, existindo ainda pais que não projetam qualquer tipo de emoção a este momento. Quanto à descoberta do corpo da criança, muitos descrevem os problemas de saúde visíveis, bem como do desenvolvimento psicomotor, alguns culpando-se pelas reações que tiveram ao ver a criança (Harf et al., 2013). Por fim, ainda segundo Harf et al. (2013), surge a descrição do primeiro momento de interação entre os pais e a criança, por um lado, alguns pais sentiram uma sensação de rejeição e um conseqüente stress pois não ocorreu como tinham imaginado, por outro lado, algumas crianças aceitam imediatamente os pais e estabelecem uma ligação positiva, algo que é gerador de grande felicidade para os pais.

A vivência dos pais no momento da adoção está muito presente no psiquismo, tendo muita influência nas representações que são construídas em torno da criança, que no momento da adolescência e dos seus conflitos surge uma ligação entre os sintomas da adolescência e o que foi sentido pelos pais no momento da adoção, assim, a ligação pais-filhos, testada na adolescência, é construída em função das vivências recíprocas dos pais e da criança nestes primeiros momentos das suas vidas (Harf et al., 2006).

### 3. Tipo de Estudo

O presente estudo incide em procedimentos unicamente qualitativos, contudo, distintos dos habitualmente utilizados neste tipo de método, centrando-se mais na pessoa e no que a mesma tem a dizer sobre si, sem que exista uma estrutura prévia que a encaminhe a responder ao pretendido pelo analista ou entrevistador.

Neste caso, é então utilizado outro tipo de método, mantendo-se ainda assim totalmente dentro do método qualitativo, o método de Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI), desenvolvido por Hollway e Jefferson (2008, 2013), tendo sido escolhido por ser o que melhor se adequa ao objetivo deste estudo, pois o foco central neste processo interpretativo são as associações livres obtidas na entrevista (Hollway & Jefferson, 2008, 2013), isto porque as narrativas das pessoas envolvem conteúdos inconscientes que necessitam de interpretação, interpretação essa necessária e realizada através dos conceitos psicanalíticos (Hollway, 2004).

Com isto, neste método narrativo não é utilizado a entrevista tradicional de pergunta-resposta, mas segue-se sim pela seleção de temas e de tópicos e organizando as questões de acordo com a linguagem da pessoa, ou seja, deverá ser uma linguagem transparente, e neste sentido o entrevistador deverá ter a responsabilidade de ser um bom ouvinte e o entrevistado deverá contar a sua história, ao invés de apenas responder a questões (Hollway e Jefferson, 2008). Neste sentido, o método narrativo deverá estar aberto ao desenvolvimento e à mudança, dependendo das experiências do entrevistado.

As histórias contadas pelas pessoas são normalmente estruturadas, tendo uma sequência coerente e causal, têm um princípio, um meio e um fim, ou seja, a narrativa organiza as experiências humanas em episódios temporais significantes (Hollway & Jefferson, 2008), e a associação livre encoraja as pessoas a reportar os seus pensamentos sem reservas ou pressupostos censurados que conduzem ao que é significativo (Hollway, 2004). O foco incide então em dar oportunidade às pessoas de contarem as suas próprias histórias sobre as suas experiências, algo que tem bastante significado, permitindo entender o que é subjetivo através do modelo que inclui o inconsciente (Hollway & Jefferson, 2008). Por fim, este método tem uma grande importância nas dinâmicas do inconsciente, que permite chegar às defesas contra a ansiedade (Hollway & Jefferson, 2008; 2013).

Assim, este estudo centra-se no que as mães adotivas têm para nos fornecer relativamente à adoção, sem qualquer hipótese inicial, tendo sido esta desenvolvida de acordo com os dados, e com os conteúdos retirados dos mesmos, que ambas forneceram.

### 3.1. Método: Entrevista Narrativa em Associação Livre

O instrumento utilizado nesta investigação foi a Entrevista Narrativa de Associação Livre (FANI – *Free Association Narrative Interview*), método qualitativo descrito por Hollway e Jefferson (2008, 2013), focado essencialmente nas perguntas abertas, e pedindo ao entrevistado para dizer o que lhe vier à cabeça, estando o analista a eliciar o tipo de narrativa estruturada, não de acordo com o consciente lógico, mas sim de acordo com o inconsciente, ou seja, as associações levam às motivações emocionais, mais do que às intenções racionais (Hollway & Jefferson, 2008). E, de acordo com a psicanálise, as dinâmicas do inconsciente são um produto de tentativas para evitar ou conter a ansiedade.

O princípio de associação livre tem por base uma oncologia psicanalítica, na qual é dado ênfase ao conflito inconsciente e à sua gestão como base da vida psíquica, encontrando-se na procura do significado emocional, muitas das vezes inconsciente, contido nas ligações entre uma ideia e a outra e no modo como essas são produzidas numa relação específica com o ouvinte (Hollway, 2004). Com isto, este método vai contra o método das respostas generalizadas e das narrativas intencionais que, de certa forma, apenas revelam aquilo que o participante entrevistado pretende que seja, conscientemente, conhecido sobre si mesmo, seguindo uma sequência lógica (Hollway & Jefferson, 2013). Segundo Hollway e Jefferson (2008), tal afirmação é baseada na teoria desacreditada da transparência da linguagem, pois quando as pessoas não são assumidas como estando aptas a descrever as situações tal como elas são, as suas próprias ações podem não ser transparentes devido às defesas contra a ansiedade, sendo com isto necessária uma diferente abordagem. Abordagem essa seguindo o princípio psicanalítico da associação livre, que assume que as conexões do inconsciente serão reveladas através de ligações que as pessoas fazem se forem livres de estruturar as suas próprias narrativas (Hollway & Jefferson, 2008). Com isto, o método FANI, mais uma vez contrariamente aos restantes, tem como foco a importância encontrada nas questões que estão emocionalmente carregadas e com facilidade de acesso à identidade (Hollway & Jefferson, 2000; 2008).

O método de associação livre, no qual a psicanálise se baseia, encoraja os pacientes a reportar os seus pensamentos sem qualquer restrição na pretensão de que os mesmos, não sendo censurados, conduzem ao que é significativo (Hollway, 2004). Neste seguimento, é importante referir o conceito de transferência que, de acordo com Hollway (2004), representa o deslocamento dos desejos inconscientes originários de uma figura anterior, tal como é um dos pais, no analista, quando estes são experienciados com o imediatismo dos sentimentos para o que a pessoa é atualmente.

O conflito inconsciente produz ansiedade, e é uma proposição fundamental na teoria psicanalítica que a ansiedade é inerente à condição humana, ou seja, as ameaças ao *self* criam ansiedade, e as defesas contra esta são mobilizadas a um largo nível de inconsciência (Hollway & Jefferson, 2008). Segundo os autores Hollway e Jefferson (2008), esta ideia de um inconsciente dinâmico que se defende contra a ansiedade é visto como uma influência significativa nas ações, nas vidas e nas relações das pessoas, o que significa que se as memórias de alguns eventos forem demasiado provocadores de ansiedade, serão esquecidas ou recalçadas de forma alterada e aceitável.

A associação livre pode ser mais reveladora inconscientemente do que os significados introduzidos inicialmente, o que sugere que as ansiedades e as tentativas de defesa contra as mesmas, incluindo os investimentos de identidade que dão origem ao fornecimento da *gestalt*, pois através do aliciamento da narrativa, estruturada através dos princípios da associação livre, é garantido o acesso às preocupações da pessoa, assumindo que o analista será capaz de detetar incoerências (e.g., contradições, evitações) e conceder-lhes o devido significado (Hollway & Jefferson, 2008; 2013). Assim, para Hollway & Jefferson 2008, a *gestalt* revela o inconsciente dinâmico que estrutura a memória e incentiva o investimento subjetivo da pessoa nas suas ações e experiências do passado.

As questões abertas, características deste método, são desenvolvidas conforme o entrevistado, tendo assim de envolver o conhecimento do subjetivo da pessoa no contexto dos eventos que vêm à mente e que expressa, num contexto intersubjetivo da entrevista, utilizando as suas próprias expressões (Hollway & Jefferson, 2008; 2013). Com isto, é o panorama do entrevistado que domina a investigação e não a do entrevistador (Hollway e Jefferson, 2013).

Assim, os conteúdos inconscientes que surgem de uma narrativa transparente, requerem necessariamente uma interpretação, sendo esses garantidos pelos conceitos psicanalíticos (Hollway, 2004).

### **3.2. Participantes**

As participantes deste estudo pertencem a uma população não-clínica, tendo sido selecionadas convenientemente a partir de critérios específicos, neste caso, pais que tivessem adotado crianças internacionalmente.

Leonor (nome fictício), de 44 anos, reside de momento no estrangeiro com o marido e com as filhas, e tem nacionalidade portuguesa. A participante trabalha numa instituição e adotou

duas crianças em Cabo Verde: Joana e Inês (nomes fictícios). Joana tem 12 anos e foi adotada no ano de 2003, e Inês tem 10 anos e a sua adoção foi concluída em 2005.

Bárbara (nome fictício), de 45 anos, reside em Lisboa, tem nacionalidade portuguesa, empresária, e é casada com o pai (adotivo) das filhas. Esta participante adotou duas crianças em Cabo verde, duas gémeas: Catarina e Madalena (nomes fictícios), de 10 anos, e foram adotadas no ano de 2007.

### **3.3. Procedimentos**

#### **3.3.1. De recolha**

Inicialmente, foi realizado um primeiro contacto telefónico com a associação Meninos do Mundo – única instituição de adoções internacionais, em Portugal, com ligação à Segurança Social –, com o objetivo de conseguir entrar em contacto com pais que tivessem adotado internacionalmente e, posteriormente, realizar as entrevistas. No seguimento desse contacto foi fornecido o e-mail de uma pessoa da associação, Leonor, com a qual contactei por essa mesma via. Após algumas trocas de e-mails, com a explicação do objetivo do estudo e em que iriam consistir as entrevistas, a mesma chegou á conclusão que por vezes era um pouco complicado os pais adotivos quererem falar sobre a sua história, e como a própria adotou duas crianças em Cabo Verde, dispôs-se a ser ela a entrevistada. De acordo com a disponibilidade de ambas as partes, procedeu-se à marcação.

Com isto, a entrevista decorreu via *Skype*, sendo que Leonor se encontra a viver no estrangeiro e não existia qualquer possibilidade de vir a ser realizada pessoalmente. Assim, o encontro foi realizado no dia e na hora marcada para o efeito. Quando se encontrava tudo preparado foi explicitado novamente o objetivo principal do estudo e da entrevista em si, bem como o facto da mesma ser gravada (apenas via áudio) para que fosse possível a transcrição para posterior análise, e com isto foi lançada a pergunta inicial “quais as motivações que a levaram a adotar?”.

A partir dessa questão a entrevista seguiu de modo de fluido e natural, apesar de terem ocorrido algumas interrupções, impossíveis de controlar devido ao modo como a mesma estava a ser realizada. Contudo, Leonor não demonstrou quaisquer objeções em falar de nenhum dos assuntos que envolviam os processos de adoção, muito pelo contrário. A entrevista teve uma duração de 1 hora e 05 minutos.

No que concerne à segunda entrevista, o caso de Bárbara surgiu através de conhecimentos pessoais, foi feito um primeiro contacto por e-mail, com a explicação do objetivo do estudo e da entrevista. De seguida, foi realizado um contacto telefónico com o intuito de marcar uma data, local e hora para a entrevista e também para garantir, por parte de Bárbara, a total confidencialidade da mesma.

No momento marcado para a realização da entrevista, esta iniciou-se depois de uma breve apresentação entre a entrevistada e a entrevistadora, num espaço reservado para tal. Foi então explicado, mais uma vez, que o objetivo seria contar a história do processo de adoção, podendo falar livremente sobre o mesmo, de acordo com o que lhe ocorresse, bem como o facto da entrevista ter de ser gravada, com um aparelho áudio, devido à necessidade de transcrição da mesma. Após o esclarecimento de todas as questões, deu-se início à entrevista, que teve uma duração de 31 minutos e 33 segundos.

É ainda importante referir que, nesta entrevista com Bárbara, se ressaltou o processo de contratransferência, no momento em que é colocada a última questão *“o que é que sentiu quando as trouxe para cá... no dia em que as trouxe?”*, pois foi verificada uma falha no discurso da participante e essa falha foi assinalada, dando a indicação daquilo que ficaria pendente em toda a sua narrativa, no entanto, segundo Hollway (2004), este processo, tal como a transferência, num contexto não-clínico, em investigadores mais sensíveis a esta questão, poderá ser utilizada nos dados recolhidos, o que permite, epistemologicamente, uma melhoria na crítica da objetividade, suplementando a compreensão da reflexividade do investigador, no entanto, este conceito, apesar de importante, está pouco explorado teoricamente na ciência social qualitativa. Assim, o ter consciência, por parte do entrevistador, das resistências e dos afetos contratransferenciais é o que levará o mesmo a compreender o que é transmitido pela pessoa, para além do que é visível (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002).

### **3.3.2. De análise**

Primeiramente, procedeu-se à transcrição das entrevistas de Leonor (Anexo A) e de Bárbara (Anexo B) através da gravação realizada no decorrer das mesmas para o efeito. De seguida, ambas foram analisadas de acordo com o método de associação livre de Hollway e Jefferson (2008, 2013).

No seguimento do método proposto, foram reunidos dois grupos, um para cada uma das análises. Os grupos foram compostos por quatro elementos, na análise da entrevista de Leonor, e por cinco elementos na de Bárbara, incluindo a orientadora, a entrevistadora, e mais dois e três estudantes do mestrado de Psicologia Clínica no ISPA-IU, respetivamente. A análise da narrativa em grupo teve então como base a leitura das transcrições das entrevistas em voz alta, por parte do entrevistador, e ao mesmo tempo os restantes elementos do grupo foram intervindo caso o que estava a ser dito lhes remetesse a algo de significativo, sendo de seguida discutido o tema lançado pelo elemento, e prosseguindo com a leitura da transcrição. A primeira análise (Leonor), teve a duração de duas horas, e a segunda (Bárbara) de, aproximadamente, uma hora e meia.

Numa segunda fase, procedeu-se à análise mais profunda, numa linha psicanalítica, dos conteúdos destacados pelo grupo na narrativa das participantes, bem como à divisão do conteúdo analisado em grandes temas distintos, igualmente analisados, temas esses que tiveram maior ênfase ao longo dos discursos e que sobressaíram relativamente ao tema proposto como objetivo inicial de estudo. Neste sentido, os temas e sub-temas destacados na narrativa de Leonor foram: 1 – Projeto de vida (Desejo materno; Processo de “gravidez”; Conflito interno; Relação mãe-filho); 2 – Representação do *outro*; 3 – Consciencialização. No caso de Bárbara, os temas e sub-temas destacados foram: 1 – Conflito interno (A confusão da pertença; Lapsos temporais; Cultura de origem; Filhos biológicos); 2 – *Eu* e o *outro*; 3 – A diferença da cor da pele. Estes temas foram ainda utilizados como base na construção da discussão deste estudo.

## 4. Análise dos Dados

### 4.1. Leonor

#### 4.1.1. Análise da narrativa

A entrevista inicia-se com a introdução da questão inicial, o mais aberta possível, que dirige o discurso de Leonor para um conflito que poderá vir a ser confirmado ao longo do tempo, quando esta refere *“foi sempre um projeto de vida que existiu”*.

É de ressaltar o modo como se refere ao processo de adoção, no qual dá indícios de que o desejo de maternidade fica em suspenso, havendo um distanciamento entre o *eu* e o *outro*, *outro* esse que seria o seu filho originário da adoção internacional (*“A motivação para a internacional também não foi nenhuma em especial, foi simplesmente que... nós queríamos um filho, viesse de onde viesse”*). Parece não existir um projeto de maternidade, o que poderá estar fortemente relacionado com o facto de Leonor não confeccionar o que é ter um bebé, pois apenas deseja algo que não fosse dela, sem colocar o desejo no materno, colando sim na criança que irá chegar de outro país. A importância não está em ser mãe, mas sim em ter um filho. Completa-se este ponto com o facto de existirem muitas referências às questões burocráticas que envolveram toda a sua história neste momento da sua vida, comparativamente com a parte materna quando começa a referir a altura em decidiram iniciar o processo de adoção (*“(...) depois havia aqueles países que só aceitavam candidaturas de países que fizessem parte da convenção de Haia (...) liguei para a Ordem dos Advogados (...) percorri os vários consulados (...) o Tribunal decretou a adoção (...)”*).

No que concerne ao tipo de adoção (nacional ou internacional), diz ter seguido o caminho mais fácil, sendo esse a adoção internacional, ao invés da nacional. Contudo, com a descrição que Leonor faz de todos os passos pelos quais passou, parece ter sido um processo bastante mais complexo, descrevendo todos os momentos, nos quais investiu o seu tempo, como muito trabalhosos, existindo aqui uma contradição, apesar de, talvez, não ser consciente da sua parte: *“... Na altura eu fiz um estudo do mundo inteiro, do mundo inteiro mesmo, ah... eu consultei vários sites governamentais, governamentais... dos serviços oficiais, depois, depois telefonava para os serviços para confirmar aquelas informações, levantava-me de madrugada, eu agora tou no oriente não é, mas na altura, levantava-me de madrugada para telefonar para o oriente, e havia um dia por semana, que era à segunda-feira, que eu tentava chegar mais cedo a casa pa ligar para o ocidente, para a américa latina, estados unidos, essa zona... Brasil... ahhh, e... foi depois de ter feito esse estudo, ah... fiz então uma lista dos países, aos quais nós nos podíamos candidatar, onde preenchíamos os requisitos legais que o país exigia”*.

O seu discurso demonstra que a própria se dispôs a construir toda a rede à sua volta que envolveu o processo, pois ao longo de todo o seu discurso enfatiza o facto de ter sido a própria a fazer, a procurar e a escolher tudo, ou seja, parece que a dificuldade da adoção nacional, apresentada inicialmente, poderá dever-se ao facto de não poder ser a mesma a escolher, por não poder estar envolvida em todo o processo como seria o seu desejo na altura.

Leonor tenta sempre encontrar algo que a sustente ao longo do processo, algo que a apoie, nunca vai desmunida, acabando por encontrar algo que para a entrevistada é um grande suporte, neste caso, a Bastonária do país que elegeu como país para adotar a sua primeira filha, figura que representa uma grande autoridade e importância (*“eu fiquei muito espantada não é (riu-se), ia falar assim com a Bastonária... e depois ela própria, depois de eu explicar toda a situação ela disse que aceitava ficar nossa advogada. Eu na altura achei, depois da conversa ao telefone, “bem secalhar não pode haver ninguém de maior confiança do que a Bastonária da Ordem dos Advogados” não é. E assim foi, foi assim que... que nós fomos parar a Cabo Verde*). Neste sentido, percebe-se que consegue envolver muitas pessoas naquilo que seria o seu “projeto de vida”, parecendo ainda que transformou uma adoção em algo grandioso, como se fosse um feito para Portugal, como se fosse trazer um filho para Portugal, deixando mais uma vez o materno de parte, bem como o conflito referido entre o projeto que seria o seu filho e o facto de o querer, não apenas para ela, mas para o país. Projeto esse talvez social, que envolveu grandes mudanças da sua parte em Portugal, pois refere a certo ponto, neste seguimento, que o país não estava preparado para este tipo de adoção (*“Isto porque a segurança social não... na altura não sabia dar qualquer informação (...)”*), então, Leonor, colmatou essas lacunas, existentes e representativas dessa falta de preparação, da forma como conseguiu para chegar onde queria (*“(...) eu também quando tava a estudar os países percorri os vários consulados, para além da consulta dos sites oficiais percorri os vários consultados. Tentei obter a maior informação junto das embaixadas também(...)*).“

Ocorre ainda algo de interessante, ao longo da maior parte da entrevista, Leonor fala das duas adoções, e refere-se inicialmente às mesmas e às filhas como processos, e não como filhas: *“Ah... portanto isto foi no primeiro processo. Ah... depois... depois o processo de adoção... depois é assim... ah!”*, sendo ainda curioso que até esta parte não refere nunca como foi cuidar da Joana, a primeira filha, falando apenas de burocracias que envolveram os processos, não surgindo referências à relação mãe-filha até ao momento, nem ao cuidar do bebé. É com isto notório, na descrição, um procedimento rígido, a entrevistada mantém-se constantemente nos registos externos, centrando-se muito em todos os detalhes:

*“(...) depois foi elaborado o relatório, foi remetido o relatório, o Tribunal... o Tribunal decretou a adoção, ah... entretanto existe um acordo entre Cabo Verde e Portugal, que dispensa a revisão de sentença estrangeira. Hoje em dia isto já não é assim, porque entretanto Cabo Verde aderiu à convenção de Haia, que entrou em vigor em Cabo Verde dia 1 de Janeiro de 2010. Ah... e portanto... esta parte da... do período pré-adoção já não existe porque os miúdos agora já vêm adotados, de lá... e esta questão da dispensa da revisão da sentença estrangeira também já não se coloca, apesar de haver este acordo judiciário entre Cabo Verde e Portugal... porque os países membros da convenção de Haia estão dispensados da revisão de sentença. Pronto... é claro que isto foi muito mais complicado no primeiro processo, foi muito complicado não é, ah... eu fui lá duas vezes porque...na altura... nós somos o primeiro processo de Cabo Verde em Portugal... e nós estávamos em 2001, e... quando fomos lá a primeira vez... e marcaram-nos a audiência no Tribunal... e nessa altura... o Ministério Público não tinha conhecimento que tinha saído nesse ano, em Maio, a lei que equipara a união de facto ao casamento e nós... e nós tínhamos dois anos de união de facto e dois anos e meio de casamento. E então... o que aconteceu é que o Ministério Público considerou em nós não preenchíamos os requisitos legais... do tempo de casamento, de maneira que o processo teve que andar para trás, nós tivemos que regressar a Lisboa”.*

Contudo, esta descrição poderá levar-nos a pensar que o descrever do processo de adoção é como um substituto do processo das mães durante a gravidez, parecendo que a sua gravidez é jurídica. Tal como as mães recordam diversos momentos da sua gravidez ao longo do tempo, desde a ida aos médicos, aos primeiros movimentos do bebé, aos pontapés na barriga, ao ouvir o coração do bebé, Leonor descreve a sua própria “gravidez”.

Leonor começa a referir pontos do foro emocional, tanto no que concerne aos seus processos como à adoção internacional em geral, referindo, em certa parte, que *“quem passa por uma adoção internacional, quando volta... já não é a mesma pessoa, nunca mais”*. Refere neste ponto vários motivos que a levam a dizer tal afirmação, mas o que mais a preocupa são os motivos de saúde devido às más condições dos países de adoção, neste caso da sua filha, da sua primeira filha. Desenvolve então, neste momento, a história de um momento muito particular, quando se vê pela primeira vez com a sua filha nos braços, quando tem de ser mãe, quando as burocracias têm de deixar de fazer parte do centro das preocupações: *“eu quando chegámos ao quarto, agarrei nela... e pu-la, assim, debaixo do candeeiro ah... e... ligava e desligava o candeeiro... para ver se ela tinha reacção nos olhos. Também, isto é uma estupidez de todo o tamanho, é mesmo de quem tinha 30 anos, só mesmo... (riu-se)... e então... porque os cegos também têm reacção à... a este tipo de coisas, apesar de não verem... Pronto. Depois eu, feita burra na altura. E a outra coisa que eu lbe fiz (riu-se)... isto é tão ridículo, eu quando conto estas coisas, agora... Eu agarrei num molbo de chaves e... e punha-lbe assim o molbo de chaves ao pé do ouvido... para ver se ela virava a cabeça (riu-se). Eu sei que isto é muito ridículo, mas pronto... mas ela virou, ela virou (riu-se)”*.

Neste momento parece que Leonor se encontrava sozinha quando lhe entregaram a sua filha, e que esse mesmo momento remete para alguma angústia da sua parte, pois depois do entusiasmo da “gravidez” vem algo mais típico, o receio de que a criança possa vir com algum defeito, neste caso algo que a entrevistada não poderia contornar nem controlar caso ocorresse, como pôde controlar a maioria das situações, ao nível burocrático, decorridas até ao momento, agora era o momento de ser mãe e de se deparar com uma criança que poderia não vir tão sã como o desejado. Após esta angústia descrita por Leonor, denota-se uma vez mais o facto de detetar uma falha nos outros e de ter de preenchê-la, colocando-se na posição de que se os outros mais uma vez não fazem, tem de ser ela a fazê-lo, e este ponto é verificável quando, no seu discurso, se refere aos testes que fazem às doenças das crianças nestes países, citando *“Isto tudo fomos nós que quisemos fazer”*, referindo-se ao facto de apenas realizarem um teste a uma doença específica, e terem sido eles a decidirem fazer às restantes. Existe um constante reforço na falha dos outros, mas ela está sempre disposta e presente para resolver.

Ocorre neste ponto uma questão interessante, Leonor parece ver-se sozinha com a criança e parece centrar-se muito no seu *eu* e no seu mundo com a sua filha no momento em que a tem nos braços, de tal forma que dá a entender que ambas estavam sozinhas, contudo, nesta última citação, volta a falar no plural, parecendo introduzir de novo o marido no processo, mas sem que ele, ao mesmo tempo, seja fonte de apoio, não é visto para ela como securizador o suficiente.

Contudo, no mesmo seguimento, Leonor continua na descrição daquilo que foi o seu primeiro momento de contacto com a filha, contacto esse que envolveu situações todas elas de algo que não esperava, que não tinha preparado antecipadamente, situações que envolviam ser mãe:

*“(...)eu agora por acaso, nunca tinha pensado nisto, estou a dizer isto agora, pela primeira vez estou a pensar... ah... eu foi a vez que me senti verdadeiramente sozinha no mundo (...) porque nós estamos sozinhos, sozinhos... nós... de repente ficamos com um bebé nos braços (...) chorou muito, obviamente, na primeira noite, que... ah... que lhe dei banho num alguidar, que eu tava tão nervosa que deixei cair, pu-la no meio da cama, deixei cair o biberon, a tetina... deixei cair tudo, caía-me tudo pó chão, e tinha imenso medo que ela se engasgasse... e então... quando lhe... quando a agarrei, ela quase que estava de pé a beber o biberon, mais ainda assim, ela engasgou-se! (riu-se) Eu completamente em pânico, porque ela estava engasgada, mas lá lhe bati nas costas e tal, e então... porque é assim... eu acho que quando as pessoas quando têm um bebé, um bebé ou uma criança, quando adotam, quando têm um filho, quando nasce, ah... mais que não seja têm o vizinho do lado, um vizinho, um desconhecido, qualquer coisa (riu-se). E na adoção internacional nós não temos ninguém”.*

Contrariamente ao que é descrito ao longo da entrevista relativamente às questões burocráticas, parece que neste momento se sente sozinha, desamparada, parece que neste momento crucial não teve oportunidade de prepará-lo, de se preparar psiquicamente para o que estaria a caminho. Ficou tão consumida no processo jurídico, na “gravidez”, que se esqueceu de que um dia iria ter um bebé nos braços, do qual não sabia cuidar. É interessante ver neste ponto o modo como descreve o facto de parecer que o bebé vinha “contaminado” (“(..) *que cheirava muito mal, que tava com um vestido horroroso (riu-se)*”) e Leonor, mais uma vez, tinha de resolver isso, existindo, mesmo assim, algum pânico dentro de si, em certos pormenores como o pegar e o alimentar um bebé, o que a levou a recorrer à mãe.

No entanto, Leonor, enquanto descreve todo este processo, vai-se apercebendo e tomando consciência ela própria destas questões, das suas próprias dificuldades, dos momentos de angústia pelas quais passou na altura e foi encontrando forma de os resolver.

No seguimento deste processo, onde já tinha a sua primeira filha nos braços, surge a criação da sua instituição, e as motivações que a levaram a tal. Para Leonor, “*a Meninos do Mundo surgiu, ah... muito por causa disso, porque eu senti que... que tinha trazido uma e que deixei lá muitos...*”. Parece aqui surgir um conflito interno, por um lado há satisfação da adoção, do ser mãe, da descoberta de tudo o que isso abarca, mas, por outro lado, sente-se incompleta, não está totalmente satisfeita com todo o seu percurso, mesmo depois da segunda adoção. Com isto, mais uma vez, avança para um projeto grandioso, para a construção de uma instituição.

Leonor relembra um episódio em particular que decorreu no aeroporto em Cabo Verde, no qual, por um lado, demonstrou mais uma vez a sua inexperiência enquanto mãe – “*tínhamos o leite e as fraldas contadas*” – e, por outro, mais uma vez uma situação de desespero pela qual teve de passar e ultrapassar, e se sente desamparada, sozinha, momento em que diz ter começado a chorar no aeroporto, onde admite a si própria ter feito naquele momento a catarse de tudo o que passou, e esse momento surgiu quando viu muitas crianças a despedirem-se de familiares.

Neste momento volta a reforçar, no seguimento da mesma ideia, o seu conflito entre o ter conseguido a adoção para si mas não ter sido o suficiente, quando afirma “*naquele momento eu vi muitos miúdos ali, pregados aquele vidro ah... que se estavam a despedir de outras pessoas e... foi a primeira vez que eu tive esse... essa... essa sensação, esse sentimento... que estava a levar uma e que muitos ficaram para trás e que... pronto... como é que ia ser a vida deles*”, o que remete também para o facto de parecer não “atinar” com o facto de ser mãe, precisando de trazer mais crianças para Portugal.

Novamente, Leonor, ao longo da sua narrativa partilha um momento que a muito se assemelha com o último momento da gravidez e o primeiro da vida de uma pessoa – o parto –, no sentido simbólico do termo, descrevendo então o momento em que passam as portas do aeroporto com a bebé como um “marco”, como “*um momento que é muito marcante*”, nas suas vidas e em toda a adoção. Momento este descrito e representado como o “*momento decisivo*” de “*quem parte num avião rumo ao desconhecido*”, e que foi vivido da mesma forma em ambas as adoções. Não é quando recebe os bebés nos seus braços, mas sim quando entra no seu país, quando se sente em segurança, que sente a adoção como plena, como realmente sendo algo definitivo, pois nesse momento afirma ter pensado “*agora é que já nada volta atrás*”. É ainda de interesse referir que, segundo conta, este momento descrito como tão forte e tão concreto na sua vida, esta altura tão exata e sem retorno, é algo que acontece também com outros casais, tendo descrito uma história que aconteceu com a mulher de um casal amigo que lhe mostrou uma fotografia dessa altura no seu processo de adoção (“*(...) ela abre a carteira e diz “olha o que eu tenho aqui”, e então a fotografia, a fotografia que ela tem na carteira, e também já lá vão alguns anos... é exactamente do momento em que eles estão a sair das portas(...)*”). Leonor reflete sobre episódio, dizendo que “*psicologicamente é... é realmente o momento, é o momento zero*”, mais uma vez podendo ser feita uma associação ao momento do parto, em que tudo se inicia na vida do bebé e dos pais, enquanto pais, naquele dia do nascimento, e neste caso, no dia em que passam as portas do aeroporto.

No entanto, mesmo depois de saber e ter consciência de que isso era representativo de que todo o processo estava finalizado, continuam a existir alguns receios para Leonor, que a levam a acreditar que, por algum motivo, lhe poderão retirar a filha, mesmo que, conscientemente, saiba que não há motivos para tal (“*(...) eu dizia para o meu marido que... que tínhamos de ter sempre o passaporte, eu... quer dizer eu dizia-lhe “olha eu não sei se tu queres vir ou não, mas é assim ab... eu... o meu passaporte tem que estar sempre em dia”, isto é muito estúpido o que eu tou a dizer ab... “mas se por acaso houver aí algum problema... eu meto-me no carro e vou por essa Europa fora enquanto conseguir passar fronteiras, até onde não há controlo de fronteiras” (riu-se)*”). Parece aqui existir uma enorme angústia, angústia de que lhe possam vir a retirar a filha que já é sua e que levou todo aquele processo de “gravidez” a conseguir. Existe ainda sempre a referência de ir “por esse mundo fora”, a procurar e a fugir “por esse mundo fora”, pois desde o início da entrevista que, tanto na sua procura de países onde pudesse adotar, como para fugir, caso necessário, depois da adoção, tem a necessidade de partir para algo desconhecido.

Surge, ainda, novamente a questão já referida noutros pontos e que tem uma certa relevância, com todas estas partilhas de Leonor, que é o facto de não ser perceptível no seu

discurso se se encontrava sozinha no momento em que teve a criança consigo, e que veio para Portugal, ou se se encontrava na companhia do seu marido. Tal dúvida, apesar de apenas até certo momento, surge porque em alguns momentos parece sentir-se desampara e refere mesmo que estava sozinha com a filha nos braços, como é o caso do quarto de hotel quando tem de dar banho à filha e conta que ligava à mãe a pedir ajuda (*“a vez que... me senti mesmo sozinha no mundo. Então eu telefonava à minha mãe, e perguntava-lhe pelo telefone “e agora?” (riu-se) (...)”*), ou ainda quando se encontrava no aeroporto e refere que sozinha com a sua filha começaram a surgir todas as emoções que até então tinha guardado, ou que não tinha tido tempo de as sentir (*“(...) foi um dos momentos em que eu me fartei de chorar ali (riu-se)... na sala de embarque... a ver aquilo tudo... e pronto, estava ali a fazer um bocado a minha catarse (...)”*). Contudo, ao referir a situação em que lhe retiraram a filha dos braços (*“arranca-me a Sara dos braços... eu senti-me a desmaiar”*), e quando chega ao aeroporto de Portugal, fala em “nós”. Tal facto poderá também remeter para o tema inicialmente abordado, o seu projeto grandioso, em que tinha de ser uma conquista própria, ou seja, é um sentimento de solidão psíquico e não físico, à partida o marido esteve com ela nesses momentos, mas em muitos deles o seu sentimento era de solidão e desamparo.

Na segunda adoção, Leonor encontrou-se mais liberta das questões burocráticas que a envolveram a um grande nível na adoção da sua primeira filha, e esse ponto poderá ter feito com que se apercebe-se de uma situação que lhe passou ao lado da primeira vez, a questão de não poder escolher a criança que traz consigo, e isso talvez a tenha feito ficar a pensar na segunda adoção no facto de ser o filho que “lhe calhar”, não há escolha possível, levantando-se a questão de “porquê aquele e não um dos outros que ficam?”, podendo advir daí a sua preocupação de todas as crianças que ficam e que Leonor não pode trazer consigo (*“(...) foi a viagem que me permitiu uma maior entrega a essa realidade... e foi nessa sequência que, depois então... que eu voltei... a sentir novamente que estava a trazer mais uma, e a deixar lá uns poucos deles (...)”*), pois não lhe faz sentido não ser a própria a decidir.

Num discurso que pode remeter para o seu tipo de funcionamento e, principalmente, para a importância que todo este projeto teve e tem na sua vida, não só pelas suas duas filhas, mas pelo projeto grandioso que envolveu a criação da sua instituição e o rumo que a sua vida tomou a partir desse momento e, ao longo desse percurso deparou-se com diversas situações que a afetaram de diversas formas, situações essas que, de certa forma, era críticas indiretas ao seu trabalho (*“(...) atrás da adoção internacional vem logo o tráfico, e eu esteja onde estiver, num congresso, numa conferência, com quem estiver (!), a minha resposta, bem salta-me logo a mola (riu-se), quando eu oiço isto e eu respondo logo “querem falar de adoção internacional ou querem falar de tráfico? É que é assim, adoção*

*internacional e tráfico não é, não são duas faces da mesma moeda, a adoção internacional é um instituto jurídico com regras, tráfico é crime. Vamos falar de adoção internacional ou vamos falar de tráfico? Podemos falar de tráfico. Mas aí estamos a falar de crime, se querem falar de adoção, vamos falar de adoção.” Pronto, e eu costumo dizer isto assim... mesmo... com muita hostilidade (riu-se) (...)*). Neste sentido, é notório a sua necessidade de colmatar todas as falhas que lhe são apresentadas ao longo do caminho, principalmente quando vê em risco e ameaçado o seu trabalho, pois compararem a adoção com tráfico é estarem a colocar uma lacuna no seu projeto. No seguimento deste tema, Leonor, intercala e retoma ao assunto de existirem poucos apoios para os pais que adotam internacionalmente, comparativamente aos que adotam no próprio país (*“na adoção nacional as pessoas estão à espera de um telefonema, depois todo o acompanhamento, há toda a face de integração da criança”*), evocando de novo o seu desamparo na altura que se viu com a criança nos braços, afirmando *“somos nós que temos de viver isto tudo, fazer face a todas as dificuldades, aguentarmos com choques emocionais, psicológicos, com tudo isso”*.

É ainda perceptível que Leonor não faz nenhuma antecipação das situações, tem uma *gestalt* muito particular, mais uma vez apenas resolve a parte jurídica previamente, mas quanto ao resto vai tendo diversas dificuldades, há uma falta de preparação para as pessoas, mas que vai resolvendo ao longo do tempo e vai aprendendo a lidar com as dificuldades. Contudo, é muito angustiante para ela, pois procura uma rede de suporte, onde se possa apoiar, e essa rede não existe, não para as adoções internacionais (*“Mas ainda assim, ao nível da adoção internacional, eu acho que ainda há muito trabalho para fazer... muito, muito mesmo... nós agora, nós Meninos do Mundo, nós... nós fizemos um protocolo com o ISE, e estamos nós a dar o curso para parentalidade por via de adoção”*).

Introduz, ainda, a problemática do racismo, relativamente a si enquanto mãe de duas crianças de outro país e enquanto mãe de duas crianças de raça negra, sendo este um assunto para o qual também não estava igualmente preparada, para o qual não tinha refletido previamente. Pois, apesar de da parte da família as reações terem sido bastante positivas, existiram alguns amigos, conhecidos e até desconhecidos que tiveram más reações relativamente às adoções, revelando alguns episódios menos felizes: *“ah... lembro-me de uma vez que fui ao notário, ah... para autenticar os documentos, e eles perguntam sempre para que efeitos são as coisas, e eu disse que era para o processo de adoção, e a senhora, que nem tinha olhado para mim, levantou a cabeça e disse “mas vai-se meter nisso?”, e... e tive outro tipo de reações, tive uma pessoa que me disse “então mas vão dizer na rua que andaste metida com um preto”, ah... tive assim... (riu-se) estas coisas. E houve uma altura que... eu estava tão... tão saturada ah... de tudo isso ah...”*.

Contudo, mais uma vez, foi uma situação que conseguiu ultrapassar, e vai tendo noção ao longo do tempo dos seus próprios atos e da sua forma de agir, refletindo sobre o que fez ao longo do processo, e até mesmo sobre o que disse em diversas situações, e até pensamentos que lhe foram surgindo (*“quando me ouvi a mim própria... eu nunca me tinha ouvido a mim própria sobre estes assuntos não é... e eu pensei “meu deus, então é isto que me vai na alma”*).

Por fim, denota-se a deslocação das relações, o seu problema e foco central são as crianças, apesar de falar muito bem da forma como lida com elas, fala pouco sobre ser pai/mãe, para ela é entre irmãos que devem ser criados os laços afetivos, comentando esse laço, é como se se complementassem. Quando faz referência aos pais é sempre com o intuito de transmitir que estes não estão preparados o suficiente para o que envolve a adoção internacional, podendo nesta situação estar a referir-se a si mesma. Tal facto é perceptível na parte do discurso na qual refere a ligação que tenta fazer entre as filhas, para que não haja distinções: *“e eu tinha uma brincadeira muito engraçada, com elas ab... que era... “o que é que nós somos uma sem a outra?”, e elas respondiam “não somos nada”, “o que é que somos uma com a outra”, “somos tudo”, e... e depois havia a questão... porque a Joana pronto... na altura apercebeu-se que a Inês era mais clara que ela e tal, então era o pauzinho de... de canela... e o pauzinho de açúcar (riu-se) e elas acham muita... muita piada a isso.”*

#### **4.1.2. Análise dos grandes temas**

##### 1 – Projeto de vida

#### **Desejo materno**

Na narrativa de Leonor começa a ser percecionado que, quando a adoção passa a ser um facto real, o desejo de maternidade fica em suspenso, o foco passar a ser trazer um filho para o país, e não ser mãe, não coloca o desejo no materno, mas sim na criança, no projeto que vem pela frente. Todos os processos que envolvem ser mãe parecem estar esquecidos no momento (*“A motivação para a internacional também não foi nenhuma em especial, foi simplesmente que... nós queríamos um filho, viesse de onde viesse”*). Poderá colocar-se aqui a questão, do que é para ela ser mãe neste momento?

Há um claro distanciamento entre o *eu* e o *outro*, sendo esse *outro*, em primeira instância, representado pelas suas filhas, principalmente pela primeira filha (Joana), pois é a adoção que mais tempo lhe toma na narrativa, pelo menos no que concerne ao nível burocrático, que vai sendo perceptível que é a melhor forma que Leonor tem de lidar com toda esta situação, mas

tornando-se, ao mesmo tempo, numa obsessão inicial em encontrar o local onde poderiam ir buscar a primeira filha (*“Na altura fiz um estudo do mundo inteiro (...) eu consultei vários sites governamentais (...) dos serviços oficiais, depois, depois telefonava para os serviços a confirmar aquelas informações, (...) levantava-se de madrugada para telefonar para o oriente, e havia um dia por semana, que era a segunda-feira, que eu tentava chegar mais cedo a casa pa ligar para o ocidente (...) depois de ter feito esse estudo (...) fiz então uma lista dos países (...)”*).

Interligado, necessariamente, com este tema, vem o projeto grandioso ao qual se agarra, o processo de procura exaustiva de um país que possa satisfazer o seu desejo de ter um filho. A procura de ajudas externas que a consigam fazer chegar a esse desejo, e as conquistas pessoais que vai atingindo ao longo do tempo, tanto para ela como para o país, bem como o preenchimento de falhas dos outros, algo importante, ao que parece, importante para ela.

O primeiro contacto que descreve com a primeira filha também demonstra, do mesmo modo, a não existência de desejo materno à partida, pois foi notório que aconteceram coisas básicas – *“(...) deixei cair tudo, caia-me tudo pó chão, e tinha imenso medo que ela se engasgasse (...) quando a agarrei, ela quase que estava de pé a beber o biberon, mas ainda assim ela engasgou-se! (riu-se) Eu completamente em pânico (...)”* –, típicas da maternidade, que Leonor não planeava ter de lidar, e nem foi um pensamento que lhe surgisse ao longo de todo o processo, as atenções estavam focadas noutra ponto, e não em ser mãe.

Nesta linha, volta a ser verificável a falta de preparação ao longo dos diversos momentos descritos até a chegada a Portugal. A história por si descrita é referente ao aeroporto, ao momento em que tem de ficar lá mais tempo do que esperava e que não levava coisas suficientes para todo o tipo de situações que pudessem surgir, como à partida as mães costumam fazer – *“tínhamos o leite e as fraldas contadas”* –, o que demonstra a inexperiência enquanto mãe e a falta de preparação para o tão esperado momento, mas que no fundo não pensou nele.

### **Processo de “gravidez”**

Este mesmo projeto, pode ser uma forma de ter uma gravidez que não foi possível, uma forma de preencher os naturais 9 meses de gravidez. As pesquisas e as “batalhas” até ao momento em que se tem a criança, é o processo do desenvolvimento do bebé na gravidez, acompanhada igualmente de preocupações e de angústias, embora sejam angústias distintas foram aquelas que Leonor passou e foram as que ela sentiu.

É, com isto, mais fácil para ela falar dos aspetos burocráticos para descrever a “gravidez”, do que propriamente de sentimentos, havendo um distanciamento entre representações e afetos, ao mesmo tempo que descreve exaustivamente os procedimentos todos logísticos pelos quais teve de passar, também demonstra aquilo que sofreu para chegar ao momento do “parto”. Este momento crucial, parece poder ser equiparado com o momento de chegada ao aeroporto de Portugal, quando se torna garantido que adoção é plena, que a sua filha é se facto sua! Este é ainda descrito por Leonor, como o “*momento zero*”, sendo essa a altura em passam as portas de vidro do aeroporto, neste ponto é tudo descrito com tanta importância e emoção como se realmente do parto se tratasse, aquele é o momento em que a sua filha nasceu para si e para o mundo, tendo sentido exatamente o mesmo na segunda adoção.

### **Conflito interno**

Na narrativa de Leonor vai sendo perceptível um conflito interno, começa por se contradizer de início, quando refere que escolheu a adoção internacional por ser o caminho mais fácil (“*(...) nós termos consciência e noção das dificuldades que havia na nacional e então optámos pela internacional (...)*”), contudo, parece exatamente o oposto, a adoção internacional envolveu-a de um modo muito mais profundo, foi necessário um envolvimento pessoal e uma proatividade, que provavelmente não seria necessária na adoção nacional, indo este ponto igualmente de encontro ao facto de sentir uma necessidade constante em colmatar as falhas apresentadas pelo *outro*.

Até certo ponto denota-se uma dificuldade em falar da primeira filha (acontecendo o mesmo com a segunda), não existe qualquer tipo de referência ao receber e ao cuidar da bebé, apenas fala do processo, tudo a nível jurídico, parecendo que é algo que lhe causa sofrimento, daí tentar representar este sofrimento com temas com os quais lida melhor, utiliza ainda, em certos momentos, a racionalização como mecanismo de defesa (“*uma criança é uma criança em qualquer parte do mundo*”), para não ser possível de se chegar ao ponto mais profundo.

Este ponto é revisto também pelo motivo que a leva a querer tanto a criação da instituição, parecendo que se dá conta de um impacto subjetivo que corre mal e por isso quer tentar mais, as adoções que fez não lhe são suficientes (“*a Meninos do Mundo surgiu, ah... muito por causa disso, porque eu senti que... que tinha trazido uma e que deixei lá muitos...*”), sente-se inábil, portanto quantos mais tiver mais apta estará – “*... como é que ia ser a vida deles, daqueles miúdos com tudo o que eu tinha visto (...) e vivi aquilo, vivenciei aquilo, andei por lá*” –, pois tudo o que vivenciou lá parece ser representativo de uma grande angústia.

Outro momento que provavelmente foi representativo de angústia, foi na segunda adoção, onde estava mais disponível para absorver certas situações que não estava na primeira por estar tão envolvida nas questões burocráticas, onde realmente sentiu e se apercebe de que não podia escolher a sua filha, não havia escolha “o que sai é o que traz”, o que lhe poderá ter criado bastante dúvidas e conflitos internos, “é esta? Porque é que não é um dos outros?”; “Neste caso é um qualquer, e sendo um qualquer qual vai ser?”, não havendo qualquer tipo de hipótese de escolha da sua parte, deixando de estar tudo nas suas mãos. Este ponto reencaminha-nos então para a necessidade de Leonor em colmatar as falhas dos outros, desde o início do processo, que verifica falhas no sistema português relativamente à adoção e tenta resolver, verifica falhas nos procedimentos de saúde das crianças e resolve, verifica falhas no acompanhamento dos pais que adotam e decide criar uma instituição, há sempre algo que pode fazer e faz para que as lacunas dos outros sejam colmatadas.

### **Relação mãe-filho**

Inicialmente, parece não haver uma proximidade entre Leonor e as filhas, fala delas enquanto processos, conta as suas história sem dizer a “minha filha”, mas sim dizendo “naquele processo” (“... e depois fomos a Cabo Verde, no primeiro processo, duas vezes. (...) portanto isto foi no primeiro processo.”), existindo um certo distanciamento, talvez por medo de que aquele objeto ainda não seja completamente estável, sente-se mais segura na indiferenciação do que ao falar de afetos. Ainda, enquanto fala das adoções parece que a sua maior preocupação não é como será a sua relação com as suas filhas, como será o ser mãe, mas sim trazer meninos para Portugal, esse sim é o seu maior objetivo e a sua maior preocupação, apesar desta ser, de certa forma, inconsciente.

Surge ainda um momento bastante interessante na sua primeira relação com a primeira filha, quando esta lhe é entregue, a sua preocupação principal é descontaminá-la de todos os males que pudessem vir agarrados a ela, passando isso para o corpo (“...de repente ficamos com um bebé nos braços, que cheirava muito mal, que tava com um vestido horroroso (riu-se) (...) mas que cheirava muito mal, que... chorou muito (...) que lhe dei banho num alguidar, que eu tava tão nervosa (...”).

Outra questão, relativamente à relação mãe-filha, neste caso, é quando refere as interações em casa, parece não dar importância às interações entre pais e filhos, o importante para ela é que as filhas interajam e que tenham uma relação saudável entre elas (“... eu tinha uma brincadeira muito engraçada, com elas ab... que era... ‘o que é que nós somos uma sem a outra?’, e elas respondiam ‘não somos nada’, ‘o que é que nós somos uma com a outra?’, ‘somos tudo’, (...) porque a Joana pronto... na altura apercebeu-se que a Inês era mais clara que ela e tal... então era o pauzinho de... de canela... e o pauzinho de

*açúcar (riu-se)*”), pois o ser filho para Leonor é o que interessa, quer filhos não quer ser mãe. Há uma grande dificuldade em falar do que é ser pai, mas falar entre irmãos e fomentar essa relação para ela torna tudo muito mais viável e mais simples, pois em nenhum momento aparece pais-filhos, apenas só filhos ou só pais.

## 2 - Representação do *outro*

No decorrer de todo o discurso, são raras as vezes que Leonor fala em “nós”, não existe uma introdução constante do casal, e quando existe é muito subtil, deixando a constante dúvida se na maior parte das situações ao longo do processo estaria ou não sozinha. Contudo, com uma análise mais cuidada, percebe-se que alguém estava com ela na maioria dos momentos em que se sente sozinha, mas continua sem ser mencionado a qualquer momento o marido. Leonor apresenta uma certa dificuldade em elaborar a presença do *outro*.

Todas as pesquisas iniciais até chegar ao momento exato da adoção, e todo o processo envolvente, até na fase de primeiro contacto com as filhas, e na viagem de regresso é verificada a mesma questão, apesar de em muitos momentos referir o “nós”, ao mesmo tempo refere-se a ela própria como estando sozinha nos momentos de sofrimento que vivia. No que concerne às suas pesquisas há uma ênfase constante do *eu*, na sua narrativa demonstra que tudo foi feito por ela, apesar de por vezes referir o *outro*, esse *outro* parece ser descredibilizado, ao mesmo tempo que parece ser uma decisão conjunta – “(...) *não optámos por nenhum país em especial(...)*” –, rapidamente deixa de o ser para passar a ser um discurso centrado no *eu* – “(...) *levantava-me de madrugada (...) eu tentava chegar mais cedo a casa (...) eu no final disto tudo havia uma lista (...)*”.

Posteriormente, demonstra este afastamento e indiferenciação relativamente à presença do *outro* quando está com a sua primeira filha nos braços. Por um lado, diz “*nós chegámos ao aeroporto*”, dando a percepção de que esse “nós” representa o casal no momento de regresso a Portugal com a adoção concluída, mas, por outro lado, descreve o resto da história como se o outro não estivesse presente, existia apenas ela e a filha, recorrendo, contudo, constantemente à palavra “nós”. Parece então que neste momento específico, bem como noutros referidos, o *outro* não foi um objeto securizador no meio de tanto sofrimento e de momentos de fragilidade sentidos por Leonor (“(...) *foi um dos momentos em que eu me fartei de chorar (...) estava ali a fazer um bocado a minha catarse (...)*”), pois quem quer que fosse que realmente estava ao seu lado, não fez com que deixasse de se sentir sozinha, mais uma vez apenas existia ela e a filha, referindo-se neste campo, não só ao momento no aeroporto, mas também quando teve a sua filha nos braços –

*“(...) eu foi a vez que me senti verdadeiramente sozinha no mundo (...) na adoção internacional nós não temos ninguém.”*. Refere, ainda, que telefonava à sua mãe em certas alturas, quando ainda se encontrava em Cabo Verde antes de puder trazer a filha, para pedir ajuda relativamente a questões de maternidade, que a fizeram sentir-se bastante perdida no mundo naquela fase, levando-nos mais uma vez a questionar “será que se encontrava realmente sozinha ou não sentia o *outro* como um apoio suficientemente bom?”.

### 3 - Consciencialização

Apesar do conflito interno constante, Leonor começa a consciencializar-se de algumas situações e ações que foram surgindo durante o processo, assumindo e aceitando as dificuldades que sentiu e apercebe-se, ao longo do discurso, das suas angústias, encontrando, ao mesmo tempo, forma de lidar com elas e de as resolver.

Por um lado, há uma guerra interna, por outro tenta resolvê-la e superá-la, e um dos momentos em que isso é perceptível é quando já tem a sua primeira filha consigo, em Portugal, mas tem medo de a perder, há uma clara inquietação a esse nível, depois deste ter sido “conquistado” – *“(...) isto é muito estúpido o que eu tou a dizer ah... ‘mas se por acaso houver aí algum problema... eu meto-me no carro e vou por essa Europa fora (...)’* –, indo mais uma vez, este ponto, de acordo com a sua consciencialização de que aquele era de facto um receio infundado, mas que não consegue controlar.

Existe igualmente a noção de que a formação da instituição se deve ao que viu e vivenciou em Cabo Verde, contudo, continua sem o fazer na totalidade, dado que a sua narrativa reencaminha para o facto de ter criado a instituição por sentir que as suas adoções não decorreram como planeado inicialmente, não se sente totalmente realizada, precisa de mais alguma coisa para o seu *eu* estar completo. No entanto, parece que ainda atualmente não o está na sua plenitude, parece continuar a existir uma falha devido à falta de apoio que sentiu na altura.

Outro momento, que remete igualmente para a sua falta de preparação enquanto mãe, é quando refere o racismo que sentiu em Portugal e que não era expectável (*“(...) eu disse que era para o processo de adoção, e a senhora, que nem tinha olhado para mim, levantou a cabeça e disse ‘mas vai-se meter nisso?’ (...), tive uma pessoa que me disse ‘então mas vão dizer na rua que andaste metida com um preto’ (...). Eu tenho algumas pessoas ainda que não se aproximam da Joana (...)”*), todavia, surge novamente uma consciencialização dessa dificuldade, de que não estava preparada para tal, tendo sofrido

com isso e percebido que precisava de ajuda – *“E houve uma altura que... eu estava tão... tão saturada ab... de tudo isso ab... que... fui ao Prof. Eduardo Sá, e disse-lhe ‘olhe, eu já não sei lidar com isto, porque é assim, ou mando as pessoas à merda ou...’”* –, o que é indicativo de que se apercebeu que, afinal, talvez existisse uma necessidade de um *outro* que a compreendesse, que lhe desse suporte e coragem para continuar num caminho que não esperava, por mais planeado que tivesse sido (ao nível burocrático) (*“e ele disse-me uma coisa muito engraçada (...) e pronto, e eu achei que ele tinha razão...”*).

Por fim, essa consciencialização é sentida por Leonor, no momento em que descreve que fez uma entrevista a falar sobre a adoção das suas filhas e que depois se ouviu a si própria, e foi aí que pensou *“é isto que me vai na alma”*, denotando-se aqui que vai tomando noção do que sente em relação a este assunto, e apercebendo-se ao mesmo tempo do modo como este a afeta internamente (*“(...) quando falo destes assuntos... e especialmente quando são assuntos como estes, da rejeição e da forma como certas pessoas se comportam mal... eu falo... assim, eu sou uma pessoa muito assertiva, pronto.”*), e como, especialmente o racismo, lhe causou sofrimento e continua a causar de certo modo.

## **4.2. Bárbara**

### **4.2.1. Análise da narrativa**

Inicia-se a narrativa reportando há quinze anos atrás, ao momento em que decidiram adotar. Para Bárbara, este momento passou muito rápido e denota-se alguma dificuldade em se posicionar no tempo, mas refere que *“(...) também é importante haver uma gravidez de... de nove meses ou mais”*, surgindo neste momento uma comparação ao processo de gravidez. Contudo, parece ao mesmo tempo negar esse mesmo processo (*“(...) é claro uma decisão que uma pessoa toma e no dia a seguir queria já conseguir estar a concretizá-la”*), havendo aqui uma contradição e a percepção da presença de um conflito interno.

Está presente um desconhecimento, ao mesmo tempo que se envolve no procedimento desconhece o processo de adoção, há uma confusão no significado de pertença – *“(...) nós não fazemos parte da Santa Casa da Misericórdia pela nossa morada... é na zona da Lapa que existe também (...) algo idêntico à Santa Casa (...) e era onde pertencíamos”* –, entre o “pertence e não pertence”. Esta confusão poderá, uma vez mais, remeter para o conflito interno latente no seu discurso, sendo ainda visível na constante referência ao “lá” (Cabo Verde), relativamente ao “cá” (Portugal) – *“(...) o processo prolongou-se aí um bocadinho demais ab... tivemos dois anos à espera (...) até que decidimos ir ab... ir a Cabo Verde (...) e é aí que se despoleta tudo de uma forma um bocadinho mais rápida (...)”* –, no

outro país as coisas são muitos mais simples para Bárbara, mesmo as informações que procura encontrar e que lhe são fornecidas são de “lá”, “cá” é tudo muito mais complexo, parece não compreender o próximo, mas o afastado é algo onde circula de forma mais confortável, o que leva a um visível distanciamento (“*conbeci eu, numa... numa viagem de comboio o Doutor Olavo (...) e ele deu-me o contacto de uma outra advogada (...) e aí tudo se despoleta de uma forma um bocadinho mais rápida*”).

Bárbara começa a introduzir o *outro* no seu discurso, introduz o “nós” como algo recorrente, embora não pareça ser algo constante, pois da mesma forma que introduz o “nós”, enquanto casal, ao mesmo tempo os separa, sendo isso verificado no momento em que conhecem as suas filhas na instituição. O seu marido, o pai, fica encarregue da mais “*maluca*”, que rapidamente se agarrou ao seu pescoço; e ela, a mãe, fica com a mais meiga, de olhar doce, acentuando aqui dois opostos. Ao mesmo tempo que representa o “nós” como unidos num objetivo comum, representa também opostos. Aqui, é notável a preservação do duplo registo, as gémeas aparecem como distintas, fornecendo ao mesmo tempo um lugar distinto aos pais, o que nos leva a sugerir que está patente uma forma particular de lidar com o *outro*, “se o meu lugar é incerto, então eu preciso do *outro* para me colocar no lugar onde pertenço”. No seguimento desta ideia, verifica-se num certo momento que parece confundir o *eu* e o “nós”, pois surge um lapso no seu discurso ao falar de si, mas confundindo-se ao mesmo tempo – “... *no processo também conhecemos ab... conbeci eu (...)*”.

A partir deste momento, começa a ser revelada alguma agitação no seu discurso, quando refere as condições em que as suas filhas estavam quando as viu a primeira vez – “(*... três semanas intensas (... toda aquela situação, que não é que seja muito muito degradante, mas é um bocadinho... porque as crianças não vivem em condições (... muito boas (... a Catarina mal andava, porque passava muito tempo na cama*)”, sendo notório que é algo que lhe provoca angústia relembrar este processo. É ainda visível uma certa contradição, aparece de novo uma confusão entre o “ser e o não ser”, quando refere que Catarina era a mais “*maluca*” e que se agarrou logo ao pescoço do pai, mas noutro ponto da narrativa, já “*mal andava*”. No mesmo seguimento, da fragilidade das filhas, parece existir alguma distorção da realidade, eram demasiado pequenas para o que deveriam ser, há uma grande discrepância entre a idade e o tamanho que tinham – “(*... tive de chegar cá e comprar roupa de três, seis meses que era o que lhes servia porque caía-lhes tudo*)”, descrevendo-as como se fossem bebés muito “desmunidos”.

Depois deste ponto, no qual refere algum do processo que passou com as suas filhas, já no seu país, “salta no tempo”, verifica-se tanto uma mudança repentina do tema, como um lapso temporal, pois passa rapidamente, de novo, para a altura em que estavam em Cabo Verde e para

o processo jurídico, tendo ficado para trás a adaptação das suas filhas (“(...) *teve que haver uma dieta de adaptação (...) que rapidamente também entraram (...) em toda a normalidade (...). (...) essas três semanas penosas lá passam. Nós conseguimos efetivamente, junto depois do Tribunal... a documentação assinada pelos pais (...)*”).

No seguimento do discurso que faz em relação aos procedimentos jurídicos do processo, parece existir um distanciamento e indiferenciação relativamente às filhas quando diz “*duas crianças*”, o que nos remete, mais uma vez, para o conflito interno existente em Bárbara relativo, neste caso, às pertenças. Inicialmente, no primeiro contacto com as filhas cita “*conhecemos as nossas filhas*”, mas na última referência já surge o distanciamento, há um movimento que “parece que é, mas afinal não é”, há uma confusão interna e alguma falta de rigor, que nos faz pensar que parece que Bárbara ainda está a assimilar todo o processo que passou e todos os passos de relação e de aproximação com as suas filhas.

Novamente é verificado que volta ao início da história – “*acho que como é óbvio o facto de termos uma advogada a tratar foi muito melhor (...) a presidente da instituição também simpatizou connosco (...) foi um final feliz porque elas tiveram uma adaptação ab... muito boa*” –, ocorre um corte constante no seu discurso e denota-se uma rutura entre o trazer as crianças e quando as tem, há um espaço vazio nesse momento da narrativa onde não há possibilidade de compreender o momento exato da transição entre a viagem de volta com as filhas e o momento em que está em Portugal, sendo ainda igualmente perceptível um isolamento das representações e dos afetos, pois é difícil para Bárbara expressar-se relativamente às situações que viveu até conseguir ir a Cabo Verde vê-las, tem dificuldade em representar o que sente.

Um espaço confuso volta a surgir, quando fala da saúde das filhas, há sobressaltos visíveis relativos a este tema, inicialmente descreve como foi boa a adaptação – “(...) *deitaram-se a dormir a sesta como se tivesse sido sempre ali a casa delas (...) foi um processo tão natural (...)*” –, mas rapidamente volta aos diversos problemas que surgiram “*lá*” – “(...) *elas estavam com problemas intestinais (...) a mãe, segundo o que eu percebi (...) despachou o que tinha a despachar ab... e eles penso que tiverem, ainda não tinham dois anos a última vez que ficaram na instituição*” –, mas passa de estar tudo muito bem para o “afinal não estava nada bem” e elas estavam doentes. Neste ponto, verifica-se, mais uma vez, que quando chega a algo com grande intensidade interna, com a qual ainda não consegue lidar, interrompe o discurso voltando a temas que não lhe provocam tanto sofrimento, existindo aqui algo de catastrófico. E, neste caso, deu continuidade ao seu discurso ao contar a história da instituição onde foi buscar as suas filhas, contudo, Bárbara descreve diversas situações, com

muitas crianças presentes, mas em nenhum ponto incluí as gêmeas, fala de todas as crianças menos das suas:

*“(...) pronto conviviam ali com miúdos, claro tudo carenciados, (...) portanto havia todo esse sistema, mas claro uma carência brutal porque os miúdos, criámos laços muito fortes com eles, (...) principalmente com os mais velhos (...) ... era uns cuidavam dos outros, eu lembro-me de durante esse período que passei lá, da bebé de doze dias andar ao colo de miúdos de seis e de sete anos (...) ... uma das auxiliares que lá andava, o filhos dela também andava por ali e andava na mão dos outros miúdos de um lado para o outro (...)”.*

Bárbara reporta o “processo”, como tendo vontade de voltar ao mesmo – *“... existe um bocadinho às vezes a ideia de voltar ao processo, mas não sei, uma delas diz que gostava, a outra diz que não sabe muito bem se quer...”* –, referindo-se ao processo de adoção, contudo, fica uma questão em aberto “será que se refere realmente a um novo processo de adoção, ou a este que ainda está pendente no seu inconsciente?”, sendo que se vai tornando claro que ainda está a resolver psicologicamente o processo pelo qual passou, é algo que para si ainda não se encontra totalmente organizado e assimilado, pois existem muitas vicissitudes, é para ela algo difícil de reviver.

Denota-se ainda, no decorrer da narrativa, até ao momento, que não há nada que distinga as gêmeas, referindo-se constantemente a “elas” como um todo (*“Elas têm-se adaptado bem (...) sabem perfeitamente de onde é que vieram (...)”*), e não a cada uma em particular como um ser único, deixa de existir uma separação como foi visível no início, em que uma era a “doce” e a ou a “maluca”, em que uma pertencia à mãe (Bárbara), e a outra ao pai (*“... deparamo-nos com (...) a Madalena (...) que começou logo a olhar com aquele ar assim muito doce (...) e então apareceu a Catarina que era... e continua a ser (...) muito intensa em tudo e logo que apareceu (...) agarrou-se assim ao pescoço (...) do meu marido”*).

Começa a ser introduzido o tema do racismo que, segundo Bárbara, não foi sentido por ela ou pelas filhas em momento algum, contudo, conforme continua o discurso, consegue identificar pelo menos uma situação em que poderia ter sido sentido racismo pelas filhas, mas banaliza esse momento (*“... elas com quatro ou cinco anos de... um amigo, mas claro com ingenuidade da altura dizer ‘vocês são de outro planeta’, porque eles estavam a dar um bocado os continentes e depois havia aquela associação que determinados continentes as pessoas tinham uma cor de pele assim ou assado, (...) mas pronto sempre conviveram na boa...”*). É centrado sim na sua narrativa, a “vantagem de ser afro”, referindo que a filha *“já tem uma juba fantástica”*, parece para ela ser bastante importante e vantajoso que continuem a seguir, de certo modo, as tendências africanas e que, principalmente gostem delas próprias com a origem que têm (*“(...) mas acho que elas pronto... gostam delas, acham-se bonitas (...)”*),

apesar de, por outro lado, parecer ter algum receio da sua volta às origens, sendo notório uma certa oposição no que diz – “... eu acho legítimo elas poderem conhecer os pais biológicos, se eles ainda existirem, ah... mas acho que a vida dela, delas é tão diferente e tão rica do que eventualmente elas teriam lá infelizmente (...)” –, por um lado acha correto se as filhas quiserem, mas por outro talvez preferisse evitar que tal acontecesse, talvez pensar que teria de reviver parte do sofrimento que viveu lá, e que muito dele ainda não se encontra resolvido.

Neste seguimento, em que consegue falar por uns momentos das suas filhas, rapidamente transfere o assunto para algo que, ao que parece, lhe provoca menos sofrimento. Parece que há algo que quer dizer em certo ponto da história que não consegue, o que faz com que volte sempre atrás, não conseguindo fixar o seu discurso no tema que lhe causa sofrimento, não consegue lidar com o conflito interno, recorrendo ao recalçamento como defesa, havendo sempre um corte na narrativa. Nesta altura específica, em que se encontrava a falar das origens africanas das filhas, corta para falar de alterações ao nível da adoção internacional em geral (“(...) e é um processo que... vale a pena, vale a pena embora eu ache que ah... agora esta situação que agora alterou, que se alterou a nível da adoção internacional... (...) defender algumas situações que secalhar eram abusivas em certas... em certas ah... alturas... ou para certas ah... sei lá...(...)”), estando mais uma vez presente a confusão no discurso, para ela é importante a mudança de tema, apesar de não saber bem o que quer dizer, apenas quer afastar-se do que representa para si uma situação angustiante.

Apesar desta fuga clara até ao momento, o que está recalçado vem ao de cima, torna-se perceptível e começa a ser notório de onde vem o sofrimento, apesar de, por momentos, o negar vai deixando que as suas verdadeiras preocupações surjam, denunciando as dificuldades que foi encontrando ao longo do seu percurso, tanto no seu grupo social como no das suas filhas – “... não vou dizer que para mim era indiferente receber uma criança saudável ou com problemas de saúde, porque não era, (...) e claro que acho que também é muito mais fácil a adoção de uma criança pequena, do que claro uma criança com uma determinada idade, e personalidade já definida e com (...) lembranças menos boas (...)” –, parecendo aqui, finalmente, ter acedido ao inconsciente. Novamente, quando cita: “(...) não subscrevo essa situação porque não era para mim uma vida de uma pessoa... de um casal, modifica-se radicalmente com uma crianças com problemas (...) eu acho que tudo o que acontece, acontece depois quando eles estão nos nossos braços (...) no nosso caso, foi de dois para quatro (...)”, volta a reemergir o recalçado, mas o conflito interno continua visível, quando diz que “não subscreve” a situação de pessoas que adotam crianças com algum tipo de deficiência, ao mesmo tempo está a viver essa situação, e está a sentir as dificuldades nesse ponto do processo.

O “nós” vai desaparecendo ao longo da narrativa, deixa de ser tão acentuado, e deixa de existir a certo ponto (“(...) *como é óbvio tive um apoio muito grande, e continuo a ter, dos meus pais e dos meus sogros (...)*”), o marido “desaparece” na história, o que nos deixa a questão “será que desaparece apenas para ela, ou se desapareceu por outro motivo que desconhecemos?”, de qualquer modo é perceptível que ficou sozinha neste caminho, que foi uma altura do processo somente dela, ou que pelo menos o vivenciou como tal.

Surge, a certo momento, a questão do filho biológico, agregado ao motivo pelo qual decidiram adotar e, mais uma vez, trazendo o conflito persistente em todo o discurso – “(...) *a adoção acabou por acontecer mais depressa ab... do que a possibilidade de um filho biológico (...) mas a ideia era adotar ab... uma criança... e depois ter um filho biológico (...)*” –, pois percebe-se que o facto de não ter conseguido ter filhos biológicos ainda não é algo que esteja resolvido, apesar de Bárbara dizer que está (“(...) *não me sinto, de todo, incompleta, aquela situação da pessoa abh... não tem nada a ver, não tem nada a ver, é realmente uma paixão e ma ligação como com um filho biológico (...) o que se sente é igual*”). Parece estar a assimilar esta questão de realmente não poder ter filhos, pois denota-se um “sim” e um “não” constantes, que revelam o seu modo de conflito e a forma como se sente incompleta.

Bárbara termina, neste ponto, a sua narrativa, dizendo que “*é uma experiência muito boa*”, contudo, e possivelmente devido ao fenómeno de contratransferência, foi questionado o que sentiu no dia em que trouxe as suas filhas para Portugal, tendo sido aqui identificada a falha de Bárbara ao longo de todo o discurso. Após ter sido questionada, o registo mantém-se, quando diz “(...) *não adaptação nunca passaram pela minha cabeça (...)*”, no entanto, se “voltarmos atrás”, percebe-se que foram essas questão e essas preocupações que, na realidade, “sempre passaram pela sua cabeça”. E, retoma ao ponto que talvez mais sofrimento lhe provoca, as questões de saúde, sempre acompanhadas de algo oposto no momento seguinte, pois ao mesmo tempo que a sua filha Catarina “*nem se endireitava na cadeira*”, parecendo uma criança frágil, no momento seguinte já é citado que “*sempre foi (...) a mais agitada*”. Assim, verificamos que o perigo de clivagem que poderia estar subjacente não se verifica, pois mostra apenas opostos mas não clivagem, estando a ação confinada à inação e, apesar do recalado reemergir denota-se aqui uma catástrofe, algo muito intenso.

Termina, com isto, com a retoma às questões da origem das suas filhas, da origem africana incontornável, que evoca, ao mesmo tempo os opostos e a contradição que a acompanham, ao mesmo tempo que parece que quer que mantenham a sua cultura, com os cabelos afro, também refere o “mundo barbie” em que elas vivem, em que o “louro” é o estereótipo de beleza. É notável que esta questão tem uma grande importância para si logo

quando, no início da narrativa, evoca os PALOP, que pertenciam às antigas colónias, referindo-se a estes no momento de decisão da escolha do país de adoção.

#### **4.2.2. Análise dos grandes temas**

##### 1 - Conflito interno

No decorrer da sua narrativa, Bárbara encontra-se num constante conflito interno, sendo este revisto em diversos pontos e parecendo fazer parte do seu modo de funcionamento.

Num primeiro momento, este conflito revela-se pela forma introdutória como Bárbara se refere ao processo de “gravidez”, que a mesma afirma ser necessário para assimilação de todo o processo de adoção. Contudo, emerge logo aqui uma certa confusão e contradição no seu discurso, por um lado diz que passou demasiado rápido todo esse tempo, e por outro, diz ter esperado muitos anos para que realmente pudesse ter as suas filhas nos braços, e ao dizer também que “(...) *é claro uma decisão que uma pessoa toma e no dia a seguir queria já conseguir estar a concretizá-la*”.

Acrescentando a este ponto, ao longo do discurso, podem-se verificar diversas outras questões que dão a entender o conflito em que Bárbara se encontra e que mostra que este processo de adoção, e todos os passos envolventes, ainda não está totalmente assimilado.

#### **A confusão da pertença**

O primeiro ponto verificado, neste seguimento, é a confusão de pertença que a “assombra”, verificando-se um constante “pertence e não pertence” no seu discurso. De início verifica-se esta questão relativa ao processo de adoção em si e ao lugar que ocupa e ao qual pertence na sociedade (“(...) *nós não fazemos parte da Santa Casa da Misericórdia pela nossa morada... é na zona da Lapa que existe também (...) algo idêntico à Santa Casa (...) e era onde pertencíamos*”). E esta confusão é confirmada quando é perceptível que se sente mais segura e mais confortável em se movimentar no “lá” (Cabo Verde), do que no “cá” (Portugal), é mais fácil, de certo modo, para Bárbara compreender, pois o próximo é uma dificuldade, o afastado para si é algo que lhe dá maior confiança e conforto, compreendendo melhor o modo de funcionamento de um país desconhecido do que do seu próprio país. Neste seguimento, há ainda outro momento que se destaca que, para além do sentido de pertença em relação si mesma, há também alguma confusão em relação às suas filhas, surge uma certa dificuldade em sentir que são suas filhas, em alguns

momentos fala como se fossem, mas noutros é verificado um certo distanciamento e indiferenciação, momentos esses em que parecia não estar segura de que realmente eram “suas”, que realmente lhe pertencem. Parece que Bárbara ainda se encontra a assimilar a relação e a aproximação relativamente às crianças, pois num momento inicial surge o sentimento de que elas já eram as “*nossas filhas*”, sendo esta citação referente ao momento em que as conheceram, contudo, com o avançar do discurso, denota-se a confusão interna pois já passa a falar delas como “*crianças*”, parecendo que não as sente como algo certo e definitivo passando assim para a indiferenciação.

### **Lapsos temporais**

Começa a ser percecionado que Bárbara faz saltos no tempo, levando a que o seu discurso se torne confuso quando está a falar da adaptação das filhas, há lacunas numa fase específica da vida delas, que assim que começa a ser abordado há um corte, pois é algo que lhe provoca sofrimento e passa para temas que não o façam e que lhe sejam mais fáceis de lidar, como é o caso dos procedimentos jurídicos que envolveram todo o processo. É com isto difícil, ou mesmo impossível, de sabermos o que aconteceu entre o momento em que teve as suas filhas nos braços para regressar a Portugal e a chegada, bem como a total adaptação delas. Quando começa a descrever algo que possa remeter para a adaptação – “*teve que haver uma dieta de adaptação (...) que rapidamente também entraram (...) em toda a normalidade (...) mãe e pai foi uma palavra que elas também rapidamente também passaram a dizer (...)*” –, há um corte instantâneo utilizado como mecanismo de defesa para não chegar ao ponto que lhe causa maior sofrimento – “*(...) essas três semanas penosas lá passam. Nós conseguimos efetivamente, junto depois do Tribunal... a documentação assinada pelos pais (...)*” –, neste caso remetendo para as questões de documentação ou, noutro ponto, remetendo para a descrição da instituição onde estavam as suas filhas em Cabo Verde, descrevendo toda a interação entre todas as crianças que lá residiam, menos das suas no seu discurso, neste momento, parece terem deixado de existir (“*(...) pronto conviviam ali com miúdos, claro tudo carenciados (...) havia depois casos de crianças que só permaneciam durante a semana, (...) criámos laços muito fortes com eles, (...) principalmente com os mais velhos (...). (...) lembro-me (...) da bebé de doze dias andar ao colo de miúdos de seis e de sete anos (...), o filho dela também andava por ali (...)*”).

### **Cultura de origem**

A origem das suas filhas é um dos temas que lhe provoca, talvez, maior sofrimento, é algo de grande intensidade para o seu *eu*, com o qual não consegue lidar mas que tenta por diversas vezes chegar a esse tema, contudo retorna ao seu modo de funcionar, alterando rapidamente o

assunto. Esta temática inicia-se no seu discurso pela questão do racismo que as suas filhas poderão ou não ter sentido em algum momento das suas vidas, contudo é algo que tenta passar a ideia de que banaliza esse facto, referindo que as filhas *“gostam delas, acham-se bonitas (...)”* e que há uma grande importância para si que se mantenham como são, que se sintam bem com as suas origens, parecendo este talvez um problema maior para Bárbara do que propriamente para elas. Existe então, ao mesmo tempo, esta força em que elas se mantenham como são, e que não voltem às origens, talvez por medo de as perder, pois é algo que ainda não conseguiu internalizar por completo, ou pelo facto de ter de voltar a Cabo Verde ainda não ser algo fácil para si. Vive, com isto, num conflito interno constante relativo a esta problemática, havendo constantes contradições quando é abordado o tema – *“... eu acho legitimo elas poderem conhecer os pais biológicos, se eles ainda existirem ab... mas acho que a vida dela, delas é tao diferente e tão rica do que eventualmente elas teriam lá infelizmente (...)”* –, parecendo, por um lado, estar a convencer-se a si própria que o melhor é a vida que lhes dá, e não a que teriam lá.

Para além das origens africanas, o estado de saúde das suas filhas é algo que claramente lhe provoca sofrimento, apesar de, mais uma vez, o tentar esconder. Mas, volta a ser perceptível através do seu modo de funcionamento para lidar com situações angustiantes. Ocorre, em certo ponto, a agitação do seu discurso, quando começa a contar a parte da história em que viu as filhas e em que as teve nos seus braços, remetendo para a falta de munição que as envolvia nesses momentos (*“(...) a Catarina mal andava, passava muito tempo na cama (...) tive de chegar cá e comprar roupa de três, seis meses que era o que lhes servia porque caia-lhe tudo”*), bem como para uma discrepância da noção que tinha do que elas realmente eram e do que Bárbara percecionava que elas eram. Ainda, na mesma linha, Bárbara primeiramente diz que a adaptação das filhas foi muito boa mas, repentinamente, parece que emerge uma catástrofe, passando do momento em que estava tudo a decorrer da melhor forma e *“(...) deitaram-se a dormir a sesta como se tivesse sido sempre ali a casa delas”*, para todo o desespero que foi vivido “lá”, em Cabo Verde, onde não houve nada de bom (*“(...) elas estavam com problemas intestinais que (...) estupidamente achavam (...) que era epilepsia porque ela dava-lhe umas cólicas tão grandes que ficava toda esticada e eram uns espasmos (...)”*).

*“Existe um bocadinho às vezes a ideia de voltar ao processo”*, esta afirmação de Bárbara, apesar de querer dizer que pensa em voltar a adotar, tem latente outro significado, que remete mais uma vez para a confusão no seu discurso e para o seu conflito interno, colocando-se a questão de *“será que está a falar do processo pelo qual passou?”* e, no seguimento do seu modo de funcionamento ao longo da narrativa, percebe-se que poderá estar a falar, embora inconscientemente, da possibilidade de reescrever o processo pelo qual passou, a adoção das suas

filhas que envolveu tantas vicissitudes e grandes níveis de complexidade para Bárbara, tornando-se para ela bastante difícil de reviver, pois ainda está a passar por um processo de assimilação, mesmo depois de tantos anos.

### **Filhos biológicos**

O seu modo de conflito, é frequentemente representado pelo registo de “sim/não; substituto/verdadeiro”, é tudo muito oscilatório no seu discurso, sendo este facto novamente verificado quando aborda o assunto dos filhos biológicos, referindo que não sente falta e que para ela não existe qualquer problema em não os ter tido porque é “*igualzinho*” ter um filho biológico ou um filho adotado. Contudo, na realidade, não o sabe, pois não há termos de comparação na sua vida relativamente a este assunto, mas acentua de tal forma esse aspeto e parece estar a tentar convencer-se a si própria de que essa é a realidade, pois afirma que era um objetivo ter filhos biológicos depois de adotar – “*(...) a ideia era adotar ah... uma criança... e depois ter um filho biológico ah... a vida deu voltas (...) e não posso ter filhos (...) mas...ah... ainda bem(...)*”. Aqui, demonstra então que, de certo modo, se sente incompleta, apesar de o negar para si mesma – “*e não me sinto, de todo, incompleta (...) é realmente uma paixão e uma ligação como com um filho biológico(...)*”.

### 2 – Eu e o outro

Bárbara, ao longo da narrativa, introduz com alguma recorrência o “nós”, é notório, de início, que não sente este projeto como algo apenas seu, mas sim como um projeto do casal, de tal modo que num certo ponto do discurso começa a falar em “nós”, mas rapidamente corrige apercebendo-se que naquele momento que estava a descrever o marido não estava presente (“*(...) até que nós decidimos (...) ir a Cabo Verde (...) no processo também conhecemos ah... conheci eu, numa... numa viagem de comboio (...)*”), o que remete para o facto de sentir que em todo o processo teve o seu apoio e foi com ele que tudo se desenvolveu. Porém, apesar de haver esta sensação de que o *outro* a complementa de alguma forma, ao mesmo tempo divide-os. Esta contradição é visível, primeiramente no primeiro encontro com as filhas, em que o seu marido fica “encarregue” de uma das filhas, da mais “maluca”, que se agarrou ao pescoço do pai assim que o viu, e Bárbara ficou com a de olhar doce, a mais meiga, existindo aqui uma clara acentuação de opostos. Ao mesmo tempo que representa o “nós”, verificando mesmo quando faz a distinção dos dois, representa também que pertencem a lados opostos, remetendo isso *à priori* para a relação com as filhas. As gémeas surgem como distintas na sua narrativa, são logo de início

separadas, uma fica com o pai e outra com a mãe. Denota-se então um duplo registo no funcionamento de Bárbara, surgem constantes contradições e opostos. Parece aqui que o seu lugar no mundo é incerto, não se sente segura remetendo isto para a sua forma particular de lidar e de ver o *outro*, para ela esse *outro* tem como função determinar tanto a sua função como o seu lugar de pertença.

Contudo, este *outro* vai-se desvanecendo no decorrer da narrativa, deixa de existir um “nós” tão acentuado, para passar a existir um *eu* sem o *outro*. Parece que este processo passou a ser algo apenas seu, apesar de referir alguma ajuda externa, mas não sendo do marido – “(...) *como é óbvio tive um apoio muito grande, e continuo a ter, dos meus pais e dos meus sogros (...)*” –, pois esse “desaparece” como sendo um suporte na sua vida e como fazendo parte da adoção, no entanto, não está subjacente se esta será uma questão sua interna, na qual se sentiu sozinha em algum momento, ou se de facto o marido não existiu por algum outro motivo.

Ainda, outro aspeto em destaque é o facto de, na maioria da narrativa, Bárbara falar das suas duas filhas como uma só, deixa então de existir a separação que as distinguiu inicialmente (“*Elas têm-se adaptado bem (...) sabem perfeitamente de onde é que vieram (...)*”), o que poderá remeter para a questão de que como não se consegue diferenciar do *outro*, também não consegue fazer essa diferenciação entre as filhas, ou talvez porque essa diferenciação remete para o marido que deixou de fazer parte do processo, pois foi no início que ocorreu essa separação, no qual elas apareciam como distintas e eles os dois também (“... *deparamo-nos com (...) a Madalena (...) que começou logo a olhar com aquele ar assim muito doce (...) então apareceu a Catarina que era... e continua a ser (...) muito intensa em tudo e logo que apareceu (...) agarrou-se assim ao pescoço (...) do meu marido*”). Esta distinção volta a ser perceptível apenas no momento em que fala de algo que as liga às suas origens, ao cabelo afro que a “maluca” tem e que a de olhar doce não gosta assim tanto (“... *a Catarina neste momento já tem uma juba fantástica ah... (riu-se) a Madalena não tanto, mas tem os seus caracóis, mas gosta de ver o cabelo assim mais esticado (...)*”).

### 3 - A diferença da cor da pele

O que se encontrava recalcado até certo momento, começa a surgir no discurso de Bárbara, mesmo que inconscientemente começa a demonstrar as suas preocupações. Algo que demonstra que não houve clivagem, pois foi recuperado o momento que falhava e que lhe provoca um grande sofrimento, pois é perceptível que é uma altura da vida de Bárbara que é difícil que reviver e de relembrar e que, principalmente, ainda não está totalmente assimilado.

Começa a ser percebido que está a reemergir o que estava recalcado quando denuncia as suas dificuldades e preocupações neste processo, dificuldades essas encontradas, principalmente, no seu grupo social e das suas filhas – “... não vou dizer que para mim era indiferente receber uma criança saudável ou com problemas de saúde, porque não era (...) uma vida de uma pessoa... de uma casal, modifica-se radicalmente com uma criança com problemas (...) eu acho que tudo o que acontece, acontece depois quando eles estão nos nossos braços (...) no nosso caso, foi de dois para quatro (...)” –, bem como o facto de ter alterado por completo a sua vida, e as mudanças que podem ter acompanhado tudo isso. No entanto, o conflito interno referente ao seu funcionamento, continua presente, sendo que afirma que “não subscreve” a situação de pessoas que adotam crianças com deficiências (físicas ou psicológicas), mas ao mesmo tempo parece estar a viver exatamente essa situação, sendo uma das suas maiores dificuldades iniciais, a fragilidade física das suas filhas.

Bárbara refere ainda que a adoção “é uma experiência muito boa” e que a “não adaptação nunca passaram pela minha cabeça”, mas, percebe-se que na realidade foi “só o que lhe passou pela cabeça”, algo que nega mas que mostra com o seu discurso, sendo claramente algo inconsciente para si e que começa, aos poucos a reemergir, mas ao mesmo tempo continua a negá-lo.

Com esta denúncia das suas dificuldades, e com o emergir do recalcado, percebe-se que não existe uma clivagem, como poderia ser de esperar inicialmente, não sendo algo primitivo, relevam-se sim opostos que demonstram que está a passar por algo muito violento para o seu *eu*.

## 5. Discussão

Posteriormente ao levantamento dos dados em análise e à compreensão dos mesmos, utilizando a Entrevista Narrativa em Associação Livre de ambas as participantes – Leonor e Bárbara – procede-se agora à discussão dos conteúdos analisados, através de uma articulação dos mesmos, com o que a literatura nos fornece no âmbito da Adoção Internacional, e com os objetivos a que nos propusemos inicialmente para este estudo.

Foram então destacados aspetos comuns entre as participantes, e certas singularidades que as diferenciam entre si. Antes de iniciar o destaque dos conteúdos, é importante referir que ambas as participantes se reportam a dez anos atrás nas suas vidas. O primeiro tema em destaque nas narrativas de Leonor e de Bárbara é o facto de, ao contarem a sua história, o desejo materno ficar pendente, é dissipado no tempo enquanto se “perdem” a falar do processo de adoção e tentam esconder as suas verdadeiras dificuldades. Em Leonor esta particularidade manifesta-se através da sua narrativa extensa sobre as questões burocráticas que envolveram o processo de adoção, pois quando evoca momentos de interação com as suas filhas na fase inicial, quando lhes foram entregues como sendo suas, estes revelavam-se difíceis e geradores de ansiedade, pois na realidade Leonor demonstra que se focou tanto nas questões burocráticas, que o “tornar-se mãe” ficou em segundo plano. Já com Bárbara, nesta fuga às situações que lhe provocam sofrimento ao lembrar, verifica-se um mecanismo distinto do utilizado por Leonor, mas com o mesmo fim, tendo sido manifestados lapsos temporais no seu discurso, quando chega ao ponto de sofrimento, Bárbara volta atrás no tempo e retoma a narrativa em pontos que já tinha referido anteriormente, parecendo em todos eles que deixou algo de importante por dizer mas que não consegue antecipar, remetendo isto para uma recusa da realidade (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Este aspeto poderia levar-nos a acreditar que Bárbara utiliza os opostos como mecanismo de defesa, contudo este pressuposto teórico é abandonado no momento em que a participante revela as suas dificuldades, reemergindo o que poderia estar recalcado, que surge através de algumas experiências primárias e como resposta simbólica utilizada como compromisso entre a defesa e a expressão pulsional (Chabert, 2003), surge então algo típico nesta linha, a consciencialização (Chabert, 2003), Bárbara demonstra o que lhe provoca sofrimento, ou seja, o recalçamento é utilizado como defesa (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002).

Retomando a questão do materno, torna-se relevante referir os trabalhos de Hollway (2011), relativos a este tema e, segundo a autora, Winnicott observou que a primeira preocupação materna desenvolve-se gradualmente durante a gravidez, especialmente na fase final, e umas semanas depois do nascimento, e é nestas fases que a mente da mulher está temporariamente

afetada e perturbada. Neste sentido, e de acordo com as narrativas de ambas as participantes, esta questão pode igualmente ser revelada nas mães que adotam, tanto internacionalmente como ao nível nacional, pois denota-se que muitas das partes por estas referidas substituem, de certo modo, o que poderia ser o processo de gravidez, algo estudado como natural de acontecer em algumas mães adotivas, envolvendo reorganizações das representações manifestadas durante uma gravidez, tendo um cariz preparatório e sendo assim necessárias para o acolhimento de um novo membro com condições psicoafetivas satisfatórias (Golse, 2012). Em Leonor esta “gravidez psíquica” parece ser representada pelo processo jurídico até ter as suas filhas, e em Bárbara revela-se pelo seu discurso direto, ao revelar que *“é importante haver uma gravidez”*. Verifica-se então neste caso que tal como as grávidas têm os nove meses de preparação para o novo ser que vem a caminho, para elas também é necessário esse tempo (ou mais) até terem a criança consigo, isto porque o momento do nascimento e antes deste, o “objeto externo” emerge daquilo que era antes o objeto interno, e assim é provável que o estado transitivo, para uma nova mãe, envolva um rebalanceamento de diversos e singulares estratos da sua própria subjetividade de como encara a recente criança externa (Hollway, 2011). Neste seguimento, a “gravidez psíquica” tem então como principal objetivo estabelecer uma distância aceitável entre a criança real e a imaginária, entre o objeto que era interno e que passou a externo e, com isto, esta fase pode ser favorável para a libertação de diferentes representações mentais da criança imaginária, o que será positivo para os pais adotivos (Golse, 2012), principalmente para a construção da filiação (Harf et al., 2006).

Coloca-se com isto outra questão, que é abordada por Leonor, os primeiros cuidados fornecidos à criança (*“(…) cheirava muito mal, que... chorou muito, obviamente, na primeira noite, que... ah... que lhe dei banho num alquidar, que eu tava tão nervosa que deixei cair, pu-la no meio da cama, deixei cair o biberon, a tetina... deixei cair tudo”*), que no seu caso foram motivo de alguma angústia, facto este referido por Urwin, Hauge, Hollway e Haaving (2013), no que concerne ao alimentar a criança nos primeiros tempos, pois esta questão da alimentação emerge como uma medida do crescimento da criança criando a necessidade de saber ‘como’, ‘o quê’, e ‘quando’ alimentá-la, e com isto esta prática envolve incertezas, tensão e confusão nas mães, mexendo assim com aspetos do processo de “tornar-se mãe”. Principalmente com as mães adotivas, que muitas das vezes os seus filhos, quando são legalmente dados como tal, já não são bebés, e têm uma história de vida dramática por detrás de tudo isto (Miller, 2005), pois já experienciaram condições de vida muito difíceis antes da adoção (Harf et al., 2013). Assim, a mãe (ou substituta) deve sentir-se dentro do mundo da criança, conhecendo assim as suas dificuldades (Winnicott, 1984 [1956], p.304, cit. por Hollway, 2011), e agregada a esta questão vem a dinâmica assimétrica da

identificação, que envolve a necessidade da mãe em se identificar com o “estado de ser” da criança e protegê-la contra intrusões (Hollway, 2011). Ainda, com Leonor, no momento de desespero ligou à sua mãe, para perguntar o que deveria ou não fazer em relação ao banho e à alimentação da sua primeira filha, (*“Eu completamente em pânico, porque ela estava engasgada, mas lá lhe bati nas costas e tal (...) senti mesmo sozinha no mundo. Então eu telefonava à minha mãe, e perguntava-lhe pelo telefone, ‘e agora? e agora?’ (riu-se) ‘e agora o que é que eu faço? E agora o que é que se segue?’”*), o que poderá sugerir que ainda não se encontrava confiante e preparada psiquicamente para tomar essa responsabilidade enquanto mãe, responsabilidade essa que envolve a toma de algumas decisões que fazem parte do papel de ser mãe (Urwin et al., 2013), e é nestes primeiros momentos que se desenvolve a reorganização das ligações e das relações que são instaladas entre os seus pais e/ou irmãos, pois são quem interagem em primeira instância com as crianças (Golse, 2012).

Acontece o mesmo com Bárbara, embora que de forma distinta, pois não refere em momento algum da sua narrativa como foram estes primeiros momentos, apenas refere o momento em que as viu pela primeira vez na instituição e depois uns anos à frente, contudo, é igualmente perceptível que no dia de chegada das suas filhas também ainda não foi ela que tomou conta desta parte de ser mãe, não referindo o momento em que realmente o começou a ser, a única parte referente à alimentação evoca a mãe e a sogra no dia em que chegaram a Portugal com as suas filhas – *“elas chegaram, as avós tinham feito uma sopa para elas, elas comeram a sopa... e deitaram-se a dormir a sesta como se tivesse sido sempre ali a casa delas ab...”*. Relativamente ao primeiro ponto, parece não conseguir criar expectativas em relação à vida das suas filhas, daí recorrer aos lapsos temporais referidos e aqui destacados mais uma vez, e visíveis ainda quando refere a confusão relativa ao futuro das filhas no que concerne a quererem ou não procurar as origens. Referente ao facto de não ser Bárbara a prestar os primeiros cuidados, podemos admitir que talvez ainda não se encontrasse segura para assumir o papel de “tornar-se mãe”, papel esse que envolve diversos passos, descritos por Urwin et al. (2013), principalmente no que concerne à alimentação e ao que este significa nos primeiros momentos de vida da criança para a relação mãe-filho, momentos estes cruciais no resto da vida das mesmas e na construção da filiação (Harf et al., 2006), pois o trabalho dos pais é muito importante e afeta o comportamento dos filhos, reconstruindo um continente psíquico que permite uma fase securizadora (Bion, 1962 cit. por Harf et al., 2013b).

No que concerne à fuga das vicissitudes vividas por ambas, poderá remeter para as argumentações de Freud (1930), quando este explica que há uma tendência em isolar o Ego de tudo o que poderá tornar-se gerador de desprazer para o sujeito, expulsando-o para fora e

criando um Ego puro em busca de prazer, que é confrontado com um “exterior” estranho e ameaçador, sendo isto verificado, principalmente, em Bárbara quando esta evita abordar as questões da adoção e da adaptação das filhas que lhe causaram algum tipo de sofrimento e que ainda não foi capaz de assimilar no seu todo. Com Leonor verifica-se o mesmo, refugiando-se nas questões burocráticas e no seu projeto de conseguir trazer mais crianças para Portugal, mas principalmente quando se percebe que tenta a todo o custo colmatar as falhas que vai encontrado no *outro* ao longo deste percurso, resolvendo os problemas por si e sozinha (“*Entretanto a única que era possível fazer em Cabo Verde, ah... era o... o teste do HIV. Isso foi feito. Foi das análises normais, pronto, das análises básicas, normais, feitas ao sangue e às fezes... por causa dos parasitas. Ah... e à urina... mas fomos nós que fizemos tudo! Isto tudo fomos nós que quisemos fazer.*”), pois algumas coisas são difíceis de serem abandonadas quando proporcionadoras prazer (Freud, 1930), sendo isto aquilo que se verifica em Leonor ao referir que nas duas adoções sentiu que estava a trazer uma criança e a deixar muitas outras para trás, remetendo ao mesmo tempo para o facto de se sentir incompleta com as adoções que fez, querendo sempre mais sem nunca se sentir totalmente satisfeita com os resultados, centrando a partir deste momento o discurso no *eu*. Dando continuidade ao referido, quando algumas situações são difíceis de ser abandonadas pelo sujeito, estas não se referem ao Ego, mas sim ao objeto em questão, e alguns sofrimentos que se procuravam separar do Ego mostram-se inseparáveis do mesmo, devido à origem interna que os envolve (Freud, 1930).

Outro aspeto que se revela importante e que é visível em ambas as narrativas, ao longo do discurso, é o facto de introduzirem o *outro* como não sendo securizador e fonte de apoio. Em Leonor, este aspeto torna o seu discurso confuso em certos momentos, pois percebe-se que o seu marido é alguém presente quando chega com a sua primeira filha a Portugal (“*nós chegámos ao aeroporto*”), referindo-se a esse momento como “nós”, no entanto, na maioria das situações demonstra sentir-se sozinha e desamparada, dando a entender que esse *outro* não está presente e que não é para si um suporte. Com Bárbara, o *outro* vai-se dissipando no tempo, enquanto que na fase inicial da narrativa evoca constantemente o “nós” para contar a história – (“*(...) até que nós decidimos (...)*” – , este vai-se perdendo ao longo da mesma, chegando ao final como se não existisse nos momentos de necessidade (“*(...) como é óbvio tive um apoio muito grande, e continuo a ter, dos meus pais e dos meus sogros (...)*”). De início, é perceptível que o *outro* é percebido por si como alguém que a assenta no lugar correto, que naquele momento não sabe qual é, mas ao mesmo tempo que o *outro* tem esse papel, também o separa de si, pois automaticamente divide o papel das gémeas, separando-as entre a “doce”, que é sua, e a “maluca” que automaticamente é colocada, pelas circunstâncias, como sendo do seu marido. O que poderá revelar que se sentiram sozinhas neste processo, ou no caso de Leonor que estas adoções se tornaram num projeto de

vida pessoal e individual de tal forma grandioso, que afastou o *outro*, mesmo que inconscientemente. Mas, tornar-se relevante referir que as principais emoções sentidas pelos pais adotivos são o medo e a solidão (Harf et al., 2013).

É ainda notório que existe em ambas, em certo momento, um distanciamento e indiferenciação relativo às suas filhas. Na narrativa de Leonor este aspeto verifica-se nas poucas vezes que refere a relação com as suas filhas, parecendo estar mais predisposta a falar das outras crianças que foi encontrando no seu longo caminho a Cabo Verde do que das suas, referindo-se ainda a estas, muitas das vezes, por “processos” e não como filhas que o são (“... e depois fomos a Cabo Verde, no primeiro processo, duas vezes. (...) portanto isto foi no primeiro processo.”). Já na narrativa de Bárbara, inicialmente esta começa por contar como foi a primeira interação com as suas filhas, na instituição, dizendo mesmo “conhecemos as nossas filhas”, contudo, tal como o *outro*, isto dissipa-se enquanto conta a sua história, passando a referir-se a ambas como “crianças”, surgindo esta nomenclatura quando fala em questões que lhe provocaram sofrimento e que, novamente, remete para o facto de todo o processo ainda não estar para si totalmente assimilado, apesar de já ter passado mais de uma década, referindo, tal como Leonor, embora que num registo distinto, num momento exaustivo da sua narrativa, todas as crianças que se encontravam na instituição, “esquecendo-se” de referir como estavam as suas filhas nesse momento, conseguindo descrever com maior facilidade o que é do *outro* do que o seu.

Esta questão remete para o referido na literatura relativamente à primeira interação dos pais com a(s) criança(s), sendo um momento de grande angústia para os pais, numa primeira instância, devido à realidade de pobreza na qual são obrigatoriamente colocados (Harf et al., 2013b), e em segundo a reação da criança, contudo, no caso de Bárbara este último ponto foi algo positivo tendo sido exatamente a reação das suas filhas, ao verem-na a ela e ao marido, que os fez decidirem que seriam elas que voltariam com eles para Portugal. Com Leonor, no que concerne a esta questão, com a primeira filha este momento não foi por si referenciado, e com a segunda a reação da mesma também não é referida, mas é sim a questão da pobreza em que a mesma se encontrava antes de ser acolhida e que lhe causou bastante sofrimento, e em Bárbara o facto de ambas estarem muito debilitadas (Harf et al., 2013). Assim, a adoção tem um certo impacto traumático para os pais, que poderá afetar a sua ligação com os filhos, pois o primeiro impacto faz parte das suas relações precoces, e é apresentada frequentemente uma forma de ligação insegura e desorganizada com o país quando chegam ao país de acolhimento (Harf et al., 2013b).

A cor da pele e a procura das origens é algo gerador de preocupação, apesar de em muitos momentos o negarem, ao mesmo tempo que o confirmam. Leonor refere como muitas das abordagens de outras pessoas a afetaram neste sentido, pois ela própria foi alvo de diversas situações de racismo, devido à diferença de cor das suas filhas (*“tive uma pessoa que me disse ‘então mas vão dizer na rua que andaste metida com um preto’ (...)”*), o que a levou a recorrer a um psicólogo em certo momento pois não conseguiu lidar com toda esta questão sozinha, referindo também que muitas pessoas ainda não se aproximam da sua filha mais velha – *“Eu tenho algumas pessoas ainda que não se aproximam da Joana”* –, devido à sua cor de pele (referindo, posteriormente, que a mais nova é bastante mais clara de pele). Bárbara, por sua vez, refere que nem ela nem as filhas sofreram de racismo, comentando ao mesmo tempo um momento em que isso aconteceu na escola, mas banalizando-o, contudo, refere que é algo que a preocupa e que vai estando atenta a esse fator, pois de facto é algo que continua patente na nossa sociedade e que é provável que crianças adotadas internacionalmente venham, eventualmente, a sofrer algum tipo de racismo e discriminação (Harf et al., 2013), entrando mais uma vez em contradições ao colocar tudo em opostos mas, este sentimento de diferença e as experiências de discriminação têm uma importância muito grande na experiência da vida real subjetiva (Benoit et al., 2015).

Em relação à procura das origens por parte das filhas, Leonor não refere este aspeto, mas Bárbara sim, afirmando que por enquanto não houve necessidade nenhuma a esse nível, mas que se algum dia elas tiverem interesse em saber de onde vieram, e até mesmo se quiserem visitar o país, ela estará disposta a isso, sendo este ponto na literatura alvo de opiniões distintas, enquanto que alguns afirmam que a procura das origens poderá prejudicar o desenvolvimento de uma filiação saudável (Harf et al., 2006), outros afirmam que há uma grande importância na identidade da criança em procurar a cultura na qual nasceu (Harf et al. 2015). Bárbara revela ainda um ponto particular, que remete inevitavelmente para o conflito em que se encontra e que é revelado ao longo da sua narrativa, o facto de ao mesmo tempo que diz que a cor de pele e as diferenças não são um problema para si, a certo ponto deixa-se levar no seu discurso ao falar de pais que adotam crianças com problemas (deficiências físicas ou mentais), que apesar de admirar não subscreve essa situação, no entanto, é perceptível que subscreve e que esse é um dos seus maiores receios, o facto delas serem diferentes e de terem chegado aos seus braços com diversos problemas de saúde, algo que mais uma vez remete para o seu conflito, pois ao mesmo tempo que refere o seu estado debilitado no momento da adoção, diz também que na altura não se apercebeu do quão frágeis realmente estavam (*“(...) tinha uma barriga assim daquelas barrigas subdesenvolvidas (...), mas quer dizer a pessoa está envolvida num processo tão intenso que não se apercebe de*

*nada disso, portanto eu para mim... elas eram normais... (...). Agora mais tarde quando vejo algumas fotos, vejo que realmente elas eram muito pequeninas (...)*”).

Existe ainda em Leonor e em Bárbara o facto de não terem filhos biológicos, e não tiveram por não poderem e não por opção própria e, apesar de contrariarem este fator, é algo que lhe pode ter trazido em algum momento, ou no presente, angústia, pois até ao momento do processo de adoção, tal como outras mães adotivas, passaram ou por tratamentos de infertilidade ou não puderam ter filhos biológicos por motivos de doença (Harf et al., 2013b), e estas filhas adotivas vieram compensar as suas esperanças desapontadas, chegaram para reparar alguns dos seus possíveis fracassos (Golse, 2012).

Apesar de pudermos referir-nos a estes pontos como comuns em ambas as participantes, sempre com particularidades de cada uma, existem de facto singularidades que as distinguem em relação ao modo como viveram e vivem todo este processo, tendo cada uma o seu modo específico de funcionar e utilizando defesas específicas para lidar com os conflitos que vão surgindo e que são importantes de destacar. Pois, embora existam fatores comuns, é importante referir que cada adoção tem as suas particularidades e é sempre distinta de todas as outras, devido a diversos fatores que modificam por completo a forma como o processo é vivido por cada pai (Harf et al., 2006).

Leonor, como já referido de forma superficial, utiliza constantemente a racionalização como mecanismo de defesa subjacente (*“uma criança é uma criança em qualquer parte do mundo”*), utilizando-o como forma de escapar ao que causa sofrimento e ao conflito interno em que se encontra. Também é referido por Leonor outra questão importante, o facto de depois de ter a sua primeira filha consigo, já no seu país e com o processo de adoção dado por terminado, era assombrada, nos primeiros momentos, pelo medo de que lhe pudessem retirar a filha a qualquer momento, sem existirem na realidade quaisquer motivos para isso e que apesar de ter consciência de que isso não iria acontecer, estava preparada para qualquer eventualidade. Isto poderá então demonstrar a inquietação sentida por Leonor, que poderá ter diversos motivos subjacentes mas que lhe provoca bastante sofrimento, mantendo-se assim maioritariamente num registo externo, por não ter assimilado algumas das dificuldades vividas por completo. Poderá então ser explicado através de todos os processos que passou para conseguir tê-la consigo, existindo até ao momento em que chegou a casa situações que a fizeram temer tudo isso, sendo um desses momentos quando lhe retiraram a filha dos braços no aeroporto, e este é um momento em que refere ter-se sentido mesmo incapacitada, e no qual sentiu que tudo aquilo por que lutou poderia estar a sofrer

um retrocesso (“... *‘então esta criança não viaja’, e arranca-me a Joana dos braços... eu senti-me a desmaiar (riu-se).*”).

Leonor parece ainda transformar as suas adoções num projeto de vida grandioso, sentindo-se constantemente insatisfeita com as mesmas, pois em ambas sentiu que “ficavam muitas crianças para trás”, surgindo ainda um sentimento de que, a certa altura, perdeu o controlo que poderia ter sob todo o processo, momento este que remete a quando lhe foi entregue a segunda filha e do qual não se apercebeu com a primeira, pois não lhe foi dada a possibilidade de “escolher” a criança que viria consigo, colocando-se a questão de “porquê aquela e não outra?”. Este tipo de questões poderão surgir porque de facto se torna mais simples realizar a segunda adoção no mesmo país do que a primeira, pois já existe um conhecimento mais aprofundado sobre o mesmo (Harf et al., 2013), facilitando assim surjam alguns sentimentos distintos que não foram perceptíveis na primeira vez. Esta questão de não poder “escolher” poderá estar relacionada com o facto de querer constantemente colmatar as falhas dos outros, em muitas situações diz que existiam muitas lacunas e que foi a mesma que teve de as resolver sozinha, pois ninguém estaria preparado ainda para esta questão da adoção internacional. Todas estas situações levaram Leonor a criar a sua instituição, para que pudesse realmente “trazer” mais crianças para Portugal como tanto desejava.

Por fim, outra particularidade desta participante, é o facto de ser perceptível que investe muito na relação fraterna entre as filhas, e é ao mesmo tempo visível pouco investimento na relação entre ela e as filhas, parecendo existir uma certa dificuldade em se aproximar delas, por tudo ser algo que ainda não está totalmente assimilado. Pois, para Leonor, torna-se mais importante que estas estabeleçam uma relação securizadora entre elas (“... *eu tinha uma brincadeira muito engraçada, com elas ah... que era... ‘o que é que nós somos uma sem a outra?’, e elas respondiam ‘não somos nada’, ‘o que é que nós somos uma com a outra?’, ‘somos tudo’, (...)* porque a sara pronto... na altura apercebeu-se que a Diana era mais clara que ela e tal... *então era o pauzinho de... de canela... e o pauzinho de açúcar (riu-se)*”), o que na realidade é muito importante, pois sendo originárias do mesmo país têm algo em comum na família (Hare t al., 2006), o que poderá ser facilitador para a adaptação de ambas.

Relativamente às singularidades encontradas em Bárbara, distingue-se em grande parte os seus lapsos temporais e o facto de voltar atrás no tempo sempre que algo lhe causa sofrimento, surge um evitamento do conflito, ou seja, um evitamento da situação angustiante, utilizado como mecanismo de defesa do Ego (Chabert, 2003). São ainda verificadas contradições, que advêm da confusão do seu discurso quando é visível que pretende referir algo mas que não o consegue

fazer, exatamente por ser causador de angústia. No entanto, como já referido, acaba por surgir o que estava recalcado, percebendo-se que a origem das suas filhas e a cor da pele são fatores provocadores de bastante sofrimento e que é esta angústia sentida por Bárbara que leva à produção de recalçamento (Chabert, 2003).

Contudo, Bárbara faz uma constante referência ao facto de uma das suas filhas ser a mais “maluca” e ter “*uma juba fantástica*”, fazendo muito a ligação com as suas origens, algo comum de surgir, pois muitas vezes os pais relacionam certos comportamentos dos filhos às suas origens e ao seu património genético, ao desconhecido (Harf et al., 2013b). Bárbara quer as filhas mantenham essa relação com a origem, nem que seja pelo aspeto físico, e ao mesmo tempo também acaba por referir que se as suas filhas quiserem procurar o seu país e de onde vieram ela irá apoiar, apesar de se contradizer, assumindo que a vida delas é completamente distinta da realidade onde nasceram, mas que irá ajudá-las nisso, algo que é muito importante, deixar esta responsabilidade para a criança (Lee, 2003).

Por fim, torna-se necessário aprofundar a questão da ausência de ambos os maridos, em ambas as participantes. Em Leonor, parece de facto nunca ter existido marido, todas as inquietações e angústias pelas quais passou foram para ela vividas apenas pela mesma, apesar do marido (pelo que se depreende da narrativa) estar presente na maior parte das situações. Mas, o facto de ter admitido desde o início que seria um projeto seu, não permitiu que o *outro* fizesse parte do mesmo, não estando este presente psicologicamente em nenhum momento, nem de angústia nem de partilha da felicidade. Ocorre apenas um pequeno momento em que fala do marido, quando refere que está pronta para qualquer eventualidade, caso seja necessário fugir com a filha por algum motivo, indica que lhe disse isto, contudo, exclui-o de imediato como nas restantes situações, pois diz-lhe que se ele não estiver preparado para algo Leonor irá de qualquer forma sem ele.

Com a mesma particularidade encontra-se Bárbara, mas esta começa por referir o “nós” como algo regular, falando inicialmente na adoção como algo do casal e não apenas dela, pois todas as decisões e todas as viagens foram feitas em conjunto até ao momento da realização da adoção. Contudo, este “nós” dissipa-se ao longo da narrativa, num primeiro momento separa-os enquanto pais, pois quando visitam a instituição pela primeira vez e conhecem as suas há uma clara distinção e divisão feita por Bárbara: a gémea mais “maluca” aproxima-se rapidamente do pai, e a primeira que ela vê e lhe chama a atenção é a gémea de olhar doce, e neste momento este *outro* tem o papel de a colocar num lugar no qual ela não sabia que pertencia. Porém, rapidamente esta divisão também deixa de ser visível, pois este *outro*, o marido, deixa de existir por completo

no seu discurso, deixa de ter importância para ser referido em tudo o que envolve a vivência com as suas filhas e parte da sua adaptação, deixa de ser um suporte para Bárbara, passa então a centrar o seu discurso no *eu*. E, este fator, poderá levar-nos a pensar que este outro não é referido por se ter tornado também ele objeto de angústia e difícil de referenciar nesta adoção.

Como forma de concluir esta discussão dos dados, percebe-se que em grande parte o conflito é centrado das questões da cor da pele, e do que isso envolve nos seus futuros e no das suas filhas, apesar de para ambas ser, muitas vezes, uma questão inconsciente.

## 6. Conclusão

Através de uma linha psicanalítica, este estudo debruçou-se sobre a forma como os pais adotivos, ao nível da adoção internacional, contam a sua história relativa a este aspeto das suas vidas, e assim aceder aos mecanismos do funcionamento psíquico, recorrendo à Entrevista Narrativa em Associação Livre, que permite, neste sentido, aceder ao inconsciente do sujeito através da possibilidade deste falar abertamente sobre si mesmo e as suas vivências (neste caso, enquanto mães). Ainda, como já referido anteriormente, o objetivo de estudo foi delineado após a recolha de dados, com ambas as participantes, e de literatura adequada ao tema, pois foi a partir do que os sujeitos expressaram que se procedeu ao levantamento do conteúdo de maior relevância. É de salientar que este estudo tem uma enorme relevância para na área de estudo da psicologia clínica, devido ao acesso ao inconsciente do sujeito, em toda a sua dinâmica e complexidade do *eu*, de acordo com a sua subjetividade e intersubjetividade.

Como resultado deste estudo, foram encontradas diversas particularidades à partida, tanto numa como noutra participante. Apesar do objeto de estudo ser as mães que adotaram ao nível internacional, seria expectável inicialmente que falassem sobre as suas filhas, bem como a sua adaptação e a relação com elas, pois faz parte do processo em questão, bem como dos seus companheiros (pais adotivos), todavia, foram aspetos comuns que não se verificaram em nenhuma delas. Ainda, em comum poderá dizer-se que existe a dificuldade de ambas em lidarem com o facto de terem filhas com diferente cor de pele das suas, algo que, apesar de muitas vezes inconsciente, as perturba e leva a um conflito interno constante. Segundo Harf et al. (2013b), este processo envolve muito sofrimento por parte dos pais, e é necessário que este seja estudado, pois na maioria dos estudos é dada maior relevância às crianças, sendo estas o foco das atenções por parte da maioria dos autores. Mas, para que as crianças se possam adaptar criando relações de filiação e a afiliação saudáveis, é necessário ir de encontro aos ideais dos pais adotivos, bem como aos traumas com que poderão ter ficado de todos os procedimentos aos quais foram sujeitos até que pudessem realmente ter os seus filhos consigo, e este ponto, irá afetar as relações da criança para o resto da sua vida (Harf et al., 2013b).

No entanto, destacam-se algumas particularidades individuais de cada uma das participantes, como seres únicos que são, cada uma, de acordo com o seu modo de funcionamento, utilizam mecanismos de defesa particulares e característicos para lidar com o conflito em que se encontram, pois apesar de ambas estarem a reportar algo que já ocorreu há mais de uma década, existem problemáticas que permanecem atuais, denotando-se que ainda não as ultrapassaram. Porém, no final das suas narrativas começa a ser perceptível que o que poderia

estar recalcado reemerge, dando sinais das suas dificuldades. Em Leonor, essas dificuldades são percebidas e admitidas por ela, ao contrário de Bárbara, que ao revelar o que não são as suas dificuldades se percebe que realmente são as únicas que a “assombram”. Assim, podemos afirmar que este processo de “tornar-se mãe” de crianças adotadas num país distinto, para estas mães, abarca diversas vicissitudes e sofrimentos.

Assim, este estudo, como já referido, tem uma grande pertinência para a área da psicologia clínica, pois é estudado o sujeito em toda a sua plenitude, sem que sejam formuladas questões estruturadas e que possam enviesar o estudo, através do método da Entrevista Narrativa em Associação Livre, é lançado um olhar sobre o sujeito, sobre o seu funcionamento, sobre as suas vivências e sobre o seu inconsciente em contextos da vida real, permitindo-nos perceber o que há de subjetivo no sujeito. Importante assim referir que devemos respeitar o modelo de compreensão do sujeito, tendo sempre em atenção que estão sempre dois sujeitos envolvidos no processo (observador e observado), que interagem entre si e essa interação determina a expressão (Marques, 2001).

Por fim, o presente estudo poderá abrir portas para novos estudos. O ponto principal coloca-se sobre o facto de existirem poucos estudos referentes aos pais adotivos, que adotaram fora do seu país, pois o foco das atenções continua muito direcionado para as crianças e não para os pais. Com isto, as propostas para novos estudos poderiam ser direcionadas para a adaptação das crianças no país de acolhimento na relação com os seus pais, isto é, sempre através do método FANI, ao invés da questão inicial que é colocada ser a história da adoção, talvez direcionar mais para relação mantida entre os pais e as crianças desde o momento em que foram adotadas até ao presente. Outra questão que poderia ser interessante estudar seria, através de um estudo longitudinal, entrevistar os pais adotivos em diversos momentos do processo de adoção: uma entrevista inicial antes de adotarem; outra no momento posterior à adoção; e ainda uma última passados uns anos da mesma, sendo que no presente estudo apenas nos direccionámos para o após a adoção, com uma distância considerável do momento em que essa aconteceu. Ambas as hipóteses pretenderiam perceber, de forma mais aprofundada, as dificuldades sentidas pelos pais, e não apenas pela mãe, que passam pela adoção internacional, bem como os mecanismos do seu funcionamento psíquico. É ressaltado, neste momento, a importância de estudar algo que ainda está muito pouco aprofundado ao nível da psicologia clínica, existindo ainda muito por explorar.

## 7. Referências

- Anzieu, D. (1985). *Le moi-peau*. Paris: Dunod.
- Baubet, T., & Moro, M. R. (2000). L'approche Ethnopsychiatrique. *Enfances & Psy*, 4(12), 111-117.
- Benoit, L., Barreteau, S., & Moro, M. R. (2014). "Phobie scolaire chez l'adolescent migrant", la construction identitaire dans une approche transculturelle. *Elsevier Masson*, 63(2015), 84-90.
- Benoit, L., Harf, A., Skandrani, S., & Moro, M. R. (2015). Adoption internationale: le point de vue des adoptés sur leurs appartenances culturelles. *Elsevier Masson*, 63(2015), 413-421.
- Bouche-Florin, L., Skandrani, S. M., & Moro, M. R. (2007). La construction identitaire chez l'adolescent de parents migrants. Analyse croisée du processus identitaire. *Santé mentale au Québec*, 32(1), 213-227.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto* (2 ed.). Lisboa: Climepsi.
- Freud, S. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (2 ed.), Vol. 21, 73-150. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Golse, B. (2012). La double étrangeté de l'enfant venu d'ailleurs, accueilli en adoption internationale. *L'Autre*, 13(2), 144-150.
- Harf, A., Skandrani, S., Radjack, R., Sibeoni, J., Moro, M. R., & Revah-Levy, A. (2013). First parent-child meeting in international adoptions: a qualitative study. *PLoS ONE*, 8(9), 1-8.
- Harf, A., Skandrani, S., Sibeoni, J., Legros, S., Mestre, C., Moro, M. R., & Ledu, C. (2013b). La consultation "adoption internationale", un lecture multiple et métissée. *Adolescence*, 3(3), 521-530.
- Harf, A., Skandrani, S., Sibeoni, J., Pontvert, C., Revah-Levy, A., & Moro, M. R. (2015). Cultural identity and internationally adopted children: qualitative approach to parental representations. *PLoS ONE*, 10(3), 1-19.
- Harf, A., Taieb, O., & Moro, M. R. (2006). Adolescence et adoptions internationales: une nouvelle problématique? *La psychiatrie de l'enfant*, 49(2), 543-572.

- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In Given, L. M. (Ed), *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 296-315). Sevenoaks, California: SAGE Publications.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2013). *Doing qualitative research differently: A psychosocial approach* (2 ed.). London: SAGE Publications.
- Lee, R. M. (2003). The transracial adoption paradox: History, research, na counseling implications of cultural socialization. *Journal of Counseling Psychology*, 31(6), 711-744.
- Marques, M. E. (2001). *A psicologia clínica e o Rorschach* (2 ed.). Lisboa: Climepsi.
- Mijolla, A. & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Miller, L. C. (2005). International adoption, behavior, and mental health. *American Medical Association*, 293(20), 2533-2535.
- Skandrani, S., Harf, A., Mestre, C., & Moro, M. R. (2012). La question culturelle dans l'adoption internationale. *L'Autre*, 13(2), 151-159.
- Urwin, C., Hauge, M. I., Hollway, W., & Haaving, H. (2013). Becoming a mother through culture. *SAGE*, 19(6), 470-479.

## **ANEXOS**

## **Anexo A – Transcrição da entrevista de Leonor**

MJ: Então pronto vou começar pelo princípio não é? Então é assim, nós inscrevemo-nos na segurança social em Outubro (ahh) de 2001. Ahhh, eu já tenho de pensar um bocado, que isto já lá vão alguns anos, mas foi em outubro de 2001. Ahhh as motivações, eu vou começar pelas motivações, as motivações ahhh... as motivações sempre existiram, foi sempre um projeto de vida que existiu. Ahhh... e naquela altura confrontamo-nos com uma questão de infertilidade. No entanto, como esse projeto de vida sempre existiu, anteriormente, nós não fizemos tratamentos. Nada tem a ver com o facto de sermos contra os tratamentos porque a ciência está aí para ajudar as pessoas. Não é?

E: Claro

MJ: E já fez nascer muita gente, mas exatamente porque como também era um projeto de vida, ahh considerámos que.... que não valia a pena estarmos a sujeitar aquilo tudo e às histórias todas se que conhece, e ao sofrimento todo, ah... e de maneira que partimos imediatamente para a adoção. A questão da adoção nacional e internacional, na altura, ahh... na altura foi, foi-nos dito na primeira entrevista que tivemos lá na segurança social que não era possível candidatar-nos à nacional e à internacional, o que não é verdade, ahh... e então nós seguimos imediatamente para a internacional. A motivação para a internacional também não foi nenhuma em especial, foi simplesmente que... nós queríamos um filho, viesse de onde viesse, de qualquer parte do mundo. Ahh... por isso é que o slogan da associação é “uma criança é uma criança em qualquer parte do mundo”

E: Claro

MJ: Porque nessa altura (riu-se), nessa altura quando me perguntavam eu respondia “opa uma criança é uma criança em qualquer parte do mundo”. E então, e...foi assim que nós fomos parar à adoção internacional. Pelo facto de nos terem dito que não era possível as duas em simultâneo, nós termos consciência e noção das dificuldades que havia na nacional e então optámos pela internacional, não optámos por nenhum país em especial... Na altura eu fiz um estudo do mundo inteiro, do mundo inteiro mesmo, ahh... eu consultei vários sites governamentais, governamentais... dos serviços oficiais, depois, depois telefonava para os serviços para confirmar aquelas informações, levantava-me de madrugada, eu agora tou no oriente não é, mas na altura, levantava-me de madrugada para telefonar para o oriente, e havia um dia por semana, que era à segunda-feira, que eu tentava chegar mais cedo a casa pa ligar para o ocidente, para a américa latina, estados unidos, essa zona... brasil... ahhh, e... foi depois de ter feito esse estudo,

ahh...fiz então uma lista dos países, aos quais nós nos podíamos candidatar, onde preenchíamos os requisitos legais que o país exigia, houve à partida uma série de países que ficaram de fora, por exemplo...eu lembro-me que na altura, ah..., houve vários países que me disseram que, ahh... havia países que nós até preenchíamos os requisitos, mas depois quando eu telefonava para os serviços para confirmar, diziam que, como Portugal não tinha protocolo com o país então nós não nos podíamos candidatar.

Lembro-me da Argentina, da Argentina me dizerem que não aceitavam candidaturas de países ahh... de pessoas que não tivessem lá residido durante dois anos. Ahh... depois havia aqueles países que só aceitavam candidaturas de países que fizessem parte da convenção de Haia, na altura Portugal ainda não fazia, porque nós estamos em 2001, e a convenção de Haia só entrou em vigor em Portugal em 2004, 1 de Julho de 2004.

De maneira que, com base nisso tudo, ahh.. eu no final disto tudo havia uma lista dos países aos quais nós nos podíamos candidatar. Entretanto fomos... vamos parar a Cabo Verde um bocado sem querer. Também porque não nos queríamos atirar assim à louca não é, por esse mundo fora... Eu pedi à Ordem dos Advogados, de Portugal, como eu, como eu... sou de Direito não é, e estava inscrita lá na altura. Ahh... pedi, ahh... mandei um fax, foi por fax, mandei um fax, com a lista dos países aos quais nós nos podíamos candidatar, a solicitar o contacto da ordem dos advogados desses vários países, e assim foi. Quando a resposta chegou, por carta, ah... aquilo vinha por ordem alfabética, e então, vinha o Brasil em primeiro lugar, e depois vinha Cabo Verde, ah... e quando eu telefonei para Cabo Verde, liguei para a Ordem dos Advogados, ah disseram-me que sim senhora, ah... depois perguntaram-me se eu queria falar com a Senhora Bastonária, eu fiquei muito espantada não é (riu-se), ia falar assim com a Bastonária... e depois ela própria, depois de eu explicar toda a situação ela disse que aceitava ficar nossa advogada. Eu na altura achei, depois da conversa ao telefone, “bem secalhar não pode haver ninguém de maior confiança do que a Bastonária da Ordem dos Advogados” não é. E assim foi, foi assim que... que nós fomos parar a Cabo Verde, ah... entretanto, ... portanto isto foi em relação á escolha do país, foi todo, foi este caminho que nós percorremos. Isto porque a segurança social não... na altura não sabia dar qualquer informação, não havia sites, não havia blogs, em 2001 não havia absolutamente nada. Ah... depois, relativamente ao processo da segurança social, pronto, nós inscrevemo-nos, ah... ah! Nós quando fomos lá a primeira vez pediram-nos indicação de um país, ah! e eu também quando tava a estudar os países percorri os vários consulados, para além da consulta dos sites oficiais percorri os vários consultados. Tentei obter a maior informação junto das embaixadas também... pronto isso para lá de toda a consulta que fiz na internet e depois as,

as... a confirmação de toda essa informação junto dos serviços. Ah... quando nós fomos à segurança social, à primeira vez, na primeira reunião, ah... eu... nós perguntámos como é que, quais eram os países, uma vez que não aceitavam candidatura para a nacional e para a internacional, perguntámos a que país é que nos podíamos candidatar, e foi aí que nos disseram que não nos sabiam dizer, e então nós decidimos que, e dissemos à pessoa, à técnica na altura, que iríamos estudar a situação e depois mais tarde comunicaríamos, e assim foi. Então mais tarde comunicámos que... que seria Cabo Verde. Ah... nós fomos para Cabo Verde, portanto isto... nós inscrevemo-nos em Outubro de 2001... e depois fomos a Cabo Verde, no primeiro processo, duas vezes. Fomos em Outubro, e depois fomos em Dezembro, e depois regressámos em Janeiro com, com a Joana que tem hoje 12 anos, vai fazer 13 em Julho. Ah... portanto desde que nós nos inscrevemos, até voltarmos com ela foi... um ano e... novembro, dezembro, janeiro... foi um ano e três meses. Ah... portanto isto foi no primeiro processo. Ah... depois... depois o processo de adoção... depois é assim... ah! Voltámos com ela e fomos acompanhados em pré... no período de pré-adoção, pela mesma equipa que nos tinha avaliado. No final da... da pré-adoção, foi produzido o relatório, foi remetido para Cabo Verde, o Tribunal decretou a adoção, ah... e depois a seguir foi a fase de requerer a nacionalidade portuguesa, junto dos registos centrais. Ah... isso foi feito... pronto isso foi feito mas isto levou algum tempo porque tudo isto levou... tudo isto levou algum tempo. Ah... e a seguir... finalmente só depois da nacionalidade estar atribuída é que então foi possível tratar do... do cartão de cidadão. Ah... isto ficou tudo resolvido... em Maio de 2004...

E: Ok...

MJ: Portanto ela veio em Janeiro de 2003.... Nós fomos acompanhados durante os 6 meses, até Julho... depois...foi... Maio... não chegou a um ano, foram ali uns poucos de meses... até toda a parte burocrática da coisa estar... estar resolvida... para fazer novo registo, para pedir nacionalidade portuguesa, ser atribuída a nacionalidade e puder então tratar do... do cartão de cidadão... ah... foi... portanto foi, eu lembro-me que foi em Maio de 2004 que recebi a... o ofício da conservatória dos registos centrais. Ah... com a atribuição da nacionalidade. Em 2004, ah... nessa altura... não não foi em 2004, foi em 2003... em 2003 exatamente, em Setembro de 2003 inscrevemo-nos para o segundo processo.

E: Ok...

MJ: E... para Cabo Verde novamente... se bem que nessa altura nós já nos inscrevemos para a nacional e para a internacional, porque entretanto já tínhamos a experiência da internacional,...

ah... e é assim... já sabíamos que ao levar a Joana tinha de ir alguém connosco porque nós iríamos ter de andar do Tribunal pó Consulado, do Consulado pó notário, tratar dessas coisas todas... ou então tínhamos de a deixar cá não é.

E: Claro...

MJ: O que foi o que acabou por acontecer, e pronto como também não sabíamos muito bem quanto tempo é que iríamos lá ficar ah... depois ela acabou por ficar cá, ah... cá, aí.

E: Sim

MJ: Ah... depois... depois com o processo da Inês... inscrevemo-nos em Setembro de 2003...ah... mas chamaram-nos primeiro da internacional do que da nacional, e em Janeiro de dois mil... em Fevereiro... foi dia 6 de Fevereiro, portanto o processo da Inês já demorou um bocado mais... portanto também foi de Setembro a Fevereiro de 2005, ah... de Setembro de 2003 a Fevereiro de 2005, já foi... Setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro... foi um ano e meio, foi um ano e meio... depois a seguir... depois foi a mesma terminação pronto... em termos... eu estou a falar da questão legal não é, a questão legal foi assim que se processou. Ah... chegámos lá, tivemos a sorte de conseguir estar lá só uma semana. E... ficou tudo resolvido e depois quando chegámos cá houve também um acompanhamento pela equipa de adoção... depois foi elaborado o relatório, foi remetido o relatório, o Tribunal... o Tribunal decretou a adoção, ah... entretanto existe um acordo entre Cabo Verde e Portugal, que dispensa a revisão de sentença estrangeira. Hoje em dia isto já não é assim, porque entretanto Cabo Verde aderiu à convenção de Haia, que entrou em vigor em Cabo Verde dia 1 de Janeiro de 2010. Ah... e portanto... esta parte da... do período pré-adoção já não existe porque os miúdos agora já vêm adotados, de lá... e esta questão da dispensa da revisão da sentença estrangeira também já não se coloca, apesar de haver este acordo judiciário entre Cabo Verde e Portugal... porque os países membros da convenção de Haia estão dispensados da revisão de sentença. Pronto... é claro que isto foi muito mais complicado no primeiro processo, foi muito complicado não é, ah... eu fui lá duas vezes porque...na altura... nós somos o primeiro processo de Cabo Verde em Portugal... e nós estávamos em 2001, e... quando fomos lá a primeira vez... e marcaram-nos a audiência no Tribunal... e nessa altura... o Ministério Público não tinha conhecimento que tinha saído nesse ano, em Maio, a lei que equipara a união de facto ao casamento e nós... e nós tínhamos dois anos de união de facto e dois anos e meio de casamento. E então... o que aconteceu é que o Ministério Público considerou em nós não preenchíamos os requisitos legais... do tempo de casamento, de maneira que o processo teve que andar para trás, nós tivemos que regressar a

Lisboa... e depois então marcaram-nos... marcaram-nos nova audiência em Dezembro... e aí nessa altura sim a coisa ... a coisa andou para a frente pronto. Ah... pronto... depois aqui em Portugal também não foi fácil, por causa da questão da revisão da sentença estrangeira, porque... aquilo também demorou mais porque a segurança social insistia que... que eu não tinha conhecimento do acordo judiciário... e então nós... apesar de eu saber porque a lei estava do nosso lado. Demos entrada do processo de revisão de sentença estrangeira... mas o juiz veio... veio dizer que... que era inútil aquele processo ah... uma vez que existia um acordo judiciário. Pronto. E só depois disso, eu depois fui à segurança social e só depois disso então é que pude proceder à... ao pedido de aquisição da nacionalidade portuguesa. Portanto isto foi... foi muito complexo não é... foi mesmo muito.. muito complicado. No segundo processo estas questões já estavam todas mais lineares... já estava tudo mais... a segurança social também já estava mais informada... portanto houve menos estas questões que deram muito trabalho e muita chatice mas... mas a partir daí...e como também ainda não tinha havido nenhum processo para Cabo Verde... mas a partir daí... que depois houve uma série deles... as coisas já estavam mais esclarecidas e correram todas melhor. Isto os primeiros não é... sofrem sempre (riu-se)

E: Claro!

MJ: Sofrem sempre o problema do desconhecimento... pronto isto foi a parte... a parte da questão...da questão legal... relativamente à outra parte, à parte... à parte psicológica... eu acho sempre achei, e continuo a achar, eu acho que quem passa por uma adoção internacional, quando volta... já não é a mesma pessoa, nunca mais. Ah... porque... eu digo isto... quem adota nestes países atenção, ah! Há aqui uma coisa importante de se dizer, que é... este países que não fazem parte da Convenção de Haia, porque a Convenção de Haia obriga a que todas as crianças tenham... um relatório... um relatório médico, quer físico, quer psicológico.... Estes países não têm dinheiro para comer quanto mais para relatórios médicos e acompanhamentos médicos não é... De maneira que... nós fomos... ah... com consciência.... Consciência ou inconsciência, nem sei muito bem... de que... de que as coisas eram assim... A Joana tinha 5 meses, e recordo-me que depois... depois de irmos à audiência, ah... e da Joana nos ter sido entregue não é, em Tribunal... ela tinha 5 meses e eu fiz coisas muito estúpidas (riu-se). Ah... eu quando chegámos ao quarto, agarrei nela... e pu-la, assim, debaixo do candeeiro ah... e... ligava e desligava o candeeiro... para ver se ela tinha reacção nos olhos. Também, isto é uma estupidez de todo o tamanho, é mesmo de quem tinha 30 anos, só mesmo... (riu-se)... e então... porque os cegos também têm reacção à... a este tipo de coisas, apesar de não verem... Pronto. Depois eu, feita burra na altura. E a outra coisa que eu lhe fiz (riu-se)... isto é tão ridículo, eu quando conto estas

coisas, agora... Eu agarrei num molho de chaves e... e punha-lhe assim o molho de chaves ao pé do ouvido... para ver se ela virava a cabeça (riu-se). Eu sei que isto é muito ridículo, mas pronto... mas ela virou, ela virou (riu-se). Ah! Entretanto a única que era possível fazer em Cabo Verde, ah... era o... o teste do HIV. Isso foi feito. Foi das análises normais, pronto, das análises básicas, normais, feitas ao sangue e às fezes... por causa dos parasitas. Ah... e à urina... mas fomos nós que fizemos! Isto tudo fomos nós que quisemos fazer. Ah... porque não há... na altura... Cabo Verde não fazia parte da Convenção, e hoje faz, e esse é um dos problemas com Cabo Verde, ah... apesar de fazer... não têm... pronto, para fazer isto. Pronto.

Depois, quando viemos com a Joana, ainda há aqui um episódio que é... ah... nós chegamos ao aeroporto... e nós temos que entregar uma... uma autorização de saída do país e de entrada em Portugal. E o Ministério Público só nos tinha entregue duas... mas nós, para... as crianças terem o visto de... de entrada em Portugal... porque depois há mais isso, em Portugal não existe um visto específico para adoção, então os miúdos têm de vir com um visto de turismo. Então fomos ao consulado, tirámos as fotocópias, para lá deixar a documentação toda, ah... um termo de responsabilidade, cópia da sentença, ah... os nossos passaportes... tudo e mais alguma coisa. Pronto...e... e tivemos que deixar uma dessas cópias, um desses originais, da autorização de saída do país e de entrada em Portugal. Quando chegámos ao aeroporto do Sal... a polícia pediu aquela papelada toda não é, pediu aquilo tudo... mas eu... eu tava com a Joana ao colo... eu mostrei esse documento, mas puxei-o! Porque já só tinha um, porque o outro tinha ficado no consulado. E nisto ah... ah e depois a polícia puxou-me aquilo e eu disse “não, nos precisamos disso para entrar em Lisboa!” E eu não sei como, ah... não faço, não consigo perceber como... há uma polícia, uma mulher polícia, atrás de mim, que dá um berro, que o aeroporto inteiro ficou a olhar para nós... a dizer... “então esta criança não viaja”, e arranca-me a Joana dos braços... eu senti-me a desmaiar (riu-se). Ah... depois lá... lá negociámos com a polícia... e disse-lhe “olhe, nós vamos chegar a Lisboa, vão ser quatro da manhã, nos precisamos disto para ela entrar em... em Lisboa, pelo menos tire-nos uma fotocópia pff, nós ficamos com a fotocópia porque nós precisamos”... porque ela dizia que tinha de ficar com o original, e eu disse “pronto, nós ficamos com a fotocópia, se houver algum problema... (Interrupção)... se houver algum problema no aeroporto de Lisboa, ah... nós telefonamos está bem?”. Ela aí... ela aí já estava simpática, deu-nos lá o contacto dela e disse “ah sim sim se houver algum... se houver algum problema o aeroporto de Lisboa que entre em contacto comigo”. Pronto. E assim foi, ah... depois a viagem... a Joana fartou-se de chorar (riu-se)... chorou muito, e quando saímos do avião, tava muito frio, foi na madrugada de 14 de Janeiro... de 2003. E ela deu um grito, deu um berro mesmo do frio. Ah... pronto, depois chegámos, não nos pediram papel, não nos pediram nada,

foi um policia que disse “ah venham por aqui, venham por aqui, ah que lindo adotaram uma bebé, ah que bom não sei que...” e pronto mandaram-nos passar. Pronto (riu-se). Mostrámos o passaporte claro, mas o resto não... não nos pediram mais nada, e passámos. Ah... agora voltando um bocadinho atrás, ao que eu estava a dizer, ah... eu acho que quem passa por estes processos de adoção internacional, nestes países... nestes países não é o mesmo do que ir para os países que são membros da Convenção de Haia... em que há todo um acompanhamento, porque nós vamos para estes países e estamos sozinhos, completamente sozinhos. Nós vamos a Tribunal, nós vamos aqui, nós vamos ali, mas nós estamos sozinhos, porque não existe uma equipa técnica, com psicólogo, com assistente social, com quem quer que seja a... a acompanhar-nos, portanto nós temos... eu acho que foi a altura da minha vida, foi o momento da minha vida, e eu estou agora em Macau, e tive seis meses aqui sozinha com as miúdas, ah... mas... eu agora por acaso, nunca tinha pensado nisto, estou a dizer isto agora, pela primeira vez estou a pensar... ah... eu foi a vez que me senti verdadeiramente sozinha no mundo, foi quando a Cabo Verde buscar a Joana... ah... porque nós estamos sozinhos, sozinhos... nós... de repente ficamos com um bebé nos braços, que cheirava muito mal, que tava com um vestido horroroso (riu-se), que é o menos importante obviamente, ah... mas que cheirava muito mal, que... chorou muito, obviamente, na primeira noite, que... ah... que lhe dei banho num alguidar, que eu tava tão nervosa que deixei cair, pu-la no meio da cama, deixei cair o biberon, a tetina... deixei cair tudo, caia-me tudo pó chão, e tinha imenso medo que ela se engasgasse... e então... quando lhe... quando a agarrei, ela quase que estava de pé a beber o biberon, mais ainda assim, ela engasgou-se! (riu-se) Eu completamente em pânico, porque ela estava engasgada, mas lá lhe bati nas costas e tal, e então... porque é assim... eu acho que quando as pessoas quando têm um bebé, um bebé ou uma criança, quando adotam, quando têm um filho, quando nasce, ah... mais que não seja têm o vizinho do lado, um vizinho, um desconhecido, qualquer coisa (riu-se). E na adoção internacional nós não temos ninguém. Ah... não vamos propriamente pedir à juíza que nos ajude não é... e ensinar aquilo que... que nós não sabemos. Ah... portanto, é a juíza, a advogada, não temos mais ninguém (riu-se)... de maneira que foi mesmo a vez que... me senti mesmo sozinha no mundo. Então eu telefonava à minha mãe, e perguntava-lhe pelo telefone, “e agora? E agora?” (riu-se) “e agora o que é que eu faço? E agora o que é que se segue?”. Ah... foi assim, pronto. Ah... depois, paralelo ao processo de adoção... nós vivemos aquela realidade, nós estamos inseridos numa realidade... que é impressionante, eu... a Meninos do Mundo surgiu, ah... muito por causa disso, porque eu senti que... que tinha trazido uma e que deixei lá muitos... e na altura... obviamente que eu não podia trazer todos não é, isto é obvio, pronto. Mas... na altura... Foi essa a sensação que eu tive, ah... eu estava no aeroporto... eu estava no aeroporto

do Sal, depois tinha passado já... aquela... não não, isto não foi no Sal, isto foi na Praia, porque nós fomos Praia... da Praia para o Sal. Távamos na Praia... e eu andava, já na sala de embarque, e aquilo tem um... uma separação em vidro. E então havia imensa gente, os familiares... e havia imensa gente colada aquele vidro, mas que choravam baba e ranho. E as pessoas estavam do outro lado, onde eu também estava, porque muita daquela gente saem de Cabo Verde e não volta, porque muitas têm de ir trabalhar para fora, normalmente para Portugal naquela altura, ah... e eu recordo-me... da Joana tar... com umas calças brancas vestidas, ah... e de eu andar ali com ela de um lado para o outro ao colo e... e ser... olhar, olhar para o vidro e ver aquela gente toda, colada, mas colada mesmo assim, aos vidros, choravam imenso... e eu, naquela altura... eu que sempre chorei muito pouco porque, tinha era que resolver a... os problemas (riu-se)... e as situações, ah... nunca... nunca dei muito espaço para isso porque... porque tinham mesmo que ser resolvidas...e, foi um dos momentos em que eu me fartei de chorar ali (riu-se)... na sala de embarque... a ver aquilo tudo... e pronto, estava ali a fazer um bocado a minha catarse também, de tudo o que eu tinha passado... mal eu sabia que ia chegar ao Sal e que me ia acontecer aquilo. Ah... entretanto quando chegámos ao Sal...ah... esta história da... da... que eu contei, ah... já foi no dia seguinte, porque o avião atrasou-se, nós chegámos ao Sal e tínhamos, ah... tínhamos um atraso de 12 horas do avião, e então levaram-nos para um hotel, só que nós tínhamos o leite e as fraldas contadas...para a viagem que íamos fazer... e então o leite estava-se a acabar, por isso é que ela se fartou de chorar ao longo da viagem porque... porque já tava...já tava com fome, já não havia...já não havia... leite suficiente, portanto tínhamos as fraldas e o leite a... a acabar, ah... e... e foi nessa sala de embarque que eu vi muitos miúdos, agarrados ah... quer dizer, eu vi muitos miúdos sem ser nessa altura não é, mas eu tou a dizer é, naquele momento eu vi muitos miúdos ali, pregados aquele vidro ah... que se estavam a despedir de outras pessoas e... foi a primeira vez que eu tive esse... essa... essa sensação, esse sentimento... que estava a legar uma e que muitos ficaram para trás e que... pronto... como é que ia ser a vida deles, daqueles miúdos com tudo o que eu tinha visto ah... tudo o que eu tinha vivido ali... a muita miséria, porque... apesar de tudo Cabo Verde é um dos países mais desenvolvidos de África não é, a seguir à África do Sul, mas ah... mas... há muita miséria em Cabo Verde ah... e eu vi muita miséria em Cabo Verde e... e vivi aquilo, vivenciei aquilo, andei por lá, ah... a Joana chegou-me num estado... deplorável ah... e... e aquilo é... eu acho que não é qualquer pessoa que vai para adoção internacional não é qualquer pessoa que tem perfil para isto ah... eu aprendi isso também, na altura, ah... não é qualquer pessoa que... que consegue ah... aguentar... toda, toda esta pressão emocional ah... porque nós estamos sozinhos e nós temos que resolver as questões todas ah... esta tensão permanente ah... e depois... ter uma criança nos braços não é... que de repente fica

à nossa responsabilidade... e eu acho... digo por mim, eu acho isso e tenho a certeza por todas as situações que eu acompanhei ah... depois, eu acho que quem vai para a adoção internacional, não volta a mesma pessoa. E há um marco, que é muito engraçado, porque ah... eu senti, tanto de uma vez como doutra... há um... momento decisivo quem passa, quem parte num avião rumo ao desconhecido. Então a primeira vez, é assim eu passei por dois processos, mas quem vai a primeira vez não sabe ao que vai, ah... nestas questões todas que eu tou a falar, ah... e há um momento que é muito marcante... de quem... na vida de quem adota internacionalmente... e eu, pensei isto durante muito tempo... e a certa altura comecei, quando começou a haver outras pessoas que começaram a adotar e comecei a verificar que realmente isso não era só comigo e então, isto é mesmo assim, são aquelas portas do aeroporto (riu-se), quando nós finalmente passamos, saímos do avião, passamos a parte de mostrar passaportes e depois vimos por aquele corredor fora não é, e abrem-se aquelas portas (riu-se), e do outro lado tão lá as pessoas, ah... e é impressionante porque eu lembro-me perfeitamente das duas vezes ah... no momento em que eu passei aquelas portas, e vi que aquelas portas se fecharam, atrás de mim ah... e de eu pensar... e de eu sentir “agora é que já nada volta atrás”... E eu já tinha passado por um processo, e voltei a sentir exactamente o mesmo no segundo processo ah... depois... o tempo foi passando, e houve um dia que eu comentei isto com uns amigos que também tinham... também tinham passado pelo processo, ah... e depois com outros, e depois com outros, porque depois comecei a ver, comecei a colocar a questão. E até que há um dia, que um casal nosso amigo, ah... ela abre a carteira e diz “olha o que eu tenho aqui”, e então a fotografia, a fotografia que ela tem na carteira, e também já lá vão alguns anos... é exactamente do momento em que eles estão a sair das portas e que... a mãe ou o pai, lhes tiraram a fotografia... e ela dizia “é a fotografia mais importante para mim”, a fotografia até já está assim esbatida e um bocado estragada, mas ela tem a fotografia na carteira e diz “é a fotografia mais importante para mim e continuará” (riu-se), e é engraçado porque... psicologicamente é... é realmente o momento, é o momento zero, em que nós sentimos “pronto, agora! Agora é que já tá, não pode voltar para trás”. Ah... mas eu recordo-me de todo o processo da Joana foi muito complicado não é, por todas estas questões por ser o primeiro processo, e então... eu vou dizer uma coisa muito estúpida (riu-se), uma coisa muito estúpida também que eu fiz ah... que foi... como o... os procedimentos entre os países estavam ainda pouco... pouco limados ah... e eles próprios também não sabiam muito bem como é que era e não sei que e não sei que e enta...(riu-se) eu dizia para o meu marido que... que tínhamos de ter sempre o passaporte, eu... quer dizer eu dizia-lhe “olha eu não sei se tu queres vir ou não, mas é assim ah... eu... o meu passaporte tem que estar sempre em dia”, isto é muito estúpido o que eu tou a dizer ah... “mas se por acaso houver aí algum problema... eu meto-me

no carro e vou por essa Europa fora enquanto conseguir passar fronteiras, até onde não há controlo de fronteiras” (riu-se). Aí meu Deus, eu tou a contar isto, mas esta parte eu não conto nas sessões, naquelas sessões da adoção internacional, eu esta parte não conto. Mas... mas é verdade (riu-se), eu disse-lhe “eu meto-me no carro, de avião não consigo não é, mas vou por essa Europa fora até ter...”. Ah! Depois eu lembro-me dele me perguntar assim “então depois chegas lá, à Europa de Leste, aqueles países, depois como é que é não podes passar mais, sem controlo?”, na altura esses países ainda não faziam parte da União Europeia (riu-se)... e eu disse “ah logo se vê não sei, mudo de nome, não sei, pinto o cabelo, não sei”, eu sou ruiva, eu sou ruiva muito branca, de olhos azuis, então eu dizia “não faço ideia, depois logo vejo” (riu-se). Pronto. Obviamente que... quer dizer eu não tou a dizer que diria isto a brincar não é... mas... mas... mas pronto (riu-se). Mas também não havia razão para eu estar nesta situação não é. Isto porque houve ali a certa altura, que a Segurança Social disse que a adoção tinha de ser decretada cá, depois eu entrei em contacto com a juíza de lá, e a juíza disse que se recusava a enviar os elementos do processo... porque o processo tinha iniciado lá, tinha que acabar lá... bem, enfim, de maneira que eu nessa altura, fiquei assim com um bocado de receio...(interrupção)... e então, eu houve um dia que me saí com essa. Ah... depois quando foi do segundo processo... eu voltei a vivenciar tudo, secalhar até com mais intensidade ainda... eu acho que... o primeiro processo foi muito intenso nas dificuldades todas que tive, porque o segundo processo... como foi menos difícil porque o caminho já tava mais desbravado, nesse aspeto... eu acho que vivi com mais intensidade ainda...ah... a outra parte, porque entretanto também perguntaram-me se eu queria conhecer onde é que a Inês tinha sido encontrada, ah... e eu disse que sim... e então nós fomos... e a certa altura o carro parou... eu estou a falar mais baixo porque eu não sei...é para ela não ouvir. Ah... o carro parou e... e eu não via nada... nós estávamos assim num... num espaço... completamente sem nada, deserto, mas havia uma casa muito velha, uma casa...um muro! E às tantas... a pessoa do Tribunal que foi... foi lá connosco... eu vi uma fresta, assim um buraco na parede e disseram “ah é por aqui”, ah... e eu assim “por aqui?”, e então entrámos... aquilo começava a descer... para um túnel subterrâneo... cada vez mais fundo, até que deixávamos de ter luz, ah... completamente húmido, muito escuro, cheio de, de ratazanas, morcegos e... todos os bichos possíveis e imaginários, mas as ratazanas e os morcegos eu tenho bem... bem presente na... na minha cabeça... e de repente, depois de descer aquele túnel... o terreno passava a estar a direito, e de repente abre-se um... um buraco do lado direito da parede, que parecia que tinha sido escavado... e entrava-se ali pa dentro, e aquilo tava ali um buraco... e ainda lá estava, assim uma espécie de berço... um colchão muito velho, no chão, um resto de roupas ah... e pronto... e foi ali que... que ela foi encontrada. A Inês veio com 3 meses. Ah... e

dessa segunda vez... eu acho que esta parte... se da primeira vez já tinha sido muito intenso ah... da segunda ah... ainda foi mais... porque eu também estava mais liberta, primeiro porque já tava, já sabia... já conhecia a realidade e depois já tava mais liberta das questões de... do processo em si não é, que tinha de resolver... e de maneira que foi... foi a viagem que me permitiu uma maior entrega a essa realidade... e foi nessa sequência que, depois então... que eu voltei... a sentir novamente que estava a trazer mais uma, e a deixar lá uns poucos deles e...e... também tive essa sensação porque... porque havia e há irmãos não é... ah... eu lembro-me de... da juíza ter percebido a... o meu incômodo, e dela me ter dito e disse “olhe não vale a pena, porque é assim, nestes países, até podia levá-los todos agora... mas daqui a uns tempos já cá tinha mais não sei quantos para levar...”. Portanto esta questão do ficar-se a pensar dos que ficam, não vale a pena. Pronto. Ah... de maneira que quando... quando eu cheguei... depois a seguir à Inês houve uma série de processos ah... e eu tive sempre esta conversa com... com as pessoas e... e depois fui acompanhando e passados... 14... 2... nós tamos em 2015, passado... desde que eu comecei isto...14 anos, passados 14 anos eu... eu acho mesmo isso, com toda a convicção, acho que a adoção internacional não é pa toda a gente... a adoção não é pa toda a gente, mas depois a adoção internacional não é pa toda a gente! Acho que na adoção... nacional ah... as pessoas tão em casa à espera de um telefonema, as pessoas depois têm todo um acompanhamento por parte da equipa, da família... na adoção internacional não... eu estou a falar destes países, no seguimento de Cabo Verde... (interrupção). Nem todos os países são dessa maneira obviamente porque os países que faz, adoção... Eu não sou a favor das agências de adoção, isto na altura quando eu criem a Meninos do Mundo foi... foi uma das coisas que eu deixei bem claro é que... eu não sou a favor das agências de adoção porque eu acho... que... parto do principio que há determinados assuntos da sociedade... que têm que estar a cargo do Estado, ah... eu não estou a dizer que... porque depois há aqui a questão que eu oiço, que já ouvi em muitos sítios não é... atrás da adoção internacional vem logo o tráfico, e eu esteja onde estiver, num congresso, numa conferência, com quem estiver (!), a minha resposta, bem salta-me logo a mola (riu-se), quando eu oiço isto e eu respondo logo “querem falar de adoção internacional ou querem falar de tráfico? É que é assim, adoção internacional e tráfico não é, não são duas faces da mesma moeda, a adoção internacional é um instituto jurídico com regras, tráfico é crime. Vamos falar de adoção internacional ou vamos falar de tráfico? Podemos falar de tráfico. Mas aí estamos a falar de crime, se querem falar de adoção, vamos falar de adoção.”. Pronto, e eu costumo dizer isto assim... mesmo... com muita hostilidade (riu-se), ah... pronto... e normalmente a coisa corre normalmente... mas isto para dizer que... para dizer que... eu não estou a dizer com isto que a adoção, que as agências de adoção são necessariamente ligadas a tráfico, óbvio que não,

obviamente que não... eu é que acho, eu na minha visão, que eu tenho, dos meus ideais, acho que há determinadas áreas de uma sociedade que não podem estar nas mãos de privados, ah... acho que há determinados assuntos ah... que são transversais a uma sociedade inteira... e a adoção, a protecção, que faz parte da protecção na infância, faz parte da protecção da infância, não pode estar nas mãos de privados, por maiores profissionais e melhores profissionais que eles sejam ah... e daí eu não sou a favor das agências de adoção... isto para dizer o quê? Para dizer que apesar de eu não ser a favor das agências da adoção, eu acho que a vantagem que as agências de adoção tem é que fazem este acompanhamento às pessoas, quando as pessoas vão ao estrangeiro, ah... e como... voltando atrás, comparando com a adoção nacional, ah... quem passa pela adoção nacional e internacional, obviamente que tem de ser diferente porque na adoção nacional as pessoas estão à espera de um telefonema, depois todo o acompanhamento, há toda a face de integração da criança, etc. etc. Nestes países não é, nestes países que não faz parte, que não fazem parte da Convenção de Haia, ou não estão numa agência de adoção não ah... nós somos nós, somos nós que temos de viver isto tudo, fazer face a todas as dificuldades, aguentarmos com choques emocionais, psicológicos, com tudo isso, e por isso eu acho que isto não é pa toda a gente, e não é mesmo, porque há pessoas que... que não têm uma força psicológica ah... uma... uma determinação tal, que... os faça levar um processo destes a bom porto... eu também conheço insucessos de adoção internacional. Insucessos, não no sentido das crianças terem sido devolvidas, não. Eu conheço no sentido das pessoas lá terem ido e, terem desistido lá, lá... E por isso eu defendo, eu defendo, já há alguns anos, que acho que a avaliação dos candidatos para adoção internacional ah... tem que ser... (interrupção)... peço desculpa, isto para ligar as baterias tenho de ter o adaptador... e portanto é assim, eu acho que a avaliação, ali até certa altura é comum, mas depois eu acho que há coisas que... que têm de ser avaliadas de outra maneira (interrupção). Eu estava a dizer que... acho que a avaliação das pessoas que querem ir para a adoção internacional... deve ser uma avaliação, ah... mais... não é mais exigente, tem de ser mais... tem que abordar questões que não são abordadas na adoção nacional ah... por exemplo, não é toda a gente que tem capacidade na gestão do stress não é, de se ver perante situações limite, como eu me vi no aeroporto quando aconteceu aquela situação... ah... também... também com o atraso do avião de 12h, e tar com uma bebé, sem nunca ter tido nenhuma... eu acho que... que estas questões aqui deviam ser mais trabalhadas... com... com os candidatos, na avaliação ah... depois há outra coisa, que eu sempre achei, e continuo a achar ah... normalmente as pessoas, acham, que a adoção internacional... e isto aqui também parte um bocado dos... do, do próprio, dos próprios preconceitos e visões que as pessoas têm, como tudo... funciona não é, e então as pessoas acham “ah vou para a adoção internacional, nos outros

países não há rei nem rock”, e portanto... isto não é bem assim, não... quer dizer não, não é assim, nós temos de ter noção, voluntariamente estamos a ir ah... para outro país, nós temos de respeitar as regras do país. Eu tou a referir-se a isto ah... nomeadamente, que é uma coisa que stressa imenso as pessoas ah... que é o... o tempo que lá estão... porque as pessoas querem lá estar o menos tempo possível e... e eu conheço várias... várias situações em que as pessoas passavam o tempo lá no Tribunal, e de volta dos funcionários, e... e sempre a perguntar “e quando é que é? E quando é que é? E como é que é” e não sei que... quando aqui em Portugal ninguém vai bater à porta do juiz po juiz fazer a sentença para as pessoas se despacharem não é. Pronto. Há por vezes um bocadinho esta postura, ah... e eu acho que estes aspectos... deviam de ser mais trabalhados na... na avaliação, da mesmo forma que eu acho, já há algum tempo, há uns anos que eu acho que não é pelo facto das pessoas terem uma licenciatura em Direito, ou em Psicologia, ou em Serviço Social, ou em... Educadora de Infância, que são as três... são as quatro... áreas que que... de... as quatro formações que as pessoas podem integrar uma equipa de adoção, que os técnicos estão aptos a integrar uma equipa de adoção, porque estar numa equipa de adoção é ter... nas suas mãos, de determinada forma a vida das pessoas, das pessoas e dos miúdos não é, e... e mesmo a experiência que... eu acho que... e estou convicta disto, que da mesma forma que há uma especialização de quem quer ir para juiz, tirar o curso de direito, depois há uma especialização... quem quer ir para notário há uma especialização, na medicina, depois as várias especialidades, tem um período de especialização, etc., etc. E esta é uma das propostas que nós tínhamos, que vamos apresentar à Assembleia da República, que a... os técnicos que integrem... ou melhor, para puderem integrar uma equipa de adoção, não basta ter uma... uma licenciatura num destes cursos... e depois é... isto é... é tão irónico ah... porque depois estes cursos... não trabalham... pelo menos a fundo a... esta temática. Como outras... também no curso de Psicologia... eu conheço os programas de várias faculdades e... e não... isto não é trabalhado ah... e... e depois temos situações como estas que... em que as pessoas sentem que os técnicos... não estão preparados... para estarem onde estão não é, e às vezes eles não têm culpa, eles também não têm culpa, porque é assim, todos nós temos de começar a trabalhar um dia não é... e quando começamos não temos experiência nenhuma, é mesmo assim... a experiência só se adquire depois da viver não é... agora ah... a verdade é que isto é uma daquelas áreas... tal como na magistratura e tal como medicina, tem que se errar o menos possível porque... são vidas de pessoas que estão ali em causa, ah... Pronto, e eu acho que as equipas de adoção no geral... tão muito melhores, muito melhores, muito melhores do que quando eu iniciei o meu processo não é... Mas ainda assim, ao nível da adoção internacional, eu acho que ainda há muito trabalho para fazer...muito, muito mesmo... nós agora, nós Meninos

do Mundo, nós... nós fizemos um protocolo com o ISE, e estamos nós a dar o curso para parentalidade por via de adoção, aquela parte formativa que os familiares são obrigados. A Segurança Social faz aquela parte da avaliação não é, e nós estamos a dar a parte formativa... isto está dividido em três módulos, e... temos um primeiro módulo, que é antes das pessoas se inscreverem, depois temos um segundo módulo ah... que é quando... quando as pessoas estão na fase de espera. E depois temos um terceiro módulo que é dado ah... teoricamente, mais ou menos... quando as pessoas têm a um ano de receber uma criança, depois há um quarto módulo que esse a Segurança Social achou que deviam ser elas a dar, que é um... que é uma formação... durante o período de... de pré-adoção. Pronto. Ah... e a formação que eu disse que tinha que dar, é exactamente o módulo da adoção internacional... que vamos dar amanhã e que eu tenho tado aqui a trabalhar na apresentação... e que amanhã vamos fazer a experiência de... de eu estar em linha...e... e pronto, ah... pronto. Agora quer-me perguntar alguma coisa em especial?

E: Ah... não, acho que falou do principal... Em relação à sua família, ao apoio que lhe deram quando adotou...

MJ: Ah! Relativamente a esse aspeto, da minha família tudo bem, nunca houve problema nenhum, ah... correu sempre tudo bem. Mas tive más reacções, tive más reacções... não da família, mas de outras pessoas fora da família... eu tive más reacções de amigos, tive más reacções de conhecidos, tive más reacções de desconhecidos, ah... lembro-me de uma vez que fui ao notário, ah... para autenticar os documentos, e eles perguntam sempre para que efeitos são as coisas, e eu disse que era para o processo de adoção, e a senhora, que nem tinha olhado para mim, levantou a cabeça e disse “mas vai-se meter nisso?”, e... e tive outro tipo de reacções, tive uma pessoa que me disse “então mas vão dizer na rua que andaste metida com um preto”, ah... tive assim...(riu-se) estas coisas. E houve uma altura que... eu estava tão... tão saturada ah... de tudo isso ah... que... foi ao Professor Eduardo Sá, e disse-lhe “olhe, eu já não sei lidar com isto, porque é assim, ou mando as pessoas à merda ou...”, depois há algumas com as quais não posso ser mal educada, “e eu passo a vida a ouvir que as pessoas não fazem com má intenção”, e ele disse-me uma coisa muito engraçada, e ele disse-me assim “olhe Leonor, o não fazer com intenção, anda a maior parte das vezes de mão dada com a maldade, as pessoas sabem perfeitamente o que estão a dizer”, ah... e pronto, e eu achei que ele tinha razão... não é, achei que ele tinha razão. Eu tenho algumas pessoas ainda que não se aproximam da Joana, a Joana é mais escura que a Inês, a Inês é... é praticamente branca ah... eu vivi muito essa questão, porque... fomos pa Cabo Verde, eu lembro-me da assistente social dizer “ah eles ficam com uma identificação entre eles, também em termos de cor”, e pronto depois saiu uma miúda... uma

miúda bastante clara... e das pessoas fazerem muita diferença ah... muita diferença... entre elas, e ainda hoje fazem, algumas pessoas ainda hoje fazem... ah... e pronto, depois os anos foram passando mas... mas ainda hoje fazem. Olhe há uma, Rita, há uma... uma reportagem, da TSF... muito interessante de ouvir, em que eu participei... que se chama “meu filho chocolate”, que é uma reportagem do João Paulo Baltazar... esta reportagem é de... eu acho que de 2007... eu acho que é de Novembro de 2007 ah... mas é uma questão de... de pesquisar que ela aparece. É muito gira a reportagem, ele fez um trabalho, eu na altura fazia parte da direcção da Bem Me Queres... a associação Bem Me Queres ah... e por isso é que na altura eu falei da Bem Me Queres, ah não tem de ter sido 2007, porque a Meninos do Mundo nasceu em 2008 portanto em... 2007, 2007... porque eu sei que aquilo foi pó final do ano, portanto em Novembro de 2008 a Meninos do Mundo já existia... mas oiça a reportagem que é muito gira, muito gira. Aquilo são várias pessoas que participaram, para além de mim ah... tá muito muito gira, foi muito bem alcançada aquela... aquela reportagem, e eu falo lá destas coisas ah... e eu quando ouvi a reportagem, quando me ouvi a mim própria... eu nunca me tinha ouvido a mim própria sobre estes assuntos não é... e eu pensei “meu deus, então é isto que me vai na alma” (riu-se). Porque eu quando me ouvi, foi o momento em que percebi... porque eu quando... quando falo destes assuntos... e especialmente quando são assuntos como estes, da rejeição e da forma como certas pessoas se comportaram mal... eu falo... assim, eu sou uma pessoa assertiva, pronto. Mas... em relação a estes assuntos, tal como o tráfico é uma coisa que... me vira do avesso (riu-se) ah... e eu lembro-me que na altura, a última pergunta que o João Paulo Baltazar me fez foi “porquê a adoção internacional?”... e eu já estava cansada de ouvir aquilo (riu-se)... e então dei-lhe a resposta “porque uma criança é uma criança em qualquer parte do mundo”, e depois lá disse outras tantas coisas, e quando nós desligámos ele disse-me (riu-se) “bem Leonor isso veio-lhe mesmo do fundo da alma”. E depois... eu quando ouvi a reportagem... é que percebi, eu assim... eina pa realmente... (riu-se) realmente quando eu abro a boca sobre estes assuntos... como é que não se há-de fazer um silêncio à minha frente... porque eu não deixo mesmo margens pra... pra... mas eu não tinha mesmo consciência disso... eu tinha consciência daquilo que sentia não é... mas eu não tinha consciência do que passava para as outras pessoas ah... e na, lembro-me... e lembro-me que eu ouvia essa reportagem que passou... eu não sei se se recorda era umas reportagens que passava na TSF, tinha, porque entretanto aquilo também acabou... e aquilo quando, sobre as mais variadas temáticas... e aquilo dava às oito da noite, depois repetia à uma, ou às duas da manhã... e depois repetia, acho que no dia a seguir, e eu nesse dia não ouvi às oito da noite, e quando cheguei a casa estive então a ouvir aquilo (riu-se), e enquanto ouvia, eu nessa noite dormi em casa dos meus pais, e então lembro-me tão bem, estava lá sentada no sofá a

ouvir aquilo e eu eina pa...(riu-se)... Portanto olhe Rita é assim, é uma boa coisa para ouvir, não só o meu testemunho como o testemunho das outras pessoas, e tá muito bem concebida, muito bem concebida... porque ele foi, ele depois pediu pa ir a casa... não falou com os miúdos, ele só queria era gravar ah... sons, de fundo, na nossa interação com eles... e elas eram pequeninas na altura, então em 2007... a Joana tinha... 5 anos, e a Inês tava com três... portanto eram muito pequeninas. Então ele gravou o chegarmos a casa e a... o banho... e eu tinha uma brincadeira muito engraçada, com elas ah... que era... “o que é que nós somos uma sem a outra?”, e elas respondiam “não somos nada”, “o que é que somos uma com a outra”, “somos tudo”, e... e depois havia a questão... porque a Joana pronto... na altura apercebeu-se que a Inês era mais clara que ela e tal, então era o pauzinho de... de canela... e o pauzinho de açúcar (riu-se) e elas acham muita... muita piada a isso. Pronto, isso tá lá, são essas pequenas coisas com elas que tão lá gravadas, mas é muito gira essa reportagem, eu, eu, que sou eu, que vivenciei isto tudo, e que...e que participei na reportagem, eu a... ainda hoje quando oiço aquela reportagem (riu-se), me emociono com a reportagem... tá mesmo muito bem conseguida, muito bem conseguida, portanto... é uma questão da procurar e... e pronto... mais alguma coisa?

E: Penso que está tudo.

MJ: Tá tudo pronto, tá bem, olhe se precisar de mais alguma coisa... pode ficar à vontade...

## Anexo B – Transcrição da entrevista de Bárbara

B: Ah...portanto...por noventa, talvez...não me lembro já quando é que foi, dois mil... noventa, noventa e sete, noventa e oito talvez... ou não...pera aí deixa ver que eu tenho de me posicionar no tempo... ah... não, em início de dois mil... portanto nós ah... tomámos a decisão de...ah... avançar para a adoção... tomámos a decisão de adoção internacional, logo de início... um dos motivos foi efetivamente um processo que na altura era menos demoroso e isto é claro uma decisão que uma pessoa toma e no dia a seguir queria já conseguir estar a concretizá-la, embora eu ache que também é importante haver uma gravidez de... de nove meses ou mais, porque a pessoa tem que ir... tem que se ir ajustando à... e adaptando à situação, mas também por um lado acho que isso só acontece quando somos mães e quando somos pais é que depois conseguimos... começamos a lidar com a situação...

E: Hum hum

B: Ah... pronto, o processo inicia-se, na altura já beneficiámos de um processo menos demoroso a nível da parte vá de aceitação... foram talvez seis meses... entre ah... entre a dar entrada aos papeis e a ficarmos aptos (E: hum hum) para a adoção... ah... como nós tínhamos optado logo pela adoção internacional e escolhemos logo um dos países com que Portugal tem acordo, que na prática são os PALOP (E: Sim) essencialmente... nós optámos logo por Cabo Verde...

E: Hum hum

B: E foi Cabo Verde que... que ficou decidido. Ah... como queríamos perceber um bocadinho como é que as coisas se passavam... pedimos apoio ah... não é aqui na...ah... o local é na Lapa...ah... já não sei qual é que... já não me recordo... nós não fazemos parte da Santa Casa da Misericórdia pela nossa morada... é na zona da Lapa que existe também uma... uma... algo idêntico à Santa Casa que trata todos os processos de pessoas que, neste caso, nós morávamos na linha, e continuamos a morar, e era onde pertencíamos... (E: Sim)

Ah... entretanto...ah... nós... ah... pedimos o apoio de um casal que também tinha adotado em Cabo Verde (E: Hum hum), para percebermos os passos que eles tinham dado... e tentarmos abreviar o processo... Ah... então com Cabo Verde, e eu acho que é importante, e continua a ser importante ah... constituímos um advogado localmente para nos apoiar... (E: Hum hum) Ao qual passámos uma procuração para nos apoiar em... na identificação ah... de... na abordagem junto a instituições ah... ou mães que muitas vezes eles conhecem que estivessem em ah... (E: Sim) interessados ou... neste caso ah... aptos para... para adoção porque eles conhecem sempre

casos ou então conhecem imensas instituições onde há crianças institucionalizadas e que estão em condições tanto para adoção nacional, que ocorre muito pouco em Cabo Verde, ou quase não ocorre (E: Claro...) o que acaba por acontecer são situações que acolhimento por parte de famílias e não propriamente adoção ah... e, ou então portanto a situação da adoção internacional. Pronto, o processo prolongou-se aí um bocadinho demais ah... tivemos dois anos à espera ah... com nenhuma praticamente ah... oportunidades ou... ou situações que tivessem surgido de hipótese de adoção, surgiu logo no início uma hipótese mas caiu logo por terra, que foi um casal de gémeos mas que um acabou por falecer porque tinham nascido prematuros portanto... e foi uma situação que... que não houve continuidade ah... até que nós decidimos ah... ir a Cabo Verde ah... conhecer a advogada ah... no processo também conhecemos ah... conheci eu, numa... numa viagem de comboio o Doutor Olavo, que é uma pessoa que ah... adotou em Cabo Verde (E: Sim) ah... e que muito simpaticamente, numa viagem de comboio que eu estava a fazer, do Porto para Lisboa, abordei-o, porque tinha lido uma entrevista sobre a adoção (E: Sim), que ele tinha adotado internacionalmente... assim porque se apaixonou... que acabou por ser um processo até contrário, que começou lá e que depois transitou o processo para Portugal (E: Hum hum) ah... e ele deu-me o contacto de uma outra advogada... portanto íamos munidos de muitas informações, advogada de cá, mais uma possível advogada que era essa, que talvez pudéssemos transitar a procuração para tentar abreviar o processo, pronto... e é aí que tudo se despoleta de uma forma um bocadinho mais rápida, porque quando chegamos lá visitamos mais do que uma instituição, na cidade da Praia, ah... mas logo na primeira instituição que visitamos ah... conhecemos as nossas filhas ah... fomos lá porque curiosamente tinha acabado de entrar na instituição uma criança com doze dias (E: Hum hum) ah... que podia ser uma hipótese de adoção mas entretanto claro que... ah... ao visitar as instalações ah... deparamo-nos com... primeiro com... a Madalena ah... que estava na cama e... que começou logo a olhar com aquele ar assim muito doce (riu-se) e... a presidente lá da instituição disse ah... ‘esta menina também poderá avançar para um processo de adoção internacional, temos que ver... mas ela tem uma irmã gémea’ ah... e... então apareceu a Catarina que era... e continua a ser completamente maluca e... e muito intensa em tudo e logo que apareceu, que estava noutra sala, agarrou-se assim ao pescoço do... do Paulo, do meu marido e... e então a presidente disse ‘ah vão para casa, vejam qual é o caso que eventualmente querem que se avance para uma possível adoção e depois digam-nos’, claro que nós não fomos... fomos para o hotel, não havia nada a pensar porque nós já tínhamos tomado a decisão naquele momento (E: Sim) ah... pronto, regressámos a Portugal porque todos o trémitos legais têm de se tratar ah... portanto... foram logo abordadas... ainda estávamos lá... a mãe da criança, nós não a conhecemos, para saber se ela autorizava, ela

autorizou... e então, portanto isto passou-se em abril... abril de 2005... 2007, 2007 ah... e nós regressámos... em junho ah... já com a documentação, mais ou menos tratada, porque ainda tivemos lá três semanas, porque fomos um bocadinho para tentar ficar com elas à nossa guarda, porque elas estavam um bocadinho doentes ah... e a advogada ia tentar ver se conseguia colocá-las à nossa guarda, mas como nós não tínhamos morada local não foi possível ficarmos como família de acolhimento e acabaram por ser três semanas intensas porque todos os dias nós visitávamos a instituição e toda aquela situação, que não é que seja muito muito degradante, mas é um bocadinho... (E: Claro) porque as crianças não vivem em condições ah... muito boas... a Catarina e a Madalena ah... tinham sete e oito quilos, respetivamente, com dois anos, a Catarina mal andava, porque passava muito tempo na cama ah... ambas passavam muito tempo na cama, eram umas sobreviventes, mas claro que tinham uma... um grande atraso ah... não comiam ainda alimentos sólidos, só comiam alimentos líquidos ah... teve que haver uma dieta de adaptação para... que rapidamente elas também entraram em todo o... em toda a normalidade... mas lembro-me perfeitamente de eu levar roupa de dois anos e depois tive de chegar cá e comprar roupa de três, seis meses que era o que lhes servia porque caía-lhes tudo... sapatos para puderem andar foi difícil de encontrar porque elas tinham o pé muito pequenino e para esse tamanho de pés as crianças habitualmente ainda não andam portanto foi assim um... uma aventura ah...

Pronto, ainda lá, essas três semanas penosas lá passam. Nós conseguimos efetivamente, junto depois do Tribunal ah... a documentação assinada pelos pais ah... da autorização. ah... de ambas as partes... viemos portanto a adoção ainda provisória, porque depois o processo torna a transitar para Portugal ah... e somos acompanhados, ou eramos na altura, não sei se o processo continua igual, durante sensivelmente seis meses em que uma assistente social faz, não muitas visitas, na prática nós visitamos, visitámos uma primeira vez fomos às instalações lá da Lapa ah... com as duas crianças, para elas verem como é que elas estavam ah... depois elas fizeram uma visita à nossa casa, para ver como é que as crianças estavam integradas (E: Sim) e... talvez uns... seis meses, não consigo precisar, a adoção torna-se definitiva ah... e pronto, e o processo encerra-se. Ah... claro que o processo podia ter sido mais célere se nós tomássemos a iniciativa de ir lá com... muito mais cedo, porque pelos vistos isto parece que pôs tudo assim de uma rapidez, mas também talvez se tivesse atrasado muito mais, se nós tivéssemos a aguardar, se não tivéssemos advogada acho que na altura, e não sei se agora, continuava a ser um processo muito complicado, porque estar a depender das instituições públicas para identificar crianças para adoção internacional, eu acho que é muito complicado... até porque eu ainda agora li recentemente que ah... houve algumas alterações à lei da adoção internacional (E: Hum hum) precisamente para defender os pais que estão em situação às vezes de guerra ou de... para evitar

secalhar algumas adoções que também não são... que não se explora até à última hipótese a possibilidade da criança ficar com os pais ou com a família, aqui não me parece que fosse nada disso, aquelas crianças e as nossas filhas e aquelas que estavam naquela instituição, havia muita criança que podia ter hipótese de outro tipo de vida... e... há ainda muito a... havia na altura, muito ah... aquele estigma de que 'ok eu até aceito a adoção, mas internacional e ir para fora, elas são cabo verdianas e ficar cá muito bem, ir para outro país já não é tão bem assim...', ah... acho que como é óbvio o facto de termos uma advogada a tratar foi muito melhor e... e permitiu agilizar muito mais o processo... a presidente da instituição também simpatizou connosco, porque eu acho que tudo são situações um bocadinho da cor da pele, entre aspas, se a pessoa não consegue ir ao encontro depara-se com uma série de dificuldades e talvez as coisas se compliquem ah... mas, quer dizer, foi um final feliz porque elas tiveram uma adaptação ah... muito boa. Recordo-me do dia em que chegaram, no dia 17 de junho, de 2007 e nós... a família foi toda busca-la a aeroporto ah... elas chegaram, as avós tinham feito uma sopa para elas, elas comeram a sopa... e deitaram-se a dormir a sesta como se tivesse sido sempre ali a casa delas ah... mãe e pai foi uma palavra que elas também rapidamente também passaram a dizer sem... sem grande dificuldade e... eu acho que foi um processo tão natural que eu nem me recordo muito bem de quando é que isso aconteceu porque eu acho que elas nos adotaram em pleno logo de início porque tinham uma, tinham muita necessidade de afeto, portanto elas foram crianças que segundo o que percebemos ah... a nível da... porque nós fomos duas vezes com elas ao pediatra enquanto elas tiveram lá ah... e naqueles três meses de espera porque elas estavam com problemas intestinais que na altura ah... estupidamente achavam, no caso de uma delas que era um problema, que era epilepsia porque ela dava-lhe umas cólicas tão grandes que ficava toda esticada e eram uns espasmos e não propriamente uma situação... então estava a tomar medicação para epilepsia, uma coisa completamente ridícula, mas uma das pediatras, ou uma das vezes que fomos à pediatra, a pediatra disse 'ah eu conheço... sei quem elas são, porque eu já as atendi nas urgências, porque elas tinha sido abandonadas por mais que uma vez na rua e por mais do que uma vez tinham dado entrada na instituição', porque a mãe, segundo o que eu percebi já... portanto vivia já... naquela altura uma relação ah... com uma pessoa, que uma das condições era ela não estar com os filhos porque senão... e então ela rapidamente despachou o que tinha a despachar ah... e elas penso que tiveram, ainda não tinham dois anos a última vez que ficaram na instituição ah... penso que estavam desde janeiro e ficaram, portanto até julho que foi quando nós as fomos adotar... pronto conviviam ali com miúdos, claro tudo carenciados, algumas situações intermédias, portanto aquelas em que as crianças estavam mesmo lá entregues porque não estavam identificadas, não havia visitas de nem ai nem mãe (E: Sim), que era um

bocadinho o caso delas ah... havia depois casos de crianças que só permaneciam durante a semana, cujo objetivo era um bocado criar-lhes... uma infância normal ou permitir o acesso à escola porque se elas ficassem em casa não iriam frequentar a escola porque os pais não tinham essa consciência de que deviam de criar toda essa oportunidade às crianças ah... e depois ao fim de semana iam para casa, e os miúdos que simplesmente estavam lá em horário diurno ah... quase como se um colégio se tratasse ah... iam à escola, ali deviam de fazer as refeições que eram possíveis, porque também aquilo era uma desgraça, ah... e depois regressam ao fim do dia a casa, portanto havia todo esse sistema (E: Hum hum), mas claro uma carência brutal porque os miúdos, criámos laços muito fortes com eles, e porque como fomos pela segunda vez já fomos um bocado munidas de brincadeiras, de jogos, uma série de coisas, e como visitávamos a instituição todos os dias criou-se ali um laço muito forte, principalmente com os mais velhos que ah... já tinha uma noção dos bons momentos que podiam passar e porque... estavam um bocado privados disso porque a instituição ah... só lhes proporcionava assim... dias mais agradáveis, com acesso a brinquedos, quando muitas vezes haviam visitas porque de resto os brinquedos estavam fechados numa sala (E: Pois...)... porque secalhar eles estragavam um bocado as coisas e era ridículo mas... mas os miúdos não tinham acesso a nada, portanto andavam a brincar com cabeças de bonecos, com braços de bonecos, era um bocadinho isto... e depois era um bocadinho ah... era uns cuidavam dos outros, eu lembro-me de durante esse período que passei lá, da bebé de doze dias andar ao colo de miúdos de seis e de sete anos que andavam com ela por ali como se fosse um boneco, portanto ah... não havia condições e não... sentia-se que não havia ali um acompanhamento por parte de auxiliares ah... pronto... que conseguisse controlar aquilo... uma das auxiliares que lá andava, o filho dela também andava por ali e andava na mão dos miúdos de um lado para o outro, tipo um bebé de três meses, uma vez vi-o a cair do carrinho, portanto tudo coisas que uma pessoa pensava 'opa quero-me ir embora daqui rapidamente' mas... pronto acabou em bem. Claro que agora... a adaptação ah... tem sido muito boa ah... existe um bocadinho às vezes a ideia de voltar ao processo, mas eu não sei, uma delas diz que gostava, a outra diz que não sabe muito bem se quer... portanto eu tenho um bocado de medo da reação delas e depois eu também já tenho uma idade que não sei se me apetece voltar ah... a bebés ou a fraldas, ou um bocadinho mais velhos que sejam, não sei se me apetece, não sei, há um misto... há um misto de sentimentos (riu-se), e porque tenho medo que possa haver alguma reação da parte delas e as coisas têm corrido todas tão bem que eu não quero que elas se sintam de certa forma fragilizadas com este processo, com um processo de um irmão ou irmã que possa vir ah... já ponderei várias vezes isso, mas nunca voltámos a concretizar e eu acho que vamos ficar... vamos ficar por aqui e tamos... tamos muito bem porque elas precisam

muito ainda do nosso apoio e pronto... não sei quanto tempo é que estaríamos à espera e eu também era um bocado a decisão do fazer, gostaria que o processo fosse célere, e não propriamente ter que esperar mais dois ou três anos, porque já tenho quarenta e cinco, quase a fazer quarenta e seis e realmente depois há certas coisas que eu acho que tornam-se um bocadinho mais complicadas ah... Elas têm-se adaptado bem, claro que muito cedo se depararam com a... a origem delas por causa da cor ah... mas tudo foi passado de uma forma tranquila, claro que inicialmente de uma forma mais infantil e... e ainda não é, porque elas têm dez anos ah... mas sabem perfeitamente de onde é que vieram (E: Hum hum), questionam às vezes algumas coisas mas... não... não me pedem, quer dizer eu também não tenho fotografias, não tenho nada, mas tenho a plena consciência de que mais tarde elas quiserem visitar Cabo Verde tão no seu direito e... e deverão fazê-lo, acho é que as vivências são tão diferentes que... eu acho legítimo elas poderem querer conhecer os pais biológicos, se eles ainda existirem, ah... mas acho que a vida dela, delas é tão diferente e tão rica do que eventualmente elas teriam lá infelizmente, porque o pai, segundo parece, vivia na rua... portanto são situações complicadas mas... quer dizer... o futuro a Deus pertence e não sei o que poderá vir a acontecer portanto tou tranquila, e também se elas tiverem bem eu também tou bem portanto... não me preocupo muito com isso agora neste momento ah... na escola ah... claro que tiveram num colégio, que isso ainda continua a acontecer um bocado, que eu às vezes me preocupava um bocado porque elas andaram até ao ano passado, foi quase o colégio que tiveram a vida inteira, só tiveram um primeiro ano numa creche, dos dois para os três anos e depois transitaram logo pronto, eu não lhe disse, pronto eu adotei com dois anos, portanto adoptei-as com dois anos... (E: Sim) ah... transitaram para o colégio que saíram o ano passado, foi uma grande choradeira porque foi quase o tempo todo de... de convívio delas ah... mas não havia quase crianças de cor, é uma coisa terrível mas isso às vezes pode ser um bocadinho complicado, mas não houve qualquer tipo de... de vá... de racismo que eu sinta, ou que elas sintam, claro que há um mundo muito... muito barbie à volta e claro que os estereótipos de beleza delas muitas vezes se associam à... ao louro, ao cabelo liso, que houve uma altura que me pediram, mas muito curiosamente, e embora isto elas não vejam novelas, mas eu gosto muito da... da Ana Sofia Martins que é aquela modelo que agora faz um papel de protagonista na novela da SIC e que é, eu acho-a muito bonita e que ela... ah... é uma defensora como é óbvio da... da beleza africana e dos cabelos afro, e tem conseguido algumas conquistas, nomeadamente é assim, ela... a Catarina neste momento já tem uma juba fantástica ah... (riu-se) a Madalena não tanto, mas tem os seus caracóis, mas gosta de ver o cabelo assim mais esticado, mas acho que elas pronto... gostam delas, acham-se bonitas, e... e isso é algo que às vezes me preocupa, porque a pessoa só quando e depois tem filhos ah...

de cor, é que se começa a preocupar às vezes com algumas situações de racismo que ainda estão patententes e... e existem em alguns meios. Até agora não senti nada, nem senti da parte delas nenhum problema, mas vou acompanhando porque é algo que me preocupa porque isso às vezes ainda existe ah... pronto no início lembro-me de ah... elas com quatro ou cinco anos de... um amigo, mas claro com ingenuidade da altura dizer 'você vem de outro planeta', porque eles estavam a dar um bocado os continentes e depois havia aquela associação que determinados continentes as pessoas tinham uma cor de pele assim ou assado, portanto aquilo dos continentes voltou, virou para outro planeta em vez de ser continentes (riu-se) ah... mas pronto sempre conviveram na boa... agora nesta escola há mais misturas de... nacionalidades, que é bom porque eu acho que... que faz falta também, faz-lhes falta também e... e é um processo que... vale a pena, vale a pena embora eu ache que ah... agora esta situação que agora alterou, que se alterou a nível da adoção internacional... ah... eu percebo que secalhar tem como objetivo ah... defender algumas situações que secalhar eram abusivas em certas... em certas ah... alturas... ou para certas ah... sei lá... como tinha falado de... de países que estejam em guerra, etc., e que as pessoas se aproveitam um bocadinho para... para... sem grandes preocupações ah... avançar para uma adoção e os pais nem têm quaisquer condições de poder ah... dizer um não porque... agora... às vezes depois há situações que se complicam sem necessidade, porque por exemplo há tanta coisa a fazer, pena também tenho de não ter conseguido em Portugal, eu nem sequer ah... nem sequer tentei... confesso... porque Portugal, e nacional... porque eram períodos muito longos e isso eu acho que realmente é uma... não sei... continuo a achar que existe tanta criança em condições de adotar... Claro que depois vêm aqueles defensores de que as pessoas querem... querem adotar um menino de olhos azuis, tudo de... tudo com saúde, quer dizer é óbvio que nós, para os nossos filhos biológicos, de adoção, coração o que seja, porque para mim não tem, não há distinção, queremos como é óbvio uma criança saudável (E: Claro), eu confesso que não sou... não sou ah... não vou dizer que para mim era indiferente receber uma criança saudável ou com problemas de saúde, porque não era, isso era ser hipócrita se o dissesse, e claro que acho que também é muito mais fácil a adoção de uma criança pequena, do que claro uma criança já com uma determinada idade, e personalidade já definida e com algumas... com alguns já ah... lembranças menos boas ah... é... secalhar é um desafio muito maior e... mas... era... foram as nossas primeiras filhas e... e uma das prioridades era que efetivamente não tivessem mais, eu não sei se na altura pusemos três ou quatro anos ah... porque achávamos que... era mais fácil e seria... e seria um desafio que ah... que nós... era algo que nós também queríamos, é óbvio que toda a gente ambiciona ter um bebé... etc., pronto (riu-se). Mas... claro que uma situação de cinco, seis anos aparecesse não íamos dizer que não, mas como nós temos que definir isso na

documentação que preenchemos, colocámos como prioridade... embora a questão da cor não fosse de todo um problema para nós, agora de saúde eu não vou dizer que não embora... perceba, e tiro o chapéu a quem realmente tem coragem de adotar crianças com deficiências físicas ah... mentais... porque é um processo muito complicado, mas não... não estava... de todo... na nossa... e acho que também há tanta criança nessas condições ah... sem problemas físicos, etc., que podem perfeitamente ser adotadas, agora percebo... percebo que às vezes vêm aquelas hipocrisias de que são estrangeiros que muitas vezes vêm adotar crianças com problemas com deficiências etc.... percebo, mas pronto não... não subscrevo essa situação porque não era para mim uma vida de uma pessoa... de um casal, modifica-se radicalmente com uma criança com problemas ah... de... de deficiência ah... ninguém pode dizer que está preparada, como ninguém pode dizer que está preparada para uma... para os filhos que chegam, porque eu acho que tudo o que acontece, acontece depois quando eles estão nos nossos braços portanto é... é assim... portanto é o dia a dia, claro que, por exemplo no nosso caso, foi de dois para quatro... em que de repente a pessoa... eu perdi completamente a autonomia, eu havia certas coisas que não conseguia fazer sozinha não é... uma simples ida ao supermercado era uma aventura ah... quando saía sozinha com elas, depois elas adormeciam no carro e eu assim ‘aí e agora o que é que eu vou fazer?’, agora tenho... o que vale é que na altura vivia numa casa que tinha ah... uma garagem box em... em que já era dentro do prédio e... quando isso acontecia, tipo ia a correr com uma no colo, deitá-la na cama, e depois vinha a correr buscar a outra, porque era uma sensação do género, é uma sensação de uma pessoa de repente precisar, como é óbvio tive um apoio muito grande, e continuo a ter, dos meus pais e dos meus sogros ah... e que me acompanharam nessa fase de licença... em que eu tive... de licença de maternidade ah... acompanharam-me diariamente, porque realmente a pessoa aí nessa fase é... é, pronto só não existe realmente a situação do amamentar, que ainda mais complicado é, mas elas eram... eram crianças de biberon, e de colo ah... e... muito pequeninas, portanto muito pequeninas. Mas pronto, agora estão umas calmeironas, uma delas então... tá enorme, tá enorme e estão... já estão perfeitamente ah... há muito tempo que estão adaptadas mas pronto é isto... foi esta a nossa história e... e acho que... que... e voltava a repetir ah... só a idade me faz ponderar ah... eventualmente voltar a repetir a experiência mas... mas é muito bom e... e é assim... eu na altura podia ter filhos biológicos... mas tivemos sempre o interesse ah... em adotar... e a adoção acabou por acontecer mais depressa ah... do que a possibilidade de um filho biológico, porque... ainda não tinha conseguido, mas não era uma situação que me tivessem dito que eu não podia, não estava fácil... mas a ideia era adotar ah... uma criança... e depois ter um filho biológico ah... a vida deu algumas voltas ah... porque eu depois tive uns problemas de saúde e... e não

posso ter filhos ah... mas... ah... ainda bem, porque se não tivesse tomado essa decisão secalhar teria tomado na mesma a adoção, mas foi... foi uma situação que... que ficou por aqui e... e não houve filhos biológicos e não me sinto, de todo, incompleta, aquela situação da pessoa ahh... não tem nada a ver, não tem nada a ver, é realmente uma paixão e uma ligação como com um filho biológico, igualzinho, portanto é... é igual, é o que se sente é igual ah... e como é óbvio há muitos casos de crianças, de pais que tem filhos biológicos e filhos adotados e... e vivem todos alegremente ah... felizes, e relacionam-se todos muito bem e... e acho que é uma experiência que é muito boa, é muito boa... pronto... não sei se mais alguma coisa... mas acho que já dei...

E: Sim acho que disse o principal, há só uma questão... o que é que sentiu quando as trouxe para cá... no dia em que as trouxe?

B: Hum hum... é assim eu acho que quando...quando nós adotamos estamos... o que eu senti é que estamos a viver um processo tão intenso que eu ah... para já não me apercebi 'e se isto vai correr mal e etc.', portanto eu só via ah... as minhas filhas, que precisavam muito de mim e... quer dizer quando cheguei senti um alívio muito grande de chegar a Portugal, porque nós tivemos lá três semanas e queríamos era... era estar no seio da família e apresentar as nossas filhas mas... eu o que senti foi uma grande alegria de realmente ter conseguido concretizar aquilo que nós ambicionávamos já há muito tempo mas... toda a parte vá... ah... de preocupações, ou de não adaptação nunca passaram pela minha cabeça, aliás os meus sogros contam-me quando nós ah... quando nos viram chegar... que olharam para as netas ah... e a minha sogra (E: Hum hum), principalmente, que é toda muito preocupada etc., olhou e viu a Catarina, principalmente porque a Catarina, a Madalena tinha o cabelo muito curtinho, mas a Catarina tinha já um cabelo afro ah... assim que a cabeça era maior que o resto do corpo e... ela nem se endireitava na cadeira, ficava assim meia torta na cadeira porque ainda não conseguia andar bem e... e a minha sogra ficou extremamente preocupada... porque efetivamente eram crianças subnutridas, mas eu olhava para elas e não achava que as crianças fossem subnutridas ah... zero... mas realmente eram, a Catarina tinha uma barriga assim daquelas barrigas subdesenvolvidas (E: Sim) etc., mas quer dizer a pessoa está envolvida num processo tão intenso que não se apercebe de nada disso, portanto eu para mim... elas eram normais... e eram, eram as minhas filhas, portanto eram mais pequenas do que as outras, vestiam roupa de três meses e tinham dois anos, mas para mim tudo bem, portanto eram as minhas filhas ah... e nem me apercebia de nada disso. Agora mais tarde quando vejo algumas fotos, vejo que realmente elas eram muito pequeninas, e principalmente quando estávamos no aeroporto e ela tinha as tais, umas *leggings* supostamente de dois anos, e as *leggings* caíam-lhe pelas pernas abaixo e ficavam com as fraldas de fora (riu-se) mas... foi uma

sensação muito boa quando... quando chegámos e entrar em casa e todo esse processo, elas realmente adormeceram tranquilamente e começaram a fazer noites ótimas ah... só havia claro, a Catarina que sempre foi ah... a mais agitada e que conseguia saltar para a cama da irmã e puxar-lhe cabelos e dar beliscões, sempre foi assim a vida toda era... era quando veio e continua a ser, de vez em quando dá uns apertos à irmã que a irmã chora, mas... mas é a vida que ela tem, que é extremamente ativa e... e que... e enérgica, e de vez em quando tem de descarregar um bocadinho (riu-se) mas... mas está... mas foi bom, foi bom, foi um processo muito engraçado aquela, a chegada, foi sim senhor... mais algumas questões que não tivesse respondido?

E: Não, penso que disse tudo. Obrigada.

B: Pronto espero que contribua para uma boa tese de mestrado.